Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Gilson José dos Santos

"SERMÃO DO DIA DE CINZA", DO PADRE ANTÔNIO DE SÁ: EDIÇÃO E ESTUDO CRÍTICO.

Belo Horizonte
2006

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Gilson José dos Santos

"SERMÃO DO DIA DE CINZA", DO PADRE ANTÔNIO DE SÁ: EDIÇÃO E ESTUDO CRÍTICO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Área de Concentração: Literatura Brasileira

Orientador: Prof. Dr. José Américo de Miranda Barros

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2006

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

DEDICATÓRIA

Ao professor José Américo de Miranda Barros – por haver me iniciado na Crítica Textual e pela incansável orientação –, eu dedico esta dissertação.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Romeu Pereira dos Santos e Geralda Pinheiros dos Santos, pelo amor e cuidado que sempre demonstraram por mim.

À minha esposa, Diana Gois da Costa, o apoio e a compreensão em todos os momentos da minha vida.

À amiga Rita de Cássia pela ajuda nos momentos difíceis.

À Secretaria da Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, agradeço as orientações e o apoio.

Às bibliotecárias Júnia Lessa França e Rosângela Borges, agradeço as orientações e informações.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

RESUMO

A dissertação apresenta uma nova edição, confiável para ler e trabalhar, do “Sermão do Dia de Cinza”, do Padre Antônio de Sá – elaborada por Gilson José dos Santos, sob orientação do professor José Américo de Miranda Barros –, bem como um estudo crítico desse sermão, no qual as qualidades literárias do texto são ressaltadas como uma das justificativas para sua retomada (reedição). Antes, porém: as edições e os exemplares com que o pesquisador trabalhou são descritos e os critérios que nortearam o estabelecimento da nova edição são apresentados. Após o texto editado e o seu estudo crítico, reproduz-se uma breve cronologia da vida do padre com alguns dados biobibliográficos relevantes para a contextualização das edições. Também há um pequeno glossário, comentando alguns aspectos (certas construções gramaticais, palavras etc.) da edição príncipe do sermão. Por fim, as figuras anexas assinalam a possível existência de diferentes estados da edição **A**, atestam a corrupção do exemplar da edição **A**, estado **A2** e reproduzem as folhas de rosto das edições **A** (estado **A2**), **B**, **C** e **D**.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

RESUMEN

Esta disertación presenta una nueva edición, confiable para leer y trabajar, del “Sermón del Día de Ceniza”, del Padre Antonio de Sa – elaborada por Gilson José dos Santos, bajo orientación del profesor José Américo de Miranda Barros –, así como un estudio crítico de ese sermón en el cual las cualidades literarias del texto son resaltadas como una de las justificativas para su retomada (reedición). Antes, sin embargo: las ediciones y los ejemplares con que el pesquisidor ha trabajado son descritos y los criterios que nortearon el establecimiento de la nueva edición son presentados. Tras el texto editado y su estudio crítico, se reproduce una breve cronología de la vida del padre con algunos datos biobibliográficos relevantes para la contextualización de las ediciones. También hay un pequeño glosario, comentando algunos aspectos (ciertas construcciones gramaticales, palabras etc.) de la edición inicial del sermón. Al cabo, las figuras anexas señalan la posible existencia de diferentes estados de la edición **A**, atestiguan la corrupción del ejemplar de la edición **A**, estado **A2** y reproducen las hojas de rostro de las ediciones **A** (estado **A2**), **B**, **C** y **D**.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9

2 HISTÓRIA EXTERNA DO TEXTO 13
2.1 Estema: o arquétipo e as edições do sermão. 16
2.2 Escolha do texto-base 17

3 CRITÉRIOS ADOTADOS PARA O ESTABELECIMENTO DO TEXTO 19
3.1 Texto-base 20
3.2 Paragrafação 20
3.3 Variantes 20
3.4 Pontos de intelecção obscura 20
3.5 Passagens em latim 20
3.6 Pontuação 20
3.7 Iniciais maiúsculas 21
3.8 Ortografia 21
3.8.1 Foram respeitados 21
3.8.1.1 Arcaísmos 21
3.8.1.2 Oscilações 21
3.8.1.3 Formas apocopadas 21
3.8.1.4 Emprego de ectlipse 21
3.8.2 Foram atualizados 21
3.8.2.1 Fatos essencialmente gráficos 21
3. 8.2.2 Fatos gráficos que envolvem fatos de língua (possíveis ou reais) 22
3.8.2.3 Acentuação gráfica 24
3.8.2.4 Crase 24
3.9 Intervenções no texto 24
3.10 Notas de outro autor 25
3.11 Nomes próprios 25
3.12 Observação sobre casos não anotados em rodapé 25

4 “SERMÃO DO DIA DE CINZA”: FAC-SÍMILE E TEXTO EDITADO. 26

5 ESTUDO CRÍTICO DO “SERMÃO DO DIA DE CINZA”:

UM CASO DE ESTRUTURA CORRELATIVA. 100

5.1 Epígrafes, Exórdio e Partição 101
5.2 Ordenação Correlativa e Desenvolvimento da Argumentação 104
5.2.1 O Termo Identificador 107
5.2.2 Disseminação 109
5.2.3 Primeira Recolha 120
5.3 Retorno do Termo Identificador 121
5.4 Argumentação Complementar 122
5.5 A Última Recolha 125

6 CRONOLOGIA DA VIDA DO PADRE ANTÔNIO DE SÁ 128

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

7 REFERÊNCIAS 132

8 GLOSSÁRIO 140

ANEXO A – Folha de rosto do “Sermão do Dia de Cinza” (Estado A2, edição **A**) **..... 148**

ANEXO B – Página do “Sermão do Dia de Cinza” que contém a palavra “desprezados” (Estado A2, linha 8) em substituição à “prezados” (Estado A1) **..... 149**

ANEXO C – Página danificada da edição A (estado A2) 150

ANEXO D – Outra página danificada da edição A (estado A2) 151

ANEXO E – Folha de rosto da edição **B** (1673) **..... 152**

ANEXO F – Capa dos *Sermões Vários* (1750) **..... 153**

ANEXO G – Primeira página do “Sermão do Dia de Cinza” nos *Sermões Vários* (edição **C**) **..... 154**

ANEXO H – Folha de rosto da edição **D** (1924) **..... 155**

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

1 INTRODUÇÃO

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Esta dissertação apresenta dois capítulos nucleares – o capítulo 4 (“Sermão do Dia de Cinza”: Fac-símile e Texto Editado) e o 5 (Estudo Crítico do “Sermão do Dia de Cinza”). Os demais capítulos são complementares e, por isso, têm suas posições definidas pelos capítulos 3 e 4. Este capítulo 1 – Introdução – é uma breve descrição da dissertação. Os capítulos 2 e 3 preparam a apresentação do sermão (capítulo 4) que é analisado no capítulo seguinte (5). O capítulo 6 registra os dados biográficos principais da vida do padre. Após as Referências bibliográficas obrigatórias (“capítulo” 8), o capítulo 9 – Glossário – discute algumas particularidades lexicais e ortográficas e, ainda, certas construções gramaticais do texto editado. Por fim, duas figuras seguem anexas à dissertação – a folha de rosto do estado **A2** da edição príncipe e uma página desse mesmo estado –, importantes como evidências da existência de pelo menos dois estados da edição príncipe (**A**).

O capítulo 2 – História Externa do Texto do “Sermão do Dia de Cinza” – informa ao leitor o número de edições do sermão, os dados gerais de cada edição, o estado em que se encontra cada exemplar utilizado no trabalho e a árvore genealógica (estema) do texto.

O capítulo 3 – Critérios Adotados para a Edição do Texto – indica o texto tomado como base (estado **A1** da edição príncipe) e apresenta ao leitor as normas e convenções adotadas na edição do texto do sermão.

O capítulo 4 – “Sermão do Dia de Cinza”: Fac-Símile e Texto Editado – apresenta a nova edição do sermão. Inicialmente, a proposta era a de fazer uma edição fidedigna, mas a nova edição – a crer na definição de edição fidedigna que Antônio Houaiss nos dá – ultrapassa os limites da proposta inicial:

> Tal texto idôneo, fidedigno – não propriamente crítico –, deve basear-se nos seguintes princípios: 1º) deve ser calcado sobre um único exemplar-fonte – que a história externa do texto determinará pura e simplesmente como base; 2º) deve ter uma indicação prévia do critério que presidiu ao seu estabelecimento, critério em que se porão de manifesto quais as regras ecdóticas que foram observadas e quais deixaram de o ser; 3º) dispensará o aparato crítico indicado de variantes e discrepâncias, mas poderá encerrar um sucedâneo desse aparato, para o fim informativo fundamental que orientar sua

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

> publicação, com a indicação, se for a interpretação diferente do texto estabelecido, do ponto de vista conceitual e nocional.[1]

A nova edição, pelo seu processo de tratamento editorial – a colação, o estema das edições e a interpretação de passagens obscuras –, aproxima-se do que seria uma edição crítica.

Pareceu apropriado ao editor fazer o texto editado corresponder, linha a linha, com o fac-símile do texto tomado como base (Estado **A1** da edição príncipe). Se essa opção prejudicou a apresentação visual do texto editado, a presença do fac-símile, permitindo a consulta fácil do leitor ao exemplar que nos serviu de base, justifica a disposição do texto, desalinhado na margem direita.

No capítulo 5 – Estudo Crítico do "Sermão do Dia de Cinza" –, realizamos um levantamento analítico de elementos internos do sermão, sobretudo os ligados à disposição de paradigmas gramaticais ao longo do texto. Também procuramos ressaltar as qualidades literárias do texto – a sua linguagem e a elegância de seu estilo – a fim de valorizá-lo como obra de arte representativa da produção literária do Período Colonial.

No capítulo 6 – Cronologia da Vida do Padre Antônio de Sá –, as informações biográficas marcantes da vida do padre são apresentadas, bem como as notícias relevantes para a contextualização das edições do "Sermão do Dia de Cinza".

No "capítulo" 7 – Referências –, apresentamos a bibliografia efetivamente consultada e estudada durante a pesquisa.

No capítulo 8 – Glossário e Discussão de Alguns Aspectos Lingüísticos –, analisam-se certas particularidades sintáticas e lexicais do texto, assim como o emprego de algumas letras.

Os anexos trazem as duas seguintes imagens: a folha de rosto do "Sermão do Dia de Cinza" (Estado **A2** da edição príncipe) e a página do "Sermão do Dia de Cinza", que contém a palavra "desprezados" (no estado **A2**, linha 8) em substituição a "prezados" (no estado **A1**).

Os resultados principais de nossa dissertação são quatro. O primeiro, a elaboração de uma edição fidedigna do "Sermão do dia de Cinza", do padre Antônio de Sá, iniciando assim a recuperação da obra do padre a partir de seu texto mais conhecido

[1] HOUAISS, 1983. p. 273-274.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

e elogiado. Um segundo resultado, a contribuição para a revisão e uma avaliação mais justa da Literatura Brasileira – particularmente a do Período Colonial. O terceiro, os estudos de crítica textual e a realização concreta de um trabalho de edição de texto, segundo os métodos e normas edóticos, que preparam o editor para desenvolver pesquisas nessa área. Por fim, a descoberta de um segundo estado (que chamamos **A2**) da edição príncipe (**A**). A existência desse estado não é mencionada por nenhum dos bibliógrafos que tratam da obra do padre.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

2 HISTÓRIA EXTERNA DO TEXTO

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

O "Sermão do Dia de Cinza" tem quatro edições conhecidas[2]: a primeira é de 1669; a segunda, de 1673; a terceira está incluída na edição dos *Sermões Vários*, publicados em 1750; e a quarta, no volume *Antônio de Sá*, da Estante Clássica da *Revista de Língua Portuguesa*, de 1924. As edições estão mencionadas abaixo, antecedidas cada uma da sigla remissiva que as identifica:

A: *Sermão do Dia de Cinza*, que pregou o Padre Antonio de Sá, da Companhia de Jesus e pregador de Sua Majestade na Capela Real. Lisboa, na Oficina de João da Costa, à custa de Miguel Manescal, mercador de livros na Rua Nova, em 1669, com todas as licenças necessárias. *in* 4º, 34 p.

B: *Sermão do Dia de Cinza*, que pregou o Padre Antônio de Sá, da Companhia de Jesus e pregador de sua Majestade na Capela Real. Coimbra, na Oficina de Rodrigo de Carvalho Coutinho, em 1673. *in* 4º, 22 p.

C: *Sermões Vários*, do Padre Antônio de Sá da Companhia de Jesus, oferecidos ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Marquês de Marialva por Manuel da Conceição. Lisboa, na Oficina de Miguel Rodrigues, Impressor do Eminentíssimo Senhor Patriarca, em 1750. *in* 4º. 312 p.

D: *Antônio de Sá*, volume XII da "Estante Clássica" da Revista de Língua Portuguesa, dirigida por Laudelino Freire. Rio de Janeiro, 1924, introdução e anotações de João Luís de Campos. O volume é uma coletânea de cinco sermões do padre, apresentados nesta ordem e com base em edições indicadas entre parênteses: a) *Sermão do Dia de Cinza*. Coimbra, 1673. (2ª edição); b) *Sermão à Justiça na Bahia*. Coimbra, 1686. (3ª edição); c) *Sermão dos Passos*. Coimbra, 1689. (2ª edição); d) *Sermão da Conceição da Virgem Maria, Nossa Senhora*, pregado na Igreja Matriz do Recife, Pernambuco, no ano de 1658. Coimbra, por José Ferreira, em 1675. (1ª edição); e) *Sermão de S. José*. Coimbra, 1675. (1ª edição).

A folha de rosto da edição príncipe (**A**) traz a data da impressão (1669), sem indicação do ano em que foi pregado o sermão. Serafim Leite (*História da Companhia de Jesus*, t. IX, p. 106-107) informa-nos que o padre estivera em Portugal entre 1662 e 1665, quando pregou na Capela Real.

Essa primeira edição (**A**) possui dois estados, que convencionamos chamar **A1** e **A2**. No primeiro não faz parte esta expressão, acrescentada, posteriormente, ao

[2] A bibliografia do padre deve ser lida em Rubens Borba de Moraes (*Bibliografia Brasileira do Período Colonial*, 1969, p. 312-315.)

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

que consta do título, no estado **A2**: "e pregador de Sua Majestade". Há ainda uma outra pequena diferença entre os estados: no parágrafo 7, onde se lê "prezados" (em **A1**) foi corrigido para "desprezados" (em **A2**). O exemplar de **A1** encontra-se na Biblioteca Nacional de Lisboa. Adotamo-lo como texto-base por estar em boa condição física. O exemplar de **A2** encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O exemplar está gravemente danificado: há partes arruinadas devido à ação das traças e à fragilidade natural do papel envelhecido.

A segunda edição (**B**) é a última em vida do autor. Como não há registros sobre as atividades do padre entre 1671 e 1674, é possível que estivesse em Portugal em 1673, quando fora reeditado o texto. Um de seus sermões diz que foi pregado na Freguesia de São Julião, no ano de 1674. Se se trata da igreja deste nome em Lisboa, infere-se que tenha retornado a Portugal (Serafim Leite, *op. cit.*, p. 107).

A cópia (de **B**) que possuímos foi adquirida na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O texto está corrompido em alguns trechos, com vazamento da tinta de um lado para o outro em duas folhas – quatro páginas. Essas páginas correspondem aos parágrafos 3 ao 12 do sermão. A leitura difícil desse trecho é a provável causa de alguns dos erros da edição **D**, que se compôs a partir, muito possivelmente, desse único testemunho.

A terceira edição (**C**) está no volume em que se reúnem pela primeira e única vez todos os dezessete sermões do padre. A colação dos textos mostrou que o texto-base adotado nesta edição foi o da edição príncipe. O livro tornou-se raro em conseqüência de incêndio subseqüente ao terremoto de 1755, que destruiu quase todos os exemplares da edição na casa do livreiro em Lisboa, segundo nos informa Inocêncio Francisco da Silva[3].

Na terceira edição, na página em que começa o "Sermão do Dia de Cinza", logo abaixo do título, há uma informação incorreta, e que não aparece na folha de rosto das edições anteriores do sermão. Diz-se que foi pregado em 1669. O equívoco deveu-se ao desconhecimento da biografia do padre pelos editores, que tomaram por data da pregação a da primeira impressão. (Ver Cronologia, pp. 128-131, desta edição.)

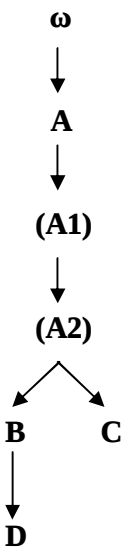
[3] SILVA, 1858, p. 262-263.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

A quarta edição (**D**) foi dirigida por Laudelino Freire e saiu em 1924. A folha de rosto parece ser uma contrafação da folha de rosto da segunda edição **B**[4]. O texto é uma cópia do exemplar de **B** que se encontra na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A leitura equivocada que os editores de **D** fizeram de certas palavras ou letras, principalmente entre os parágrafos 3 e 12, onde o exemplar **B** apresenta folhas vazadas, e o exame sistemático dos erros comuns nas quatro edições, demonstraram que em **D** não há contaminação por **A** ou **C**.

2.1 Estema: o arquétipo e as edições do sermão.

O estabelecimento do estema ocorreu simultaneamente à colação dos textos e à escolha do texto-base. As variantes e os erros comuns às edições foram registrados em uma tabela, com base na qual estabelecemos a genealogia dos textos, que pode ser assim representada:



A tradição direta do sermão é constituída dos quatro testemunhos existentes (**A**, **B**, **C** e **D**) e um testemunho perdido (**ω** = arquétipo ou manuscrito do autor): o texto

[4] Engano notado pelo professor José Américo Miranda, ao comparar a folha de rosto das duas edições.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

originalmente pregado e encaminhado para impressão (com provável correção do padre). A edição príncipe (**A)** – em seu estado **A2** – deu origem a **B** e a **C**; e **B** originou **D**. No processo de transmissão do texto não houve contaminação.

2.2 Escolha do texto-base.

Os escritores costumam rever e corrigir sucessivamente as reimpressões de suas obras, o que torna a última edição preparada em vida do autor a melhor, ou aquela que representa sua vontade final, devendo naturalmente ser eleita texto-base de uma nova edição.

Entretanto, quando há dúvida sobre o fato de o autor ter revisto a última edição feita em vida – nesse caso, a segunda – e quando o confronto dos textos demonstra no texto da segunda a existência de erros evidentes inexistentes na primeira edição, a escolha do texto-base recai sobre a primeira.

Ao reeditar o "Sermão do Dia de Cinza", a edição **B** pareceu-nos inicialmente melhor escolha que qualquer outra, por ser a última impressa em vida do autor. Mas a colação dos textos logo nos revelou que **A** é superior em muitos aspectos a **B**, indicando que o autor não reviu as provas dessa edição. As hesitações quanto à eleição de **A** como texto-base cessaram com a notícia, colhida na tradição indireta, de que a presença do padre em Portugal à época da publicação de **B** é incerta.

Para preparar uma nova edição precisávamos da cópia de um exemplar íntegro de **A**. Como no estado **A2**, pertencente à Biblioteca Nacional do Rio, há corrupções por longos trechos ilegíveis, partes ausentes e letras apagadas, solicitamos à Biblioteca Nacional de Lisboa a reprodução de um exemplar dos vários que possui. Se acaso o exemplar fotocopiado estivesse danificado, a cópia ainda seria útil, uma vez que dois exemplares do mesmo texto não apresentam comumente danos materiais nos mesmos lugares. Nos locais em que a leitura da cópia brasileira é duvidosa ou impraticável, apelaríamos à cópia portuguesa. Outra opção, menos satisfatória, seria recorrer a **B** e a **C** nos locais em que o texto de **A** está danificado. Apesar disso, **A1** foi o texto-base por estar íntegro e, conseqüentemente, ser legível em toda sua extensão.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Ao comparar as folhas de rosto das cópias portuguesa e brasileira notamos que são dessemelhantes. A diferença inicial está nos dizeres subseqüentes ao título, mais propriamente num respeitável aposto que lhes foi inserido – “e pregador de sua majestade”. Essa diferença inicial revelou-nos a existência de dois estados (**A1** e **A2**) da mesma edição (**A**), fato desconhecido dos bibliógrafos. Há ainda uma outra diferença entre os estados: no parágrafo 7, onde se lê “prezados” (em **A1**) foi corrigido para “desprezados” (em **A2**).

Casos como esse são comuns na crítica textual. Durante a impressão, alguém possivelmente notara os erros e o editor fez a correção; mas alguns exemplares já deviam ter sido vendidos, e nos chegaram como estão. Para aproveitar a montagem e o que já havia sido impresso, apenas a nova folha de rosto e o primeiro caderno em que se encontra uma palavra corrigida foram reimpressos. Isso explicaria a permanência de pequenos erros que não afetam a leitura em outros cadernos de **A2**. Devemos admitir ainda que o texto foi corrigido por alguém de posse do manuscrito autógrafo, uma vez que o padre estava ausente de Portugal por ocasião da primeira impressão.

As edições **B** e **C** trazem as correções feitas no estado **A2**, indicando que se basearam nesse estado da edição **A**.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

3 CRITÉRIOS ADOTADOS NA EDIÇÃO

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

3.1 Texto-base

O texto adotado como base foi o estado **A1** da edição príncipe. Nos locais em que o texto-base está corrompido, ou em caso de alguma dúvida de leitura, recorremos ao estado **A2**; persistindo a dúvida, às edições **B** e **C**. No aparato, **A** indica que os estados **A1** e **A2** coincidem. Nos poucos casos em que há lições divergentes nesses estados, conservar-se-á o número que os singulariza.

3.2 Paragrafação

A paragrafação do texto-base foi respeitada, com exceção do parágrafo nº 11 da edição príncipe, que foi desdobrado em dois nesta edição. Os parágrafos foram numerados.

3.3 Variantes

O aparato crítico registra as variantes do estado **A2** da edição príncipe e as das edições de **B**, **C** e **D**.

3.4 Pontos de intelecção obscura

O aparato registra os pontos obscuros quanto à interpretação, e as anotações tentam esclarecê-los.

3.5 Passagens em latim

Os trechos em latim foram corrigidos de acordo com a *Vulgata* (Matriti: Biblioteca de Autores Cristianos, 1953.) e o *Dicionário latino português* de Francisco Torrina (Porto: Porto Editora, 1942.). Nas notas são transcritos em português os versículos que, na *Bíblia de Jerusalém* (São Paulo: Paulus, 2003.), contêm o trecho bíblico citado. Foram atualizados os empregos de *u/v* e *i/j* nessas passagens, sem indicação no rodapé.

3.6 Pontuação

Foi respeitada a pontuação do estado **A1** da edição príncipe. As raras intervenções que julgamos necessárias encontram-se registradas no aparato.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

3.7 Iniciais maiúsculas

Guardamos, em geral, o emprego das maiúsculas do texto-base. As intervenções que julgamos necessárias foram registradas.

3.8 Ortografia

A ortografia, no geral, foi atualizada de acordo com a Reforma Ortográfica de 1943 e com as alterações determinadas pela Lei nº 5.765, de 1971. Alguns fatos de língua, registrados no item 3.8.1, foram respeitados, evitando-se a descaracterização da língua ao tempo em que o texto foi escrito e impresso.

3.8.1 Foram respeitados

3.8.1.1 Arcaísmos

Foram conservadas as formas “aventajar”, “calificado”, “consume”, “destrue”, “dous”, “fermosura”, “menhã” e “Viso-reinado”.

3.8.1.2 Oscilações

As oscilações entre “assi” e “assim”, “pera” e “para”, “rezão” e “razão”, “si” e “sim” foram mantidas.

3.8.1.3 Formas apocopadas

Foi respeitada a forma apocopada “val” (por “vale”).

3.8.1.4 Emprego de ectlipse

Foi respeitada na palavra “nuve”, assim como em “assi” e “si”.

3.8.2 Foram atualizados

3.8.2.1 Fatos essencialmente gráficos

a) *h* inicial: foi suprimido nos casos em que hoje não se emprega (p. ex., “hontem”) e restaurado nos casos em que hoje se emprega (p. ex., “armonia”);

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

b) emprego do *j* e do *g*: por exemplo, “lisongeiros” e “Magestade”;

c) emprego do *s* (com valor de fricativa surda), *ss*, *c* (com valor de fricativa surda) e *ç*: por exemplo, “sincoenta”; “aprese” (“apresse”); “socego”; “ancias” (“ânsias”); “sobresaltar”; “arremeçase” (“arremessa-se”);

d) emprego de letras consonânticas dobradas *ff, ll, cc* (com valor de oclusiva surda), *tt*: “soffre”; “elles”; “peccados”; “settas”;

e) emprego dos dígrafos helenizantes th e ch (com valor de oclusiva surda velar): por exemplo, “athe”, “Sichem”, “machina”, “chorda”, “theologos”;

f) emprego de *y*: por exemplo, “mayor”;

g) emprego de *u*/*v*: por exemplo, “vltima”, “duuida”.

h) *h* intervocálico: por exemplo, “ahi”, “sahir”;

3. 8.2.2 Fatos gráficos que envolvem fatos de língua (possíveis ou reais)

a) consoantes hoje mudas: por exemplo, “damno”, “psalmo”; “David”; “Job”; “redemptor” (com a queda do “p”, o “m” foi convertido em “n”);

b) emprego da letra “m” dobrada: por exemplo, “immortal”,

c) emprego de *e*/*i*: por exemplo, “invelecidos” **A B D** ou “invilecidos” **C** (envilecidos), “enveja”, “minino”;

d) emprego de *o*/*u*: por exemplo, “cubiça”, “acodis”, “podera” (“pudera”);

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

e) emprego distintivo de *e/ei*: por exemplo, “alhea”, “beços” (“beiços”), “bejando”, “idea”, “pavea”, “querais”;

f) ditongo nasal átono final de verbos na terceira pessoa do plural (“ão”): quando interpretadas as formas verbais como formas do presente, do pretérito ou do futuro do pretérito, a ortografia “ão” foi atualizada para “am”; mas, quando interpretadas como formas do futuro do presente, tiveram a ortografia “ão” mantida. Por exemplo: “poderão”, “ficarão”, “houverão”, “chegarão”, “acabão”.

g) ditongo “ão” final; por exemplo: “senam”;

h) ditongos orais: por exemplo, “agoa”, “fataes”, “mortaes”;

i) emprego de *s/z*: por exemplo, “dis” (“diz”), “espaçoza” (“espaçosa”);

j) grafia de homônimos: tiveram a ortografia atualizada, conforme o sentido que possuem no texto; por exemplo, “cegar” e “segar”;

k) conjunção adversativa “mas”: ocorre no texto-base grafada, uma vez apenas, “mais” [parágrafo 37];

l) separação e união vocabular: aparecem no texto-base grafadas irregularmente, ora separadas em seus componentes, ora como uma só palavra, as palavras “senão” – que, conforme o sentido, passamos a grafar de acordo com a norma atual –, “conosco” – que aparece grafado sempre “com nosco” –, “porventura” – que aparece grafada “por ventura” –, “enfim” – que aparece grafado “em fim” –, “por que” (interrogativo) aparece sempre grafado “porque” –, “porque” (conjunção) – que aparece ora grafada “porque”, ora “por que” –, “acaso” (advérbio) – aparece grafado sistematicamente “a caso” –, “acaso” (substantivo) aparece nas formas “acasos” e “a caso”; os pronomes enclíticos invariavelmente vêm unidos, sem hífen, ao verbo (quando se trata dos

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

pronomes oblíquos “o(s)” e “a(s)”, eles se ligam aos verbos nas formas antigas “lo(s)” e “la(s)”).

m) emprego de hífen: o texto-base emprega hífen apenas em partições de vocábulos em fim de linha; adotamo-lo, entretanto, nos substantivos “não-ser”, “sem-razão” e “bem-aventurança”; na ligação dos pronomes enclíticos aos verbos – que, no texto-base, vêm ligados sem hífen; e na palavra “Viso-reinado”, que vem, no texto-base, grafada “Visoreinado”;

n) reduções: foram desdobradas sem indicação no aparato;

o) grafia de “hũ”, “hũa”, “algũa” e “nenhũa”: foram atualizadas sem indicação no aparato;

p) erros óbvios, como, por exemplo, palavras unidas e letras invertidas, foram corrigidos e anotados no aparato.

3.8.2.3 Acentuação gráfica

A acentuação gráfica na edição príncipe é irregular e empregada em pequena escala, se comparada ao uso atual. As proparoxítonas nunca são acentuadas. Os acentos ocorrem em palavras dissílabas e, mais comumente, em monossílabas. Os acentos grave e circunflexo são usados pelo agudo: por exemplo, “està” (está), “vòs” (vós), “sô” (só), “pâra” (pára – única ocorrência desse verbo no texto). O trema nunca é utilizado. Acentuamos as palavras conforme ao uso atual.

3.8.2.4 Crase

O emprego do sinal de crase é irregular na edição príncipe. Registramo-la conforme ao uso atual. Num caso foi respeitado o texto-base: “a aquele” – pelo paralelismo existente no período em que ocorre a construção.

3.9 Intervenções no texto

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Numa palavra do texto foi acrescentada uma letra – o que ficou sinalizado pelo uso de colchetes.

3.10 Notas de outro autor

Algumas das notas preparadas por João Luís de Campos para a edição de cinco sermões do padre Antônio de Sá na Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa (*Antonio de Sá*. Rio de Janeiro, 1924) foram incorporadas a esta edição. Do mesmo modo, algumas das notas preparadas pelo Prof. José Américo de Miranda Barros para sua apostila utilizada em sala de aula foram também incorporadas. Em todos os casos, as notas são atribuídas a seus autores.

3.11 Nomes próprios

Quando alterados, tiveram as formas encontradas nos diversos testemunhos registradas nas notas.

3.12 Observação sobre casos não anotados

Os casos não anotados no aparato mencionados nestes critérios referem-se apenas ao texto-base; registraram-se as variantes das outras edições apenas quando isso se justificou por algum fato específico – por exemplo: ocorrência de ambigüidade (segar/cegar); corroboração de relação genealógica entre edições (erros e variantes comuns às edições **B** e **D**), etc.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

4 “SERMÃO DO DIA DE CINZA” – FAC-SÍMILE E TEXTO EDITADO.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.



SERMAM DO DIA DE CINZA.

Que prégou

O P. ANTONIO DE SAADA

Companhia de Iesu na Capella Real.

IHS

EM LISBOA.

Na Officina de Ioam da Costa.

A custa de Miguel Manescal mercador de Livros na Rua Nova.

M. DC. LXIX.

Com todas as licenças necessarias.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Conuertimini ad me in toto corde veſtro.
Ioel. 3.

Nolite theſaurizare vobis theſauros in terra
Matth. 8.

Memento homo, quia puluis es, & in puluerem reuerteris. Geneſ. 3.

MELHOR da terra, & o melhor do Ceo temos hoje cuidadoſamente empenhado na mudança de noſſas vidas, muito Alto, & muito Poderoſo Rey, & Senhor Noſſo; eſtá empenhado Deos, e empenhado Chriſto, eſtá empenhada a Igreja: empenhado Deos, pedindo a noſſos coraçoens huma reſoluta conuerſaõ dos erros da culpa para os acertos da graça: *Conuertimini ad me in toto corde veſtro:* Empenhado Chriſto, perſuadindo a noſſas vontades hũ generoſo deſapego dos bens da terra pellos bens do Ceo: *Nolite theſaurizare:* Empenhada vltimamente a Igreja intimando a noſſa memoria deſenganos do que ſomos agora, & do que auemos de ſer deſpois: *Memento homo quia puluis es, & in puluerem reuerteris.*

De todo eſte taõ calificado empenho ſe conclue

 naõ

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Convertimini ad me in toto corde vestro.

Joel. 3[i].

Nolite thesaurizare[ii] *vobis thesauros in terra.*

Mateus. 8[iii].

Memento homo, quia pulvis es, et in pulverem reuerteris.

Gênesis. 5[iv].

O Melhor da terra, e o melhor[v] do Céu temos hoje cuidadosamente empenhado na mudança de nossas vidas, muito Alto, e muito[vi] Poderoso Rei, e Senhor Nosso; está empenhado Deus, está empenhado Cristo, está empenhada a Igreja: empenhado Deus, pedindo a nossos corações uma resoluta conversão dos erros da culpa para os acertos da graça: *Convertimini ad me in toto corde vestro*: Empenhado Cristo, persuadindo a nossas vontades um generoso desapego dos bens da terra pelos bens do Céu: *Nolite thesaurizare*: Empenhada ultimamente a Igreja intimando a nossa memória desenganos do que somos agora, e do que havemos de ser despois[vii]: *Memento homo quia pulvis es, et in pulverem reverteris.*

2 De todo este tão calificado[viii] empenho se conclui

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

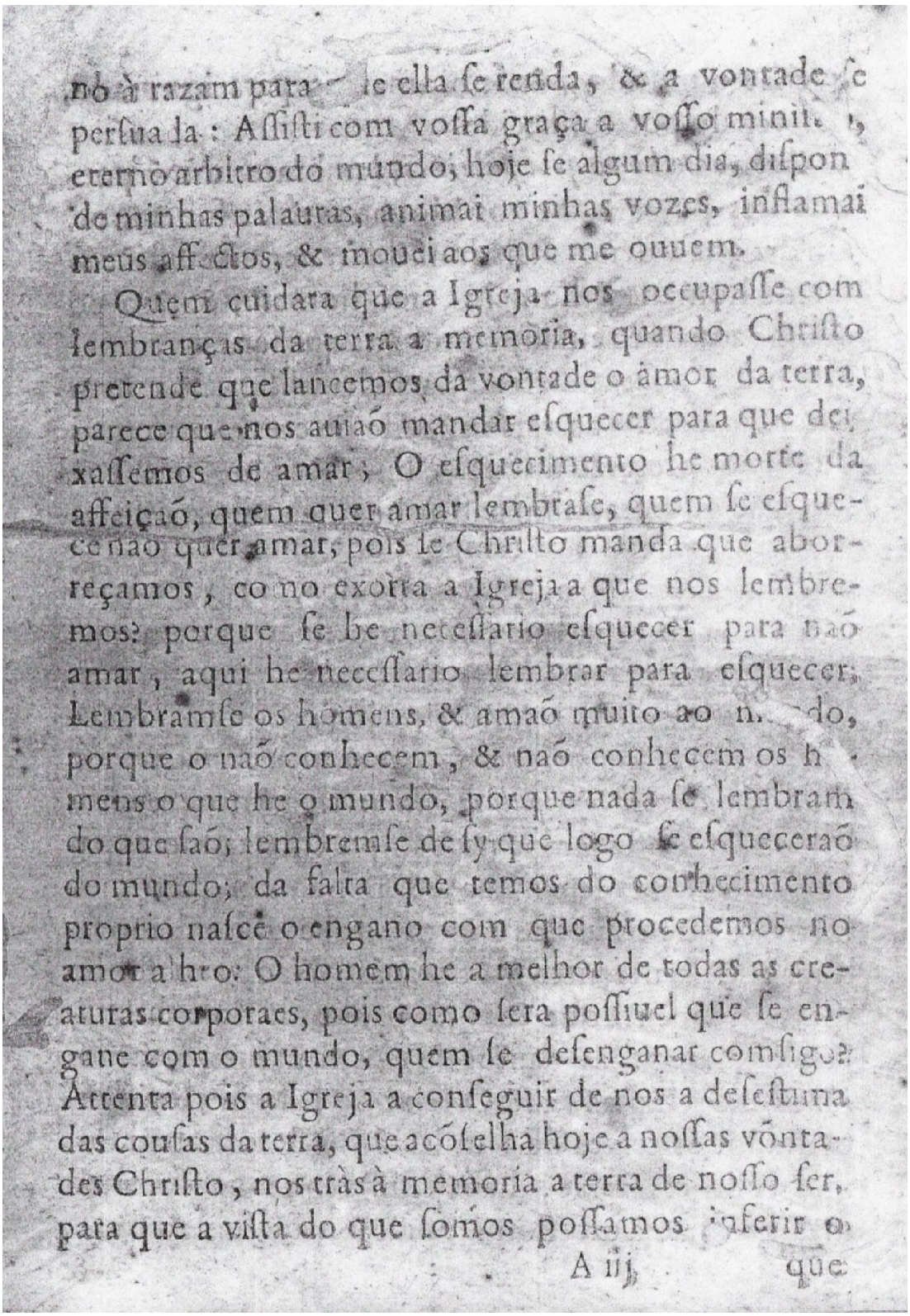
naõ ſomente a importancia grai de noſſa reduçaõ, enaõ tambem a idea verdadeira de noſſa penitencia: Para huma alma ſer, como deue, penitente, ha de desfazer com o atrependimento o que fez com a culpa: A culpa conforme enſinaõ os Theologos, he huma auerſaõ de Deos, & huma conuerſaõ às creaturas, o arrependimento pello contrario ha de ſer hũa auerſaõ das creaturas, & hũa conuerſaõ a Deos, de ſorte que ſe para auer almas peccadoras, ha apartar de Deos, & conuertêr às creaturas, para auer almas perfeitamente arrependidas, ha de auer apartar das creaturas, & conuertêr a Deos: a conuerſaõ a Deos temos em ſuas palauras: *Conuertimini ad me*: A auerſaõ das creaturas temos nas palauras de Chriſto: *Nolite theſaurizare vobis in terra*: Porem he taõ difficultoſo acabar comnoſco eſta auerſaõ, & eſta conuerſaõ, que ſobre a pedir Deos, & ſobre a pedir Chriſto, & quẽ a pudera pedir, que mais nos obrigaſſe. Iulgou a Igreja que era neceſſario rendernos com razoens a rezam, para nos perſuadir a vontade a hũa perfeita penitencia pois nos exorta o melhor do Ceo, Deos, & Chriſto, as razoens, ou porquès deſſa penitencia nos aponta o melhor da terra a Igreja: *Memento homo &c.* homem pello que es, lembrate de ouuir a Chriſto, & aborrecer ao mundo. *Nolite theſaurizare in terra*: Homem pello que has de ſer, lembrate de ouuir a Deos, & reduzirte a ſua graça: *Conuertimini ad me*: Eſtas razoens proporei com todo o deſenga-

no

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

não somente a importância grande de nossa redução, senão também a idéia verdadeira de nossa penitência: Para uma alma ser, como deve, penitente, há de desfazer com o arrependimento o que fez com a culpa: A culpa conforme ensinam os Teólogos, é uma aversão de Deus, e uma conversão às criaturas, o arrependimento pelo contrário há de ser uma aversão das criaturas, e uma conversão a Deus, de sorte que se para haver almas pecadoras, há apartar de Deus, e converter às criaturas, para haver almas perfeitamente arrependidas, há de haver apartar das criaturas, e converter a Deus: a conversão a Deus temos em suas palavras: *Convertimini ad me*: A aversão[ix] das criaturas temos nas palavras de Cristo: *Nolite thesaurizare vobis in terra*: Porém é tão dificultoso acabar conosco esta aversão, e esta conversão, que sobre a pedir Deus[x], e sobre a pedir Cristo, e quem[xi] a pudera pedir que mais nos obrigasse. Julgou a Igreja que era necessário render-nos com razões a rezão[xii], para nos persuadir a vontade a uma perfeita penitência pois nos exorta o melhor do Céu, Deus, e Cristo, as razões, ou porquês dessa penitência nos aponta o melhor da terra a Igreja: *Memento homo etc.* homem pelo que és, lembra-te de ouvir a Cristo, e aborrecer ao mundo. *Nolite thesaurizare in terra*: Homem pelo que hás de ser,[xiii] lembra-te de ouvir a Deus, e reduzir-te a sua graça: *Convertimini ad me*: Estas razões proporei com todo o desenga-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.



não à razam para [illegible]e ella se renda, & a vontade se persuada: Assisti com vossa graça a vosso minis[illegible], eterno arbitro do mundo, hoje se algum dia, dispon de minhas palauras, animai minhas vozes, inflamai meus affectos, & mouei aos que me ouuem.

Quem cuidara que a Igreja nos occupasse com lembranças da terra a memoria, quando Christo pretende que lancemos da vontade o amor da terra, parece que nos auiaõ mandar esquecer para que deixassemos de amar; O esquecimento he morte da affeiçaõ, quem quer amar lembrase, quem se esquece não quer amar, pois se Christo manda que aborreçamos, como nos exorta a Igreja a que nos lembremos? porque se he necessario esquecer para naõ amar, aqui he necessario lembrar para esquecer. Lembramse os homens, & amaõ muito ao mundo, porque o naõ conhecem, & naõ conhecem os homens o que he o mundo, porque nada se lembram do que saõ; lembremse de sy que logo se esqueceraõ do mundo; da falta que temos do conhecimento proprio nasce o engano com que procedemos no amor alheo: O homem he a melhor de todas as creaturas corporaes, pois como sera possiuel que se engane com o mundo, quem se desenganar comsigo? Attenta pois a Igreja a conseguir de nos a deseſtima das cousas da terra, que acõselha hoje a nossas võtades Christo, nos tràs à memoria a terra de nosso ser, para que a vista do que somos possamos inferir o

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

no à razão para[xiv] que ela se renda, e a vontade se persuada: Assisti com vossa graça a vosso ministro, eterno árbitro do mundo, hoje se algum dia, dispon-de minhas palavras, animai minhas vozes, inflamai meus afetos, e movei aos que me ouvem.

3 Quem cuidara que a Igreja nos ocupasse com lembranças da terra a memória, quando Cristo pretende[xv] que lancemos da vontade o amor da terra, parece que nos haviam mandar esquecer para que dei-xássemos de amar; O esquecimento é morte da afeição, quem quer amar lembra-se, quem se esque-ce não quer amar, pois se Cristo manda que abor-reçamos, como exorta a Igreja a que nos lembre-mos? porque se é necessário esquecer para não amar, aqui é necessário lembrar para esquecer; Lembram-se os homens, e amam muito ao mundo, porque o não conhecem, e não conhecem os ho-mens o que é o mundo, porque nada se lembram do que são; lembrem-se de si que logo se esquecerão do mundo; da falta que temos do conhecimento próprio nasce o engano com que procedemos no amor alheio:[xvi] O homem é a melhor de todas as cria-turas corporais, pois como será possível que se en-gane com o mundo, quem se desenganar consigo? Atenta pois a Igreja a conseguir de nós a desestima[xvii] das cousas da terra, que aconselha hoje a nossas vonta-des Cristo, nos traz à memória a terra de nosso ser, para que à vista do que somos possamos inferir o

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

que lhe o mundo, & ſe o amai [illegible] para ignorado, eſprezalo por conhecido.

Memento homo quia puluis es, lembrate homẽ porque hes pô, aſſi diz aos Monarcas mais ſoberanos, aſſi diz aos vaſſalos mais humildes; nenhũa diſtinçaõ faz de homens a homens, taõ homem, & tam pô chama aos que reinaõ, como aos que ſeruem, porque niſto que toca ao ſer, naõ ha differença nem ainda do ceptro ao cajado; tudo he cinza com mais ou menos preciozo diſfarce; hum Rey he cinza cuberta de purpura, hum paſtor he cinza cuberta de ſayal, ſo a vaidade dos tempos pode introduzir desigualdades nas apparencias da pompa, na realidade do ſer naõ ha fortuna que poſſa emendar as deſigualdades da natureza.

[illegible]naua Ioſeph o Viſoreinado do Egipto, & ſonhaua aſſi: *Putabam nos ligare manipulos in agro, & quaſi conſurgere manipulum meum*: Imaginaua eu, diz Ioſeph, que eſtauamos no campo enfeixando as paucas, & que ſe leuantaua, & punha em pé o meu feixe, & que os voſſos poſtos a roda com demonſtraçam de reuerentes o adorauão: Não vi eu ſonho mais verdadeiro que eſte; as paucas de Ioſeph eſtauão adoradas, as paucas de ſeus irmaõs adorauaõ, mas tudo erão paucas: O feixe de Ioſeph eſtaua leuantado, os feixes de ſeus irmãos eſtauaõ abatidos, mas tudo era feixe, hauia differença na fortuna, mas naõ hauia exceſſo na natureza, de feixe a feixe,

&

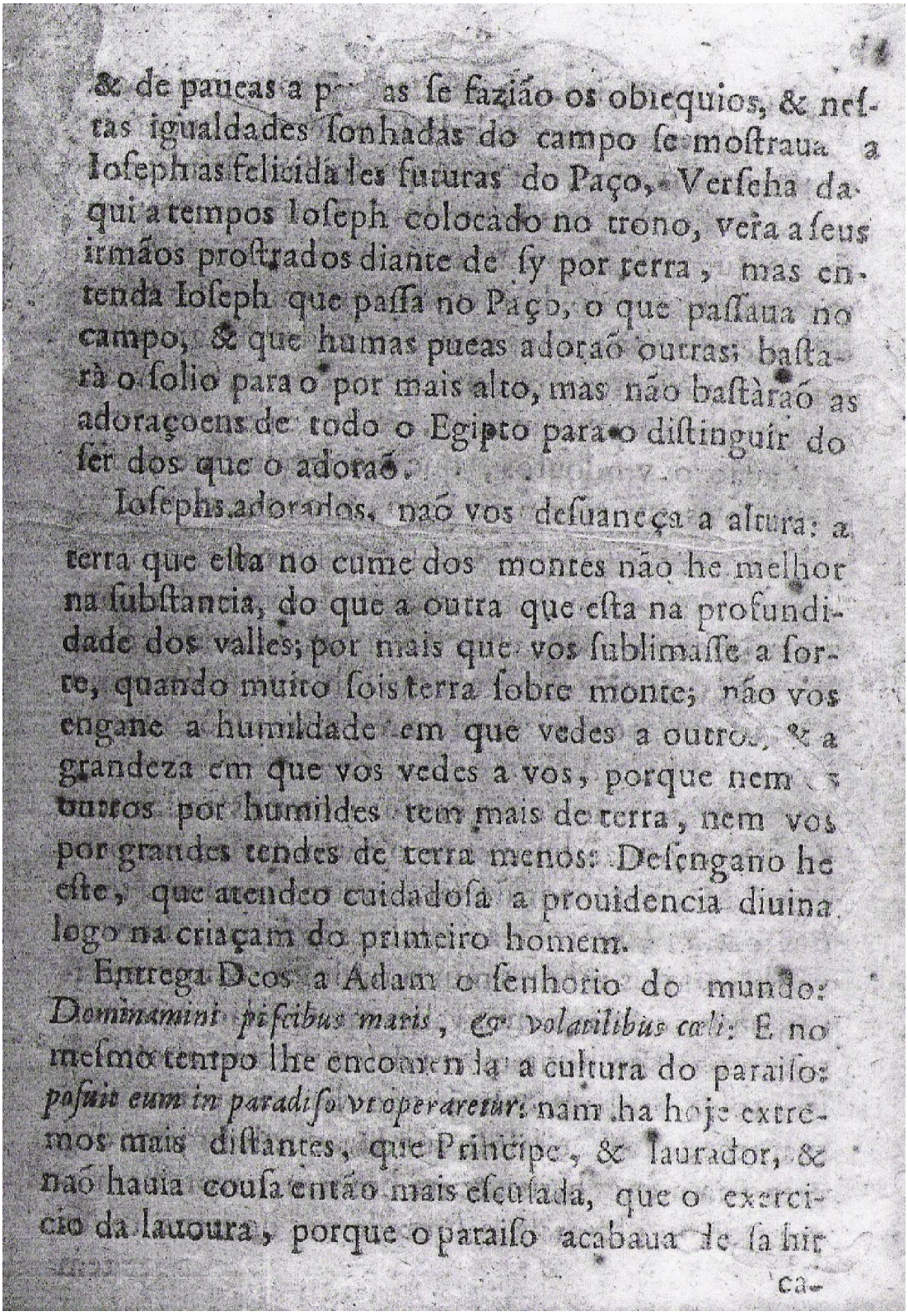
Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

que é o mundo, e se o amamos para[xviii] ignorado,
desprezá-lo por conhecido.

4 *Memento homo quia pulvis es,* lembra-te homem porque és pó, assim diz aos Monarcas mais soberanos, assim diz aos vassalos mais humildes; nenhuma distinção faz de homens a homens,[xix] tão homem, e tão pó chama aos que reinam, como aos que servem, porque nisto que toca ao ser, não há diferença nem ainda do cetro ao cajado; tudo é cinza com mais ou menos precioso disfarce; um Rei é[xx] cinza coberta de púrpura, um pastor é cinza coberta de saial, só a vaidade dos tempos pode introduzir desigualdades nas aparências da pompa, na realidade do ser não há fortuna que possa emendar as desigualdades da natureza.

5 Sonhava José o Viso-reinado[xxi] do Egito, e sonhava assi: *Putabam nos ligare manipulos in agro, et quasi consurgere manipulum meum*:[xxii] Imaginava eu, diz José, que estávamos no campo enfeixando as paveias, e que se levantava, e punha em pé o meu feixe, e que os vossos postos à roda com demonstração de reverentes[xxiii] o adoravam: Não vi eu sonho mais verdadeiro que este; as paveias de José estavam adoradas, as paveias de seus irmãos adoravam, mas tudo eram paveias: O feixe de José estava levantado, os feixes de seus irmãos estavam abatidos, mas tudo era feixe, havia diferença na fortuna, mas não havia excesso na natureza, de feixe a feixe,

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.



& de paucas a p[illegible]as ſe fazião os obiequios, & neſtas igualdades ſonhadas do campo ſe moſtraua a Ioſeph as felicidades futuras do Paço. Verſeha daqui a tempos Ioſeph colocado no trono, vera a ſeus irmãos proſtrados diante de ſy por terra, mas entenda Ioſeph que paſſa no Paço, o que paſſaua no campo, & que humas pueas adoraõ outras: baſtarà o ſolio para o por mais alto, mas não baſtàraõ as adoraçoens de todo o Egipto para o diſtinguir do ſer dos que o adoraõ.

Ioſephs adorados, naõ vos deſuaneça a altura: a terra que eſta no cume dos montes não he melhor na ſubſtancia, do que a outra que eſta na profundidade dos valles; por mais que vos ſublimaſſe a ſorte, quando muito ſois terra ſobre monte; não vos engane a humildade em que vedes a outros, & a grandeza em que vos vedes a vos, porque nem os outros por humildes tem mais de terra, nem vos por grandes tendes de terra menos: Deſengano he eſte, que atendeo cuidadoſa a prouidencia diuina logo na criaçam do primeiro homem.

Entrega Deos a Adam o ſenhorio do mundo: *Dominamini piſcibus maris, & volatilibus cæli:* E no meſmo tempo lhe encommenda a cultura do paraiſo: *poſuit eum in paradiſo vt operaretur:* nam ha hoje extremos mais diſtantes, que Principe, & laurador, & naõ hauia couſa então mais eſcuſada, que o exercicio da lauoura, porque o paraiſo acabaua de ſa hir

ca-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

e de paveias a paveias se faziam os obséquios, e nestas igualdades sonhadas do campo se mostravam a José as felicidades futuras do Paço, Ver-se-á daqui a tempos José colocado no trono, verá a seus irmãos prostrados[xxiv] diante de si por terra, mas entenda José que passa no Paço, o que passava no campo, e que umas paveias[xxv] adoram outras; bastará o sólio para o pôr mais alto, mas não bastaram as adorações de todo o Egito para o distinguir do ser dos que o adoram.

6 Josés adorados, não vos desvaneça a altura: a terra que está no cume dos montes não é melhor na substância, do que a outra que está na profundidade dos vales; por mais que vos sublimasse a sorte, quando muito sois terra sobre monte; não vos engane a humildade em que vedes a outros, e a grandeza em que vos vedes a vós, porque nem os outros por humildes têm mais de terra, nem vós por grandes tendes de terra menos: Desengano é este, que atendeu cuidadosa[xxvi] a providência divina logo na criação do primeiro homem.

7 Entrega Deus a Adão o senhorio do mundo: *Dominamini piscibus maris, et volatilibus*[xxvii] *caeli:*[xxviii] E no mesmo tempo lhe encomenda a cultura do paraíso: *posuit eum in paradiso ut operaretur:*[xxix] não há hoje extremos mais distantes, que Príncipe, e lavrador, e não havia cousa então mais escusada, que o exercício da lavoura, porque o paraíso acabava de sair

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

cabalmente perfeito das mãos de Deos, pois para que era fazer sem necessidade Laurador, a quem tinha feito Principe; ou para que foi fazer Principe a quem hauia de fazer Laurador? Porque importaua muito que fosse ambas as cousas Adão: criauase Adão para progenitor dos homens todos, entre estes hauia de hauer despois alguns muito prezados de grandes, outros muito prezados de pequenos, pois seja Adão no mesmo tempo Laurador, & Principe, para que entendão os vindouros, que saõ igualmente filhos de Adão os que viuem no Paço, & os que trabalhão no campo: foi desgraça da soberba humana, não hauer mais que hum Adão; quando muito poderaõ dizer os grandes, que elles saõ filhos de Adão como Principe, & que os outros saõ filhos de Adão como Laurador, porém não pòdem negar que saõ todos filhos do mesmo Adão.

São os homens como os rios: os rios todos tem por fonte o mar, huns com o curso das agoas perdem de todo o sabor do sal, outros por mais terra que corrão sempre leuão salobres as agoas, huns là vão brotar nos montes muito ruidosos, & muito claros, outros cà manão nos valles muito calados, & muito turuos; este hontem era desconhecido aborto de hũa tosca penha, & hoje não ha campanha para margem de seu caudaloso fundo; aquelle hoje he desprezo da menor herua, & era hontem terror do mayor tronco: isto mesmo succede nos homens, todos

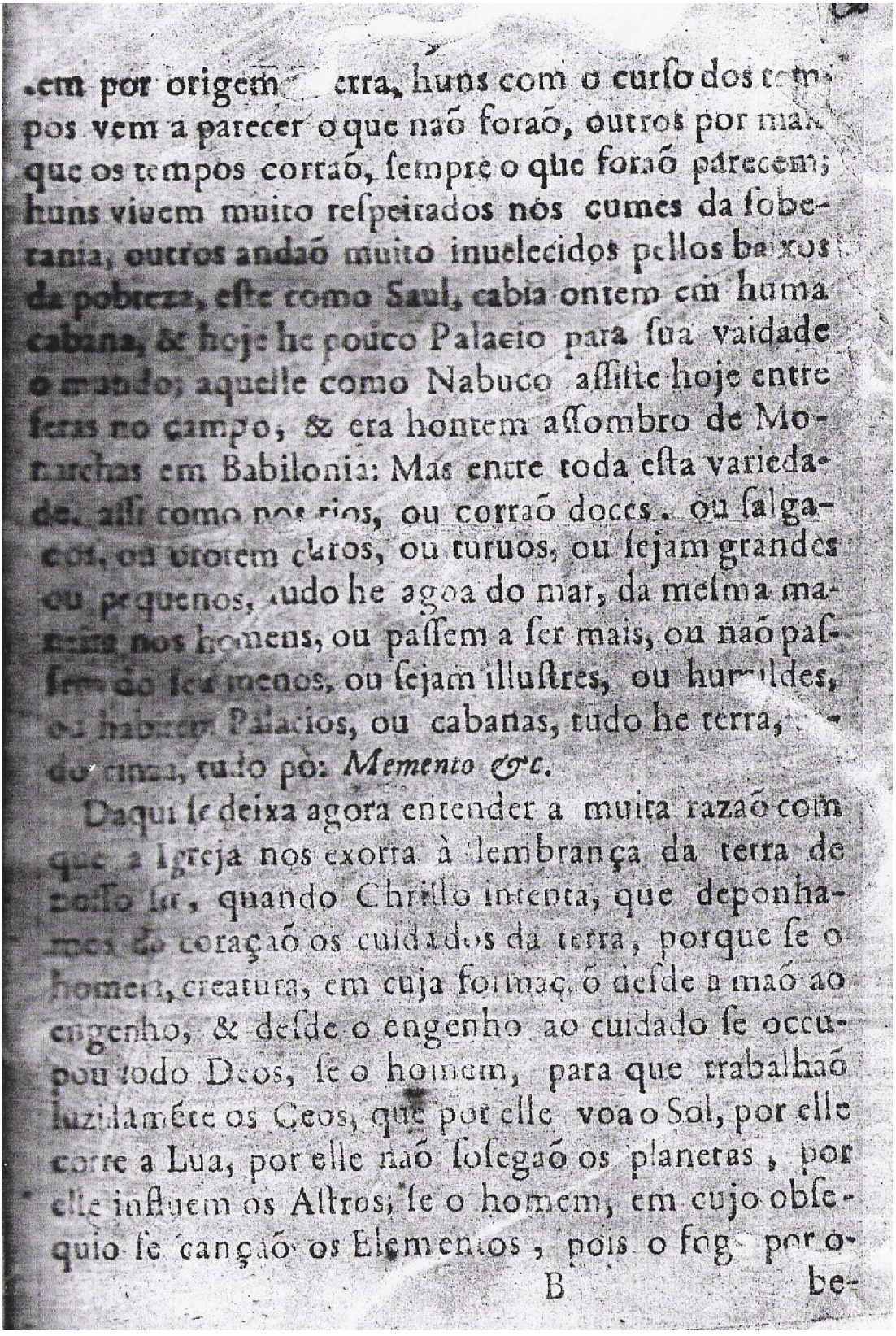
tem

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

cabalmente perfeito das mãos de Deus, pois para[xxx] que era fazer sem necessidade Lavrador, a quem tinha feito Príncipe, ou para que foi fazer Príncipe a quem havia de fazer Lavrador? Porque importava muito que fosse ambas as cousas Adão: criava-se Adão para progenitor dos homens todos, entre estes havia de haver despois[xxxi] alguns muito prezados de grandes, outros[xxxii] muito desprezados[xxxiii] de pequenos, pois seja Adão no mesmo tempo Lavrador, e Príncipe, para que entendam os vindouros, que são igualmente filhos de Adão os que vivem no Paço, e os que trabalham no campo: foi desgraça da soberba humana, não haver mais que um Adão; quando muito poderão dizer os grandes, que eles são filhos de Adão como Príncipe, e que os outros são filhos de Adão como Lavrador, porém não podem negar que[xxxiv] são todos filhos do mesmo Adão.

8 São os homens como os rios: os rios todos têm por fonte o mar, uns com o curso das águas perdem de todo o sabor do sal, outros por mais terra[xxxv] que corram sempre levam salobres as águas, uns lá vão brotar nos montes muito ruidosos, e muito claros, outros cá manam nos vales muito calados, e muito turvos;[xxxvi] este ontem[xxxvii] era desconhecido aborto de uma tosca penha, e hoje não há campanha para margem de seu caudaloso[xxxviii] fundo; aquele hoje é desprezo da menor erva, e era ontem terror do maior tronco: isto mesmo sucede nos homens, todos

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.



em por origem a terra, huns com o curſo dos tempos vem a parecer o que não forão, outros por mais que os tempos corrão, ſempre o que forão parecem; huns viuem muito reſpeitados nos cumes da ſoberania, outros andão muito inuelecidos pellos baixos da pobreza, eſte como Saul, cabia ontem em huma cabana, & hoje he pouco Palacio para ſua vaidade o mando; aquelle como Nabuco aſſiſte hoje entre feras no campo, & era hontem aſſombro de Monarchas em Babilonia: Mas entre toda eſta variedade, aſſi como nos rios, ou corrão doces, ou ſalgados, ou correm claros, ou turuos, ou ſejam grandes ou pequenos, tudo he agoa do mar, da meſma maneira nos homens, ou paſſem a ſer mais, ou não paſſem de ſer menos, ou ſejam illuſtres, ou humildes, ou habitem Palacios, ou cabanas, tudo he terra, tudo cinza, tudo pò: *Memento &c.*

Daqui ſe deixa agora entender a muita razão com que a Igreja nos exorta à lembrança da terra de donde ſomos, quando Chriſto intenta, que deponhamos do coração os cuidados da terra, porque ſe o homem, creatura, em cuja formação deſde a mão ao engenho, & deſde o engenho ao cuidado ſe occupou todo Deos, ſe o homem, para que trabalhão luzidamẽte os Ceos, que por elle voa o Sol, por elle corre a Lua, por elle não ſoſegão os planetas, por elle influem os Aſtros; ſe o homem, em cujo obſequio ſe canção os Elementos, pois o fog por o-

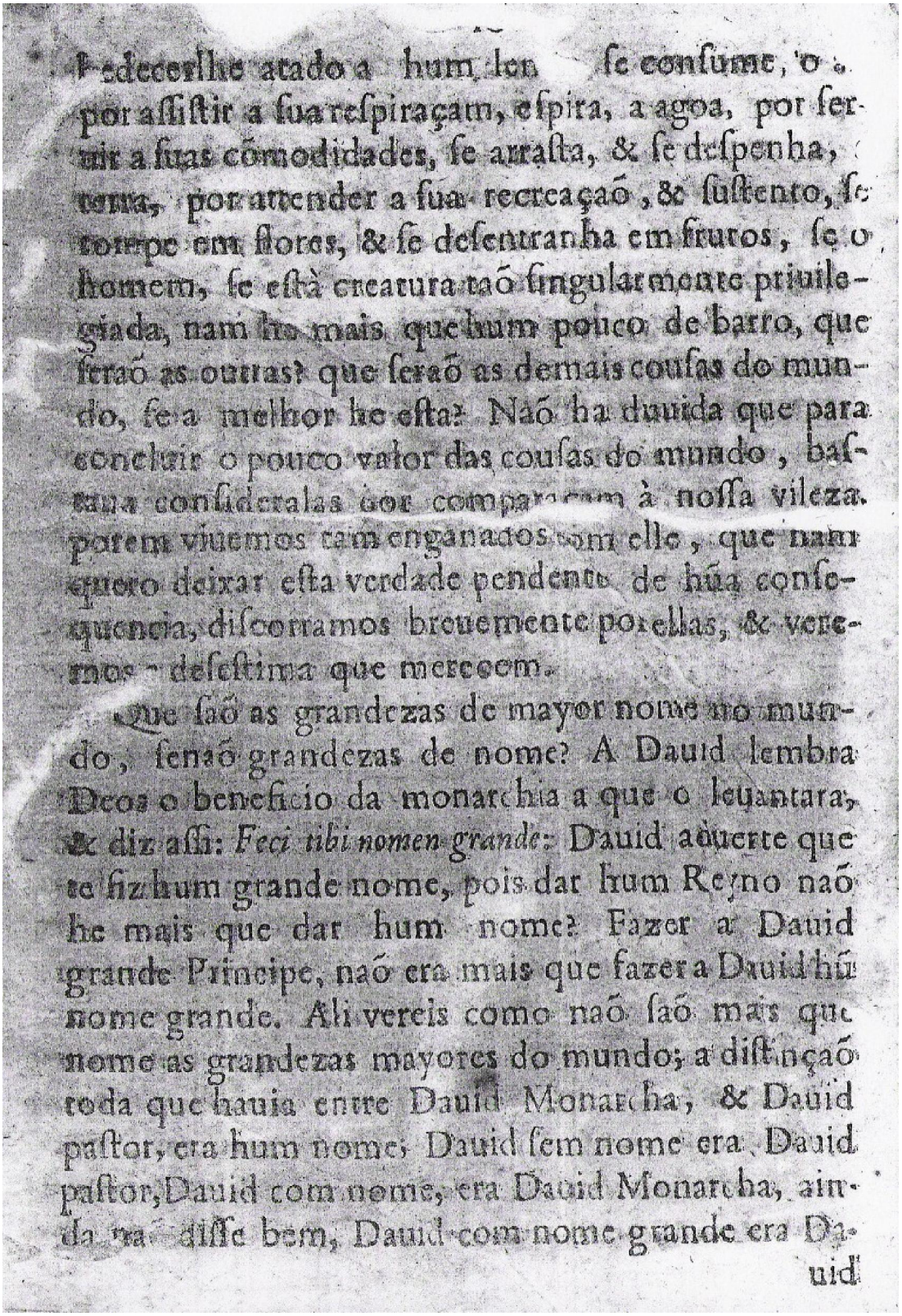
be-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

têm por origem a terra, uns com o curso dos tempos vêm a parecer o que não foram, outros por mais que os tempos corram, sempre o que foram parecem; uns vivem muito respeitados nos cumes da soberania, outros[xxxix] andam muito envilecidos[xl] pelos baixos da pobreza, este como Saul, cabia ontem em uma cabana, e hoje é pouco Palácio para sua vaidade o mundo; aquele como Nabuco assiste hoje entre feras no campo, e era ontem assombro de Monarcas em Babilônia: Mas entre toda esta variedade, assim como nos rios, ou corram doces, ou salgados, ou brotem claros, ou turvos, ou sejam grandes ou pequenos, tudo é água do mar, da mesma maneira nos homens, ou passem a ser mais, ou não passem do seu menos, ou sejam ilustres, ou humildes, ou habitem Palácios, ou cabanas, tudo é terra, tudo cinza, tudo pó: *Memento etc.*

9 Daqui se deixa agora entender a muita razão[xli] com que a Igreja nos exorta à lembrança da terra de nosso ser, quando Cristo intenta, que deponhamos[xlii] do coração os cuidados da terra, porque se o homem, criatura, em cuja formação desde a mão ao engenho, e desde o engenho ao cuidado se ocupou todo Deus, se o homem, para que trabalham luzidamente os Céus, que por ele voa o Sol, por ele corre a Lua, por ele não sossegam os planetas, por ele influem os Astros; se o homem, em cujo obséquio se cansam os Elementos, pois o fogo por o-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.



decerlhe atado a hum len se conſume, o
por aſſiſtir a ſua reſpiraçam, eſpira, a agoa, por ſer-
vir a ſuas cõmodidades, ſe arraſta, & ſe deſpenha,
terra, por attender a ſua recreaçaõ, & ſuſtento, ſe
rompe em flores, & ſe deſenuranha em fruros, ſe o
homem, ſe eſtà creatura taõ ſingularmente priuile-
giada, nam ha mais que hum pouco de barro, que
ſeraõ as outras? que ſeraõ as demais couſas do mun-
do, ſe a melhor he eſta? Naõ ha duuida que para
concluir o pouco valor das couſas do mundo, baſ-
ta a conſideralas por comparadas à noſſa vileza.
porem viuemos tam enganados com elle, que nam
quero deixar eſta verdade pendente de hũa conſe-
quencia, diſcorramos breuemente por ellas, & vere-
mos deſeſtima que merecem.

Que ſaõ as grandezas de mayor nome no mun-
do, ſenaõ grandezas de nome? A Dauid lembra
Deos o beneficio da monarchia a que o leuantara,
& diz aſſi: *Feci tibi nomen grande*: Dauid aduerte que
te fiz hum grande nome, pois dar hum Reyno naõ
he mais que dar hum nome? Fazer a Dauid
grande Principe, naõ era mais que fazer a Dauid hũ
nome grande. Ali vereis como naõ ſaõ mais que
nome as grandezas mayores do mundo; a diſtinçaõ
toda que hauia entre Dauid Monarcha, & Dauid
paſtor, era hum nome; Dauid ſem nome era Dauid
paſtor, Dauid com nome, era Dauid Monarcha, ain-
da na diſſe bem, Dauid com nome grande era Da-

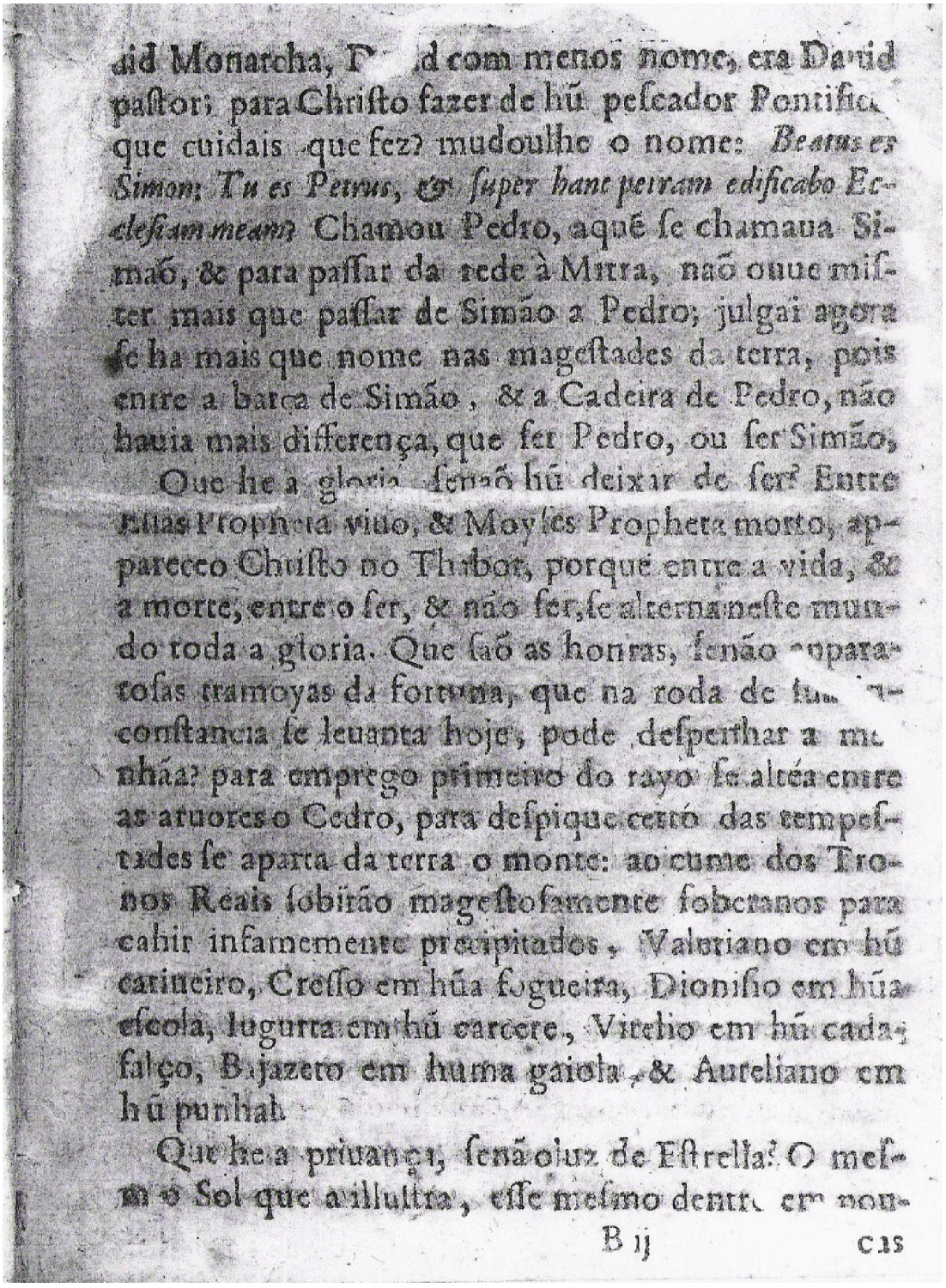
uid

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

bedecer-lhe atado a um lenho se consume, o ar, por assistir a sua respiração, espira, a água, por servir a[xliii] suas comodidades, se arrasta, e se despenha, a terra, por atender a sua recreação, e sustento, se rompe em flores, e se desentranha em frutos, se o homem, se esta criatura tão singularmente privilegiada, não é mais que um pouco de barro, que serão as outras? que serão as demais cousas do mundo, se a melhor é esta? Não há dúvida que para concluir o pouco valor das cousas do mundo, bastava considerá-las por comparação à nossa vileza, porém vivemos tão enganados com ele, que não quero deixar esta verdade pendente de uma conseqüência, discorramos brevemente por elas, e veremos a desestima que merecem.

10 Que são as grandezas de maior nome no mundo, senão grandezas de nome? A Davi lembra Deus o benefício da monarquia a que o levantara,[xliv] e diz assim: *Feci tibi nomen grande:*[xlv] Davi adverte[xlvi] que te fiz um grande nome, pois dar um Reino não é mais que dar um nome? Fazer a Davi grande Príncipe, não era mais que fazer a Davi um nome grande. Ali vereis como não são mais que nome as[xlvii] grandezas maiores do mundo; a distinção toda que havia entre Davi Monarca, e Davi pastor, era um nome; Davi sem nome era Davi pastor, Davi com nome, era Davi Monarca, ainda não disse bem, Davi com nome grande era Da-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.



aid Monarcha, [illegible]d com menos nome, era David pastor; para Christo fazer de hũ pescador Pontifice que cuidais que fez? mudoulhe o nome: *Beatus es Simon; Tu es Petrus, & super hanc petram edificabo Ecclesiam meam?* Chamou Pedro, aquẽ se chamaua Simão, & para passar da rede à Mitra, não ouue mister mais que passar de Simão a Pedro; julgai agora se ha mais que nome nas magestades da terra, pois entre a barca de Simão, & a Cadeira de Pedro, não havia mais differença, que ser Pedro, ou ser Simão,

Que he a gloria senão hũ deixar de ser? Entre Elias Prophera viuo, & Moyses Prophera morto, apparecco Christo no Thabor, porque entre a vida, & a morte, entre o ser, & não ser, se alterna neste mundo toda a gloria. Que saõ as honras, senão as parasolas tramoyas da fortuna, que na roda de [illegible]constancia se leuanta hoje, pode despenhar a manhãa? para emprego primeiro do rayo se altéa entre as aruores o Cedro, para despique certo das tempestades se aparta da terra o monte: ao cume dos Thronos Reais sobirão magestosamente soberanos para cahir infamemente precipitados, Valeriano em hũ carneiro, Cresso em hũa fogueira, Dionisio em hũa escola, Iugurta em hũ carcere, Vitelio em hũ cadafalço, Bajazeto em huma gaiola, & Aureliano em hũ punhal.

Que he a priuança, senão o luz de Estrella? O mesmo Sol que a illustra, esse mesmo dentro em pou-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

vi Monarca, Davi com menos nome, era Davi pastor;[xlviii] para Cristo fazer de um pescador Pontífice, que cuidais que fez? mudou-lhe o nome: *Beatus es Simon: Tu es Petrus, et*[xlix] *super hanc petram aedificabo*[l] *Ecclesiam meam?*[li] Chamou Pedro, a quem[lii] se chamava Simão, e para passar da rede à Mitra, não houve mister mais que passar de Simão a Pedro; julgai agora se há mais que nome nas majestades da terra, pois entre a barca de Simão, e a Cadeira de Pedro, não havia mais diferença, que ser Pedro, ou ser Simão.[liii]

11 Que é a glória, senão um deixar de ser? Entre Elias Profeta vivo, e Moisés Profeta morto, apareceu Cristo no Tabor,[liv] porque entre a vida, e a morte, entre o ser, e não-ser,[lv] se alterna neste mundo toda a glória. 12[lvi] Que são as honras, senão aparatosas tramóias da fortuna, que na roda de sua inconstância se levanta hoje, pode[lvii] despenhar[lviii] à menhã?[lix] para emprego primeiro do raio se alteia entre as árvores o Cedro, para[lx] despique certo das tempestades se aparta da terra o monte: ao cume dos Tronos Reais subiram majestosamente soberanos para cair infamemente[lxi] precipitados,[lxii] Valeriano[lxiii] em um cativeiro, Creso[lxiv] em uma fogueira,[lxv] Dionísio[lxvi] em uma escola,[lxvii] Jugurta[lxviii] em um cárcere, Vitélio[lxix] em um cadafalso, Bajazeto[lxx] em uma gaiola, e Aureliano[lxxi] em um punhal.

13 Que é a privança, senão luz de Estrela?[lxxii] O mesmo Sol que a ilustra, esse mesmo dentro em pou-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

cas horas o eclipſa; hoje eſtais c[illegible]o Amam fauore-
[illegible]ado à meza Real de Aſſuero, & a menhãa apparecereis
prezo infame de hũa forca.

Que ſaõ os deſpachos, ſenaõ hum ſim de patro-
cinados, & hũ nam de benemeritos? ou aueis de pre-
tender arrimado ao fauor alheo, ou não vos ha de
valer o merecimento proprio. Daquelle animal cha-
mado para ſua luzente variedade Stelio, diz Sala-
mão, que fazendo das paredes arrimo para ſobir,
habita nos Palacios dos Monarchas: *Stelio manibus*
nititur, & moratur in domibus Regũ: ditoſo animal! que
a Aguia occupàra o alto dos edificios mais ſoberbos,
ſua agilidade o merece, & ſua generoſidade o pede,
porem que o Stelio animal ſim azas chegue a lograr
o poſto mais ſuperior dos Palacios? Como pode ſu-
bir a tanta altura, ſe naõ voa! porque ſe naõ voa
arrimaſe: *manibus nititur*: E mais lhe importa o arri-
mo, que lhe poderaõ importar os voos: a aguia cõ
todas ſuas azas acharſe ha remontada em hũ boſque,
& o Stelio fiado no ſeu arrimo, verſe ha nos melho-
res cumes: quem quizer altearſe muito, ainda que
voe menos, procure arrimarſe mais.

Que ſaõ os poſtos, ſenão ſubidas, cujos degraos
ſe vencem a queda? Quando o demonio offereceo
as dignidades mais luzidas a Chriſto: *ego õnia tibi dabo*:
logo metteo por condição, que hauia de cahir ajoe-
lhado diante delle: *ſi cadens adoraueris me*: que ſem
cahir náõ ha leuantar no mundo, cuſtoſos altos a
que

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

cas horas o[lxxiii] eclipsa; hoje estais como Amã[lxxiv] favorecido[lxxv] à mesa Real de Assuero,[lxxvi] e amenhã[lxxvii] aparecereis preso infame de uma[lxxviii] forca.[lxxix]

14 Que são os despachos, senão um sim[lxxx] de patrocinados, e um não de beneméritos?[lxxxi] ou haveis de pretender[lxxxii] arrimado ao favor alheio, ou não vos há de valer o merecimento próprio. Daquele animal chamado para[lxxxiii] sua luzente variedade Estélio, diz Salomão,[lxxxiv] que fazendo das paredes arrimo para subir, habita nos Palácios dos Monarcas: *Stellio*[lxxxv] *manibus nititur, et moratur in domibus Regum:*[lxxxvi] ditoso animal! que a Águia ocupara o alto dos edifícios mais soberbos, sua agilidade o merece, e sua generosidade[lxxxvii] o pede, porém que o Estélio animal sem[lxxxviii] asas chegue a lograr o posto mais superior dos Palácios? Como pode subir a tanta altura, se não voa! porque se não voa arrima-se: *manibus nititur:* E mais lhe importa o arrimo, que lhe poderão importar os vôos: a águia com todas suas asas achar-se-á remontada em um bosque, e o Estélio fiado no seu arrimo, ver-se-á nos melhores cumes: quem quiser altear-se muito, ainda que voe menos, procure arrimar-se mais.

15 Que são os postos, senão subidas, cujos degraus se vencem a quedas? Quando o demônio ofereceu as dignidades mais luzidas a Cristo: *ego omnia*[lxxxix] *tibi dabo:*[xc] logo meteu[xci] por condição, que havia de cair ajoelhado diante dele: *Si cadens adoraveris me:*[xcii] que sem[xciii] cair não há levantar no mundo, custosos altos a

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

que ſe naõ pode negar ſem quedas? haueis de cahir diante do Principe, haueis de cahir diante do priuado, haueis de cahir diante dos Miniſtros, & quando pretendeis auentajanuos a outros, andais humilde bejando a maõ a muitos, & o peor he que muitas vezes, deſpois de tanto cahir, eſſes meſmos que adoraſtes em lugar de vos darem a maõ para que ſubais, vos daõ de mão para que naõ chegueis, & elles ficam tantas vezes adorados, & vòs caidos por huma vez.

Que ſam os applauſos da fama, ſenam reclamos de ecos, nam ha trombeta de bom ſucceſſo, que nam tenha de batalha os echos: o ſonido que fez a funda de Dauid pellas ruas de Ieruſalem occaſionou repetidas lançadas a Dauid no Palacio de Saul, mais felizmente atiràra, ſenam ſoàra tanto o tiro, que naõ ha trouaõ ſem raſgo da nuuem que a deu.

Que he a proſperidade, ſenam hum temporal a popa? ou haueis de recolher as vellas, ou aueis de correr fortuna, que tanto ameaça o naufragio com a tempeſtade a popa, como com a proa na tempeſtade.

Que he a fermoſura, ſenam huma caueira bem encarnada? mudarſeha com os annos, ou deſaparecera com a morte aquella exterior figura, & nam vos leuarà entam os olhos iſſo, que agora tanto vos catiua os coraçoens; eſte naufragio de liberdades enganadas, a que vulgarmente chamão todos gen-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

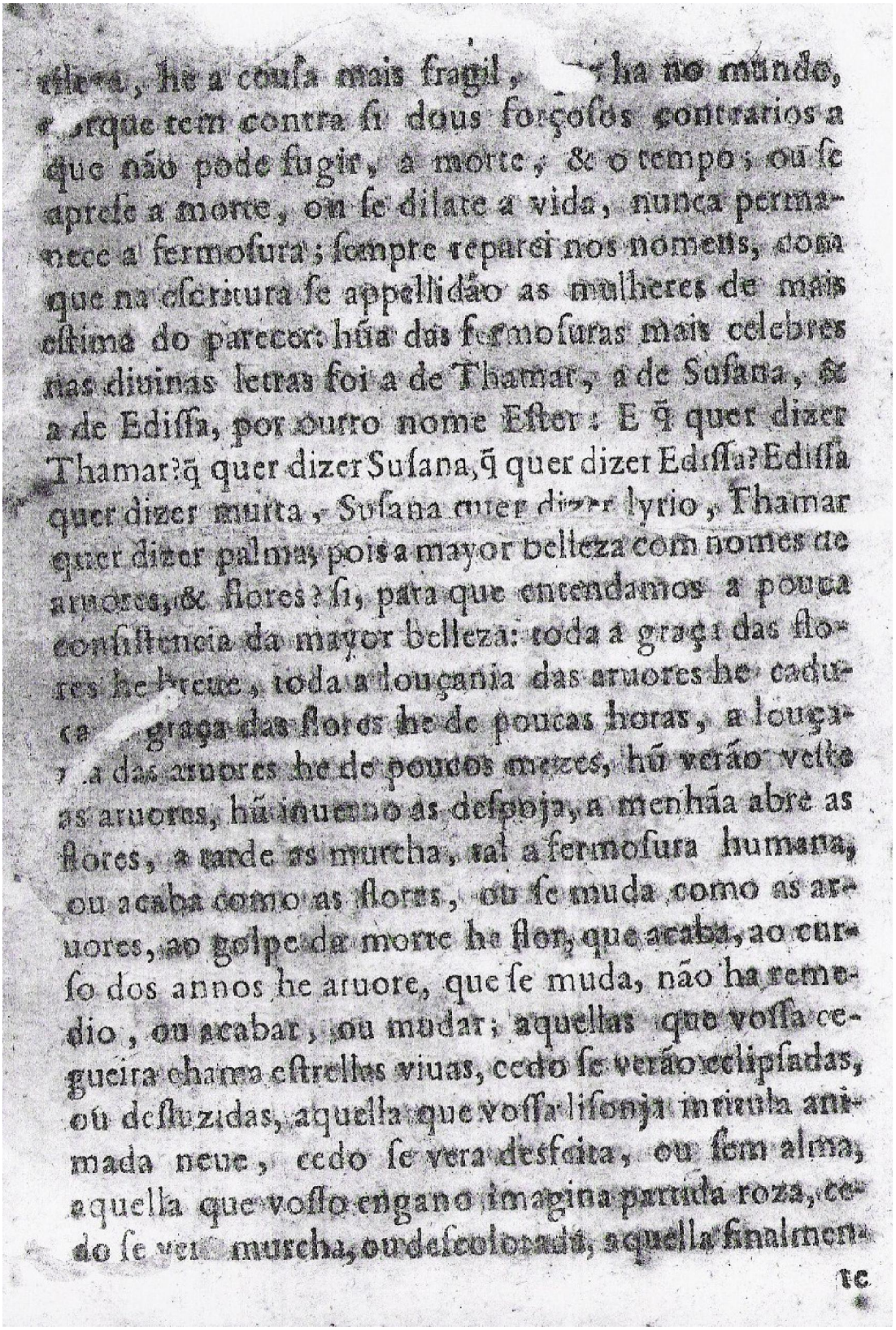
que se não pode chegar sem quedas? haveis de cair diante do Príncipe, haveis de cair diante do privado, haveis de cair diante dos Ministros, e quando pretendeis[xciv] aventajar-vos[xcv] a outros, andais humilde beijando a mão a muitos, e o pior é que muitas vezes, despois[xcvi] de tanto cair, esses mesmos que adorastes em lugar de vos darem a mão para que subais, vos dão de mão[xcvii] para que não chegueis, e eles ficam tantas vezes adorados, e vós caídos por uma vez.

16 Que são os aplausos da fama, senão reclamo de ódios, não há trombeta[xcviii] de bom sucesso, que não tenha de batalha os ecos: o sonido que fez a funda de Davi pelas ruas de Jerusalém ocasionou repetidas lançadas a Davi no Palácio de Saul, mais felizmente atirara, se não soara tanto o tiro, que não há trovão sem rasgo da nuvem que o[xcix] deu.

17 Que é a prosperidade, senão um temporal à popa? ou haveis de recolher as velas, ou haveis de correr fortuna,[c] que tanto ameaça o naufrágio com a tempestade à popa, como com a proa na tempestade.

18 Que é a fermosura,[ci] senão uma caveira bem encarnada? mudar-se-á com os anos, ou desaparecerá com a morte aquela exterior figura, e não vos levará então os olhos isso, que agora tanto vos cativa os corações; este naufrágio de liberdades enganadas, a que vulgarmente chamam todos gen-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.



tlesa, he a couſa mais fragil, q̃ ha no mũdo, porque tem contra ſi dous forçoſos contrarios a que não pode fugir, a morte, & o tempo; ou ſe aprese a morte, ou ſe dilate a vida, nunca permanece a fermoſura; ſempre reparei nos nomes, com que na eſcritura ſe appellidão as mulheres de mais eſtima do parecer: hũa das fermoſuras mais celebres nas diuinas letras foi a de Thamar, a de Suſana, & a de Ediſſa, por outro nome Eſter: E q̃ quer dizer Thamar? q̃ quer dizer Suſana, q̃ quer dizer Ediſſa? Ediſſa quer dizer murta, Suſana quer dizer lyrio, Thamar quer dizer palma; pois a mayor belleza com nomes de aruores, & flores? ſi, para que entendamos a pouca conſiſtencia da mayor belleza: toda a graça das flores he breue, toda a louçania das aruores he caduca, a graça das flores he de poucas horas, a louçania das aruores he de poucos mezes, hũ verão veſte as aruores, hũ inuerno as deſpoja, a menhãa abre as flores, a tarde as murcha, tal a fermoſura humana, ou acaba como as flores, ou ſe muda como as aruores, ao golpe da morte he flor, que acaba, ao curſo dos annos he aruore, que ſe muda, não ha remedio, ou acabar, ou mudar; aquellas que voſſa cegueira chama eſtrellas viuas, cedo ſe verão eclipſadas, ou deſluzidas, aquella que voſſa liſonja intitula animada neue, cedo ſe vera deſfeita, ou ſem alma, aquella que voſſo engano imagina parruda roza, cedo ſe verá murcha, ou deſcolorada, aquella finalmen-

te

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

tileza, é a cousa[cii] mais frágil, que há no mundo,
porque tem contra si dous forçosos contrários a
que não pode fugir, a morte, e o tempo; ou se
apresse a morte, ou se dilate a vida, nunca perma-
nece a fermosura;[ciii] sempre reparei nos nomes,[civ] com
que na escritura se apelidam as mulheres de mais
estima do parecer: uma das fermosuras[cv] mais célebres
nas divinas letras foi a de Tamar,[cvi] a de Susana,[cvii] e
a de Edissa, por outro[cviii] nome Ester:[cix] E que quer dizer
Tamar? que quer dizer Susana, que quer dizer Edissa? Edissa
quer dizer murta, Susana quer dizer lírio, Tamar
quer dizer palma; pois a maior beleza com nomes de
árvores, e flores? si,[cx] para que entendamos a pouca
consistência da maior beleza: toda a graça das flo-
res é breve, toda a louçania das árvores é cadu-
ca, a graça das flores é de poucas horas, a louça-
nia das árvores é de poucos meses, um verão veste
as árvores, um inverno as despoja, a menhã[cxi] abre as
flores, a tarde as murcha, tal a fermosura[cxii] humana,
ou acaba como as flores, ou se muda como as ár-
vores, ao golpe da morte é flor, que acaba, ao cur-
so dos anos é árvore, que se muda, não há remé-
dio, ou acabar, ou mudar; aquelas[cxiii] que vossa ce-
gueira chama estrelas vivas,[cxiv] cedo se verão eclipsadas,
ou desluzidas, aquela que vossa lisonja intitula ani-
mada neve,[cxv] cedo se verá desfeita, ou sem alma,
aquela que vosso engano imagina partida rosa,[cxvi] ce-
do se verá murcha, ou descolorada, aquela finalmen-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

te, que noſſo aff[illegible]to applaude Ceo com alma, cedo ſe vera ſem luz, ſem cor, ſem ſer, ſem fermoſu[illegible]

Que he o amor, ſenão hũ inferno com fogo ſem eternidade; he muito para ver hũ deſtes finos, que a ſeu trabalho conſerta ſeu diuertimento, como o inquieta o temor, como o tiranniſaõ os zelos, como o ſobreſalta a difficuldade, como o aſſuſta o deſdem, como o laſtima a abſencia, que ternuras, que rendimentos, que lagrimas, que triſtezas, ſuſpira o coraçaõ, arde a vontade, pena o entendimento, ja eſpira, ja ſe queixa, ja adora, ja ſe indigna, emfim todo viue dentro de ſy para o tormento, & todo anda fora de ſy para o ſoſſego, ha mayor inferno que eſte. E quantas vezes deſpois de tanto tropel de ancias vem a experimentar occaſião de vltima deſgraça, o que imaginaua termo de ſuas mayores ve[illegible]uras, digamno hũ Amon, hũ Sichem, & hũ Sanſaõ, o amor de Amon com Thamar parou em hũa lança, o amor de Sichem com Dina rematouſe em hũ punhal, o amor de Sanſaõ com Dalida, para que fizeſſe melhor a figura, cuſtoulhe os olhos; E que ſe veja taõ adorado no mundo eſte idolo? para que trazes arço, & ſettas tirano enganador, ſe hão de ſeruir tuas ſetras para ferir o coraçaõ, & naõ para defender os feridos, com razão te fingirão ſempre minino, porque armas na mão de hũ minino poderão ferir, mas naõ podem deffender, & que me renda taõ facilmente a tuas armas? que me ſegue de hũ minino?

que

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

te, que nosso afeto aplaude Céu com alma,[cxvii] cedo se verá sem luz, sem cor, sem ser, sem fermosura.[cxviii]

19 Que é o amor, senão um inferno com fogo sem eternidade; é muito para ver um destes finos, que a seu trabalho concerta[cxix] seu divertimento,[cxx] como o inquieta o temor, como o tiranizam os zelos, como o sobressalta a dificuldade, como o assusta o desdém, como o lastima a absência,[cxxi] que ternuras, que rendimentos, que lágrimas, que tristezas, suspira o coração, arde a vontade, pena o entendimento, já expira,[cxxii] já se queixa, já adora, já se indigna, enfim[cxxiii] todo vive dentro de si para o tormento, e todo anda fora de si para o sossego, há maior inferno que este. E quantas vezes despois[cxxiv] de tanto tropel de ânsias vem a experimentar ocasião de última desgraça, o que imaginava termo de suas maiores venturas, digam-no um Amon, um Siquém, e um[cxxv] Sansão, o amor de Amon com Tamar parou em uma lança,[cxxvi] o amor de Siquém com Dina rematou-se em um punhal,[cxxvii] o amor de Sansão com Dalila,[cxxviii] para que fizesse melhor a figura, custou-lhe os olhos;[cxxix] E que se veja tão adorado no mundo este ídolo? para que trazes arco, e setas tirano enganador, se hão de servir tuas setas para ferir o coração, e não para defender os feridos, com razão te fingiram[cxxx] sempre menino, porque armas na mão de um menino poderão[cxxxi] ferir, mas não podem defender, e que me renda tão facilmente a[cxxxii] tuas armas? que me cegue[cxxxiii] de um menino?

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

que me fie de hũ cego: grande ligueira minha em
estimar, mas grande sem razaõ tua em me ferir.

Que saõ os gostos, senaõ cilada dos pezares? não ha sauo nesta vida, onde o dissabor da cera naõ seja prato dos sabores do mel: na doçura de hũ pomo comeraõ nossos primeiros pays o veneno da mortalidade: o dia, que criou Deos a luz do Ceo, fez nuués que o pudessem escurecer, & quando mais florida, & fecunda criou a terra, ja lhe tinha preuenidos os espinhos que a pudessem afear, que não ha dia de alegria sem sua nuue, nem flor de contentamento, sem seu espinho.

Que saõ os deleites, senaõ remansos enlodados? onde chegais seguioso a satisfazeruos, & por mais que bebeis, manchais os beços, & naõ matais a sede. Conuerteo Deos a mulher de Loth naquella estatua de sal, & quer Origenes, que fosse para symbolo dos deleites desta vida, & para tal estatua não hauia melhor materia; meteis huma pedra de sal na boca, deixaila fazer em agoa, ideia despois bebendo, & tragando, que securas não vos faz, que sede vos não causa? eis aqui os deleites do nosso mundo, agoa de sal, tudo he beber, & tudo he sede, vossa experiencia o diga:

Que saõ as riquezas, senaõ marés do Oceano? que para encher as nossas prayas, vasa nas alheas: Com as galas de Esau entrou Iacob a receber a bençaõ de seu pay Isac: *Vestibus Esau valde bonis induit eum*

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

que me fie de um cego! grande cegueira minha em
te estimar, mas grande sem-razão tua em me ferir.[cxxxiv]

20 Que são os gostos, senão ciladas dos pesares? não
há favo nesta vida, onde o dissabor da cera não seja
prato dos sabores do mel: na doçura de um pomo
comeram nossos primeiros pais o veneno da morta-
lidade: o dia, que[cxxxv] criou Deus a luz do Céu, fez nuvens
que o pudessem escurecer, e quando mais flori-
da, e fecunda criou a terra, já lhe tinha prevenidos
os espinhos que a pudessem afear, que não há dia
de alegria sem sua nuve,[cxxxvi] nem flor de contentamen-
to, sem seu espinho.[cxxxvii]

21 Que são os deleites, senão remansos enlodados?
onde chegais sequioso[cxxxviii] a satisfazer-vos, e por mais
que bebeis, manchais os beiços, e não matais a se-
de; Converteu Deus a mulher de Ló naquela es-
tátua de sal,[cxxxix] e quer Orígenes,[cxl] que fosse para[cxli] símbo-
lo dos deleites desta vida, e para tal estátua não ha-
via melhor matéria; meteis uma pedra de sal na
boca, deixai-a fazer em água, ide-a depois[cxlii] bebendo,
e tragando, que securas não vos faz,[cxliii] que sede vos
não causa? eis aqui os deleites do nosso mundo, água[cxliv]
de sal, tudo é beber, e tudo é sede, vossa expe-
riência o diga.[cxlv]

22 Que são as riquezas, senão marés[cxlvi] do Oceano?
que para encher as nossas praias, vaza nas alheias:
Com as galas de Esaú entrou Jacó[cxlvii] a receber[cxlviii] a bên-
ção de seu pai Isaac: *Vestibus Esau valde bonis induit*

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

cum: & não pude entrar com as ſuas galas Iacob? mas era o morgado de Eſau, & como hia Iacob leuarlhe o morgado, leuoulhe tambem os veſtidos, porque não ha enriquecer Iacob, ſem deſpir a Eſau: todas as abundancias deſta vida ſão deſpojos, ſe a alguns ſobeja, he porque ſe deſpojão outros; não tiuera Ichu trono em que ſe coroar, ſe não ficarão muitos ſem capa cõ que ſe cobrir.

Que ſaõ as amizades, ſenão lizõjas da herua do Sol? todo o dia que arde eſſe planeta famoſo, anda em perpetuo circulo bebendolhe os ſemblantes, porem em ſe pondo pella tarde a luz, deixa cahir folhas, & flor para o lado, em que a achão as ſombras; não há de ordinario amigo, que não poſſais aſſomaruos a elle, como faſeis a janella para ver o tempo que corre: Com a caza de Dauid, diz o ſagrado, que fizera Ionathas os concertos de ſua amizade: *Pepigit fœdus cum domo Dauid*: ſe os Ionathas ſaõ amigos com os olhos na caza, quem haverà que ſeja amigo com os olhos em Dauid? por iſſo nas deſgraças dos Dauis, vemos faltar tanto os Ionathas; ſaõ amiſades contratadas com a fortuna da caſa, ſe a caſa corre fortuna, quebrouſe o contrato, & não ha Ionathas para Dauid.

Que he finalmente a Corte, ſenão hũa roda arrebatada, onde atados de ſeus deſejos volteão os Corteſaõs miſeraueImente alegres? Oh roda de Liſboa, que de atados leuas? que cuidados de mo[illegible]arriba.

C que

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

eum:[cxlix] e não pudera entrar com as suas galas Jacó? mas era o morgado de Esaú, e como ia Jacó a levar-lhe o morgado, levou-lhe também os vestidos, porque não há enriquecer Jacó, sem despir a Esaú: todas as abundâncias desta vida são despojos, se a alguns sobeja, é porque se despojam outros; não tivera Jeú[cl] trono em que se coroar, se não ficaram[cli] muitos sem capa com que se cobrir.

23 Que são as amizades, senão lisonjas da erva do Sol?[clii] todo o dia que arde esse planeta famoso, anda em perpétuo círculo bebendo-lhe os semblantes, porém em se pondo pela tarde a luz, deixa cair folhas, e flor para o lado, em que a acham as sombras; não há de ordinário amigo, que não possais assomar-vos a ele, como[cliii] fazeis à janela para ver o tempo que corre: Com a casa de Davi, diz o texto sagrado, que fizera Jônatas os concertos de sua amizade: *Pepigit foedus*[cliv] *cum domo David:*[clv] se os Jônatas são amigos com os olhos na casa, quem haverá que seja amigo com os olhos em Davi? por isso nas desgraças dos Davis, vemos faltar tanto os Jônatas; são amizades contratadas com a fortuna[clvi] da casa, se a casa[clvii] corre fortuna,[clviii] quebrou-se o contrato, e não há Jônatas para Davi.[clix]

24 Que é finalmente a Corte, senão uma roda arrebatada, onde atados de seus desejos volteiam os Cortesãos, miseravelmente alegres? Oh roda de Lisboa, que de atados levas? que cuidados de montar arriba,

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

que embaraços de cahir abaixo? que preſſas ao valer, que deſares ao cahir? que precipicio nos appetites, que quedas na cobiça? que despenhos na enueja, que ruido às eſperáças? que porfia aos fauores, que queixa aos infortunios? que tormento aos deſenganos? rodão liſongeiros, voltão ambicioſos, ſobe aquelle, baixa eſte, trabalhão todos, riſſe o mundo, & anda a roda.

Eis aqui o mundo, eis aqui as melhores prendas do mundo: & que iſto nos prenda as vontades, que iſto nos enfeitice os coraçoens? que ſe deſuele o ſoberbo por tais grandezas, o deſuanecido por tal gloria, o ambicioſo por tais honras, o palaciano por tal priuança, o requerente por tais deſpachos, o cortezão por tais poſtos, o preſumido por tal fama, o enueiado por tal proſperidade, o diuertido por tal feſtiuidade, o affeiçoado por tal amor, o delicioſo por tais goſtos, o laſciuo por tais deleites, o cobiçoſo por tais riquezas, & todos por tais amizades, por tal corte, & por tal mundo. *Nolie theſaurizare vobis theſauros in terra*: acabemos ja de entender que não ſão os bens da terra para trocarmos por elles o Ceo: para nos comprar o Ceo a ſeu Eterno Pay encarnou, & morreo o Eterno Verbo, ſe a vida de Deos he o preço juſto de noſſa bemauenturança, como vendemos tão barato o que val taõ caro? ou auemos de dizer contra os dictames da Fé, que Deos andou imprudente na compra, ou auemos de confeſſar, que procede-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

que embaraços de cair abaixo? que pressas ao valer, que desares ao cair? que precipício nos apetites, que quedas na cobiça? que despenhos[clx] na inveja, que ruído às esperanças? que porfia[clxi] aos favores, que queixa aos infortúnios? que tormento aos desenganos? rodam lisonjeiros, voltam ambiciosos, sobe aquele, baixa este, trabalham todos, ri-se o mundo, e anda a roda.[clxii]

25 Eis aqui o mundo, eis aqui as melhores prendas do mundo: e que isto nos prenda as vontades, que isto nos enfeitice os corações? que se desvele o soberbo por tais grandezas, o desvanecido[clxiii] por tal glória, o ambicioso por tais honras, o palaciano por tal privança, o requerente por tais despachos, o cortesão por tais postos, o presumido por tal fama, o invejoso por tal prosperidade, o divertido por tal fermosura,[clxiv] o afeiçoado por tal amor, o delicioso por tais gostos, o lascivo por tais[clxv] deleites, o cobiçoso por tais riquezas, e todos por tais amizades, por tal corte, e por tal mundo. *Nolite thesaurizare vobis thesauros in terra:* acabemos já de entender que não são os bens da terra para trocarmos por eles o Céu: para nos comprar o Céu a seu Eterno Pai encarnou, e morreu o Eterno Verbo, se a[clxvi] vida de Deus é o preço justo de nossa bem-aventurança, como vendemos tão barato o que val tão caro? ou havemos de dizer contra os ditames da Fé, que Deus andou imprudente[clxvii] na compra, ou havemos de confessar, que pro-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

cedemos muito se- uizo na venda.

Nem nos embarace chamar Christo thesouros aos bens da terra, não lhe chama assi porque o sejão, senão porque nossa cegueira assim o cuida: reparem na diuersidade mysteriosa de suas palauras; quando fala nos bens da terra, não diz, que não entheseuremos, senão que não queiramos entheseurar: *nolite thesaurisare*: quando fala dos bens do Ceo, não diz, que queiramos entheseurar, senão que entheseuremos: *thesaurisate*: pois se faz caso da vontade nos bens de terra, porque não faz caso da vontade nos bens do Ceo? porque nao diz, querei entheseurar no Ceo, assim como diz, não queirais entheseurar na terra? porque quiz mostrar a differença, que vay da terra ao Ceo; não sollicita a vontade para os thesouros do Ceo, porque os bens do Ceo não dependem da nossa vontade para ser thesouros; desafeiçoa expressamente a vontade para os thesouros da terra, porque os bens da terra não tem mais de thesouros, do que aquillo, que nos lhe pomos de vontade, porque nos cegamente o queremos, pôr isso sô elles parecem thesouros, naõ queiramos nos, que logo naõ sejaõ thesouros os bens da terra; a naõ querer nos admoesta Christo: *nolite*: & para que a razam obrigue a vontade, insta o conhecimento dos nadas do mundo desde o conhecimento da vileza de nosso ser: *Memento homo quia puluis es.*

Et in puluerem reuerteris: A segunda razaõ de nossa

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

cedemos muito sem juízo na venda.[clxviii]

26 Nem nos embarace chamar Cristo tesouros aos bens da terra, não lhe[clxix] chama assi porque o sejam, senão porque nossa[clxx] cegueira assim o cuida: reparem na diversidade misteriosa de suas palavras; quando fala nos bens da terra, não diz, que não entesouremos, senão que não queiramos entesourar: *nolite thesaurizare:* quando fala dos bens do Céu, não diz, que queiramos entesourar, senão que entesouremos: *thesaurizate:*[clxxi] pois se faz caso da vontade nos bens de[clxxii] terra, por que não faz caso da vontade nos bens do Céu? por que não diz, querei entesourar no Céu, assim como diz, não queirais entesourar na terra? porque quis mostrar a diferença, que vai da terra ao Céu; não solicita a vontade para os tesouros do Céu, porque os bens do Céu não dependem da nossa vontade para ser tesouros; desafeiçoa expressamente a vontade para os tesouros da terra, porque os bens da terra não têm mais de tesouros, do que aquilo, que nós lhe pomos de vontade, porque nós cegamente o queremos, por isso só eles parecem tesouros, não queiramos nós, que logo não sejam tesouros os bens da terra; a não querer nos admoesta Cristo: *nolite:* e para que a razão obrigue a vontade, insta o conhecimento dos nadas do mundo desde o conhecimento da vileza de nosso ser: *Memento homo quia pulvis es.*

27 *Et in pulverem reverteris:* A segunda razão de nossa

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

conuerſaõ a Deos funda a Igreja a fragilidade de noſſas vidas; ainda nos de que auemos de ſer mortos, para que ſaibamos buſcar a Deos como mortais; mas he muito para reparar, que ſe encomenda à memoria eſte auiſo: *memento*: a morte de cada hũ de nos ainda ha de ſer, o objecto da memoria he o que ja foi, ninguem ſe lembra propriamente de couſas futuras, ſenaõ de couſas paſſadas, pois ſe a noſſa morte ainda ha de vir, como ſe faz objecto da memoria? para que nos deſenganemos que ha de vir a noſſa morte; naõ ha couſa mais certa que o paſſado & na morte he tão infaliuel o futuro, que para ſe conhecer ainda quando futura, ha de ſer por acto de memoria como ja paſſada: *memento*: em todos os outros bens, & males deſte mundo ha ſeus acaſos: naſce hũ minino, a caſo naſce, a caſo naõ creſce, a caſo ſerá rico, a caſo pobre, a caſo humilde, a caſo honrado, diſcorrei por todas as couſas, de tudo podeis dizer, a caſo ſerá, a caſo naõ ſerá, ſõ na morte, por mais caſos, que haja, naõ ha nenhũ a caſo: por ventura podeis affirmar deſſe minino, a caſo morera, a caſo naõ morera? deſde que naſceu começou a enfermar, & tão de morte, que ſõ com a vida acabara o achaque, porque traz o achaque na meſma vida.

Ninguem naſce tão viuo, que naõ venha mortal; as mantilhas do berço ſaõ fiança das mortalhas do tumulo: andão ſempre entre ſy de batalha eſtes dous grandes Capitaens a morte, & a natureza, a natureza

v

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

conversão a Deus funda a Igreja na fragilidade de nossas vidas, avisa-nos de que havemos de ser mortos, para que saibamos buscar a Deus como mortais; mas é muito para reparar, que se encomenda à memória este aviso: *memento:* a morte de cada um de nós ainda há de ser, o objeto da memória é o que já foi, ninguém se lembra propriamente de cousas[clxxiii] futuras, senão de cousas passadas, pois se a nossa morte ainda há de vir, como se faz objeto da memória? para que nos desenganemos que há de vir a nossa morte; não há cousa mais certa que o passado, e na morte é tão infalível o futuro, que para se conhecer ainda quando futura, há de ser por ato de memória como já passada: *memento:* em todos os outros bens, e males deste mundo há seus acasos: nasce um menino, acaso cresce, acaso não cresce, acaso será rico, acaso pobre, acaso humilde, acaso honrado, discorrei por todas as cousas, de tudo podeis dizer, acaso será, acaso não será, só na morte, por mais casos, que haja, não há nenhum acaso: porventura podeis afirmar desse menino, acaso morrerá, acaso não morrerá? desde que nasceu começou a enfermar, e tão de morte, que só com a vida acabará o achaque, porque traz o achaque na mesma vida.

28 Ninguém nasce tão vivo, que não venha mortal; as mantilhas do berço são fiança das mortalhas do túmulo: andam sempre entre si de batalha estes dous grandes Capitães a morte, e a natureza,[clxxiv] a natureza

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

a produzir, & [illegible]orte a segar, com esta diffe-
rença porem, que hé mais igual a morte em se-
gar, do que a natureza em produzir: a natureza com
fazer os homens todos do mesmo ser, não faz a to-
dos da mesma fortuna, gera a huns ricos, a outros
pobres, a este faz Senhor, a aquelle seruo, a morte
não anda com estas distinçoens, com igual respeito
pisa os Palacios, & as cabanas, & se não perdoa ao fi-
tio de hũ vulgar, não lhe escapa o Throno de hũ
Monarcha: Eleito Saul em Principe, deulhe Samuel
por final de sua boa fortuna, que voltando acharia
dous homens junto ao sepulchro de Rachel: *Hoc tibi
signum, cum abieris, inuenies duos viros juxta sepulchrum
Rachel*: estranho final para hũ Principe nouamente
eleito? das mortalhas de hũ defunto ha de inferir Sa-
ul as vendas de Monarcha? para saber quem vay, [illegible]ra
o paço ha de encaminhar primeiro os passos,
hũ sepulchro? isto he mandalo a reinar, ou a morrer?
he mandalo a desenganar que tãbem ha de morrer
quem reina: o laurador em tempo da sega igualmen-
te corta as mais altas, & mais baixas espigas, hũa fou-
ce segadora he instrumento da morte, resoluãose as
searas humanas, que altas, ou baixas, a todas ha de
alcançar o golpe: O Throno de Iehu em sua exalta-
çãõ a Rey de Israel foi assentado, conforme o Cal-
deo, em hum relogio, armonia toda de rodas, & de
estrondos, que por mais estrondos que faça a vida
Real, he vida de roda, que se soa sempre h porque

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

a produzir, e a morte[clxxv] a segar,[clxxvi] com esta diferença porém, que é mais igual a morte em segar,[clxxvii] do que a natureza em produzir: a natureza com fazer os homens todos do mesmo ser, não faz a todos da mesma fortuna, gera a uns ricos, a outros pobres, a este faz Senhor, a aquele[clxxviii] servo, a morte não anda com estas distinções, com igual respeito pisa os Palácios, e as cabanas, e se não perdoa ao sítio de um vulgar, não lhe escapa o Trono de um Monarca: Eleito Saul em Príncipe, deu-lhe Samuel por sinal de sua boa fortuna, que voltando acharia dous homens junto[clxxix] ao sepulcro de Rachel: *Hoc tibi signum, cum abieris, invenies duos viros juxta sepulchrum Rachel:*[clxxx] estranho sinal para um Príncipe novamente eleito? das mortalhas de um defunto há de inferir Saul as vendas de Monarca? para saber quem vai para o paço há de encaminhar[clxxxi] primeiro os passos a um sepulcro? isto é mandá-lo a reinar, ou a morrer? é mandá-lo a desenganar que também há de morrer quem reina:[clxxxii] o lavrador em tempo da sega[clxxxiii] igualmente corta as mais altas, e mais baixas espigas, uma fouce segadora[clxxxiv] é instrumento da morte, resolvam-se[clxxxv] as searas humanas, que altas, ou baixas, a todas há de alcançar o golpe:[clxxxvi] O Trono de Jeú em sua exaltação a Rei de Israel foi assentado, conforme o Caldeu,[clxxxvii] em um relógio, harmonia toda de rodas, e de estrondos, que por mais estrondos que faça a vida Real, é vida de roda, que se soa sempre é porque

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

nunca pâra, era relogio de Sol, [illegible] as horas ſo-
mente pintadas, porque né ainda no paço ha ſegu-
rança de horas verdadeiras de vida.

Ora a mim ja me parece, que a vida mais ſobera-
na, não ſo he tão fragil como todas, ſenão mais cadu-
ca que nenhũa: todos os homens ſaõ mortais, porem
o mais Senhor mais mortal que todos: abrame o ca-
minho a eſte ſentimento hũa conſequencia notauel
de Tertulliano: Conſidera elle a Chriſto no pretorio
de Pilatos aclamado Rey pellos ſoldados: *Aue Rex:*
& confirmado na dignidade pello preſidente: *ecce*
Rex veſter: exclama eſtranhamente, & profundo: *Re-*
demptorem habemus: ja naõ ha que recear, ja temos Re-
demptor: que dizeis Africano grande? Chriſto então
ha de ſer Redemptor, quando dera a vida pellos ho-
mens, pois como o ſegurais Redemptor quando o
vedes Rey? porque eſſe reinar he profecia indubita-
vel de que ha de remir: não ha Chriſto de remir o
mundo morrendo? pois ſe eſtà coroado, Redemptor
tem o mundo, porque não pode faltar morte, onde
ha coroa: a natureza humana deu a Chriſto capaci-
dade para morrer, porem a dignidade afiançoulhe a
morte para remir; a natureza ſelo mortal, a dignidade
ſegurouo morto: *ecce Rex veſter*: *Redemptorem habe-*
mus: ſumma fortuna he ſummo perigo: a luz quando
enche toda a roda, então pode padecer o eclipſe;
quando os Grandes não houueſſem de acabar por
humanos houuerão de acabar por Grandes: tanta

anti-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

nunca[clxxxviii] pára, era relógio de Sol, que tem as horas somente pintadas, porque nem ainda no paço há segurança de horas verdadeiras de vida.

29 Ora a mim já me parece, que a vida mais soberana, não só é tão frágil como todas, senão mais caduca que nenhuma: todos os homens são mortais, porém o mais Senhor mais mortal que todos: abra-me o caminho a este sentimento[clxxxix] uma conseqüência notável de Tertuliano:[cxc] Considera ele a Cristo no pretório de Pilatos aclamado Rei pelos soldados: *Ave Rex:* e confirmado na dignidade pelo presidente: *ecce Rex vester*: exclama estranhamente, e profundo: *Redemptorem habemus:* já não há que recear, já temos Redentor: que dizeis Africano grande? Cristo então há de ser Redentor, quando der a vida pelos homens, pois como o segurais[cxci] Redentor quando o vedes Rei? porque esse reinar é profecia indubitável de que há de remir: não há Cristo de remir o mundo morrendo? pois se está coroado, Redentor tem o mundo, porque não pode faltar morte, onde há coroa: a natureza humana deu a Cristo capacidade para morrer, porém a dignidade afiançou-lhe a morte para remir; a natureza fê-lo mortal, a dignidade segurou-o morto: *ecce Rex vester: Redemptorem habemus:* suma fortuna é sumo perigo: a luz quando enche toda a roda,[cxcii] então pode padecer o eclipse; quando os Grandes não houvessem de acabar por humanos, houveram[cxciii] de acabar por Grandes: tanta

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

antipathia tem a [illegible]ndeza com a vida, que as meſmas adoraçoens da Mageſtade ſaõ fatais diſpoſiçoens para a ruina, que illuſtre deſengano nas ruinas do inſenſiuel,

Adorarão os Hebreos aquelle bezerro eſcandaloſo formado de ouro de ſuas joyas, & ſentido Moyſes de ver o metal indignamente adorado, lançao no fogo, & diz o texto que ſe desfizera em pô, & em cinza: *Arripiens vitulum combuſsit, & contriuit vſque ad pulverem*: não ſei ſe notais a difficuldade: que ſe desfaça o ouro no fogo? no fogo que acriſola, & não deſtroe os metais? notauel ſucceſso por certo, & no preſente caſo mais notauel: Duas vezes foi eſte meſmo ouro ao fogo, da primeira conſeruouſe, & ſahio idolo, da ſegunda conſumiouſe, & ficou cinza: pois valha me Deos, ſe eſte ouro não podia antes conſumirſe no fogo, que o fez agora capaz de ſe deſtruir nelle? quẽ o tornou caduco ſe não era fragil? tornouo caduco quẽ o fes adorado; na primeira occaſião entrou eſte ouro no fogo com qualidades ſomente de metal, na ſegunda entrou com reſpeitos de adorado no fogo, & ſe bem não podia desfazerſe por metal, pode por adorado desfazerſe: Ah adorados do mundo, as adoraçoens vos deſuanecem, & não aduertis que tambẽ as adoraçoens vos matão: ſe os metais deſpois de adorados encontrão ſeu vltimo dano, onde primeiro achauão ſeu mayor luſtre, que ſuccedera nos adorados, que não ſaõ metais.

Con-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

antipatia tem a grandeza com a vida, que as mesmas adorações da Majestade são fatais disposições para a ruína, que ilustre desengano nas ruínas do insensível.[cxciv]

30 Adoraram os Hebreus aquele bezerro escandaloso formado de[cxcv] ouro de suas jóias, e sentido Moisés de ver o metal indignamente adorado, lança-o[cxcvi] no fogo, e diz o texto que se desfizera em pó, e em cinza: *Arripiens*[cxcvii] *vitulum combussit, et contrivit usque ad pulverem:*[cxcviii] não sei se notais a dificuldade: que se desfaça o ouro[cxcix] no fogo? no fogo que acrisola, e não destrue os metais? notável sucesso por certo, e no presente caso mais notável. Duas vezes foi este mesmo ouro ao fogo, da primeira conservou-se, e saiu ídolo, da segunda consumiu-se,[cc] e ficou cinza: pois valha-me Deus, se este ouro não podia antes consumir-se no fogo, que o fez agora capaz de se destruir nele? quem o tornou caduco se não era frágil? tornou-o caduco quem o fez adorado; na primeira ocasião entrou este ouro no fogo com qualidades somente de metal, na segunda entrou com respeitos de adorado no fogo, e se bem não podia desfazer-se por metal, pôde por adorado desfazer-se: Ah adorados do mundo, as adorações[cci] vos desvanecem, e não advertis que também as adorações vos matam: se os metais despois[ccii] de adorados encontram seu último dano, onde primeiro achavam seu maior lustre, que sucedera nos adorados, que não são metais.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Contra os outros armaſe a morte, porque ſaõ homens, contra os Grandes armaſe a morte porque ſaõ homens, & porque ſaõ grandes, por duas partes os combate, pello ſer, & pella dignidade, ſingularmente o diſſe Dauid em hũas palauras muito vulgares: *Ego dixi, Dij eſtis vos, & filij excelſi omnes*; Senhores do mundo vos ſereis Vice-Deoſes na terra, & filhos de progenitores muito illuſtres: *Vos autem ſicut homines moriemini, & ſicut vnus de Principibus cadetis*: porem ſabei que haueis de morrer como homens, & acabar como Principes: repare aue diſtingue duas mortes o Real Propheta, morte como homens, *ſicut homines*, & morte como Principes: *ſicut vnus de Principibus*: logo quẽ for juntamente homem, & Principe, he mortal duas vezes, mortal por homem, & mortal por Principe: aſſi excede na mortalidade, quẽ aſſi excede na grandeza, tanto ha de morrer de Principe, como de homem, por duas partes o buſca a morte, pella fragilidade da natureza: *ſicut homines*: & pella ſoberania do eſtado: *ſicut vnus de Principibus*.

Nem pareça que fis ateagora mais mortais aos Grandes ſem fundamento, tendo razaõ para o ſentir aſſi, & a meu juizo he grande razaõ: Deos criou a Adam immortal, fezſe deſpois Adam mortal porque peccou, & peccou porque quiz ſer muito ſoberano: *eritis ſicut Dij*: de maneira que noſſa mortalidade, ſe bem aduertirmos, teue cauſa, & teue occaſiaõ; teue cauſa a culpa, porque não fora Adam mortal, ſe

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

31 Contra os outros arma-se a morte, porque são homens, contra os Grandes arma-se a morte porque são homens, e porque são grandes, por duas partes os combate, pelo ser, e pela dignidade, singularmente o disse Davi em umas palavras muito vulgares: *Ego dixi,*[cciii] *Dii estis*[cciv] *vos, et filii excelsi omnes;*[ccv] Senhores do mundo vós sereis Vice-Deuses na terra, e filhos de progenitores muito ilustres: *Vos autem sicut homines moriemini, et sicut unus de Principibus cadetis:*[ccvi] porém sabei que haveis de morrer como homens, e acabar como Príncipes: repare[ccvii] que distingue duas mortes o Real Profeta, morte como homens, *sicut homines,* e morte como Príncipes: *sicut unus de Principibus:* logo quem for juntamente homem, e Príncipe, é mortal duas vezes, mortal por homem, e mortal por Príncipe: assi[ccviii] excede na mortalidade, quem assi[ccix] excede na grandeza, tanto há de morrer de Príncipe, como de homem, por duas partes o busca a morte, pela fragilidade da natureza: *sicut homines:* e pela soberania[ccx] do estado: *sicut unus de Principibus.*

32 Nem pareça que fiz até agora[ccxi] mais mortais aos Grandes sem fundamento, tendo[ccxii] razão para o sentir assi,[ccxiii] e a meu juízo é grande razão: Deus criou[ccxiv] a Adão imortal, fez-se depois[ccxv] Adão mortal porque pecou, e pecou porque quis ser muito soberano: *eritis sicut Dii:*[ccxvi] de maneira que nossa mortalidade, se bem advertirmos, teve causa, e teve ocasião; teve causa na culpa, porque não fora Adão mortal, se

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

não peccara, teue occaliao na grande[illegible], porque não peccara Adam, se não quizera ser muito grande; var[illegible] a nòs agora; nos outros homens tem a mortalidade cauſa, porque todos naſcemos culpados, nos grandes tẽ a mortalidade cauſa, & juntamẽte occaſião, por que naſcem culpados, & naſcẽ grãdes, pois quẽ duuida que de algũ modo fica mais mortal aquelle, em que a morte acha cauſa, & occaſião de mortalidade, do que aquelle em que a morte acha ſomente cauſa? & cõparando entre ſy a cauſa com a occaſião, mais arriſcada anda a vida pella occaſião, do que pella cauſa, mais he para recear a mo[illegible] ſoberano, de que pella natureza culpada: Acab, quando vinha contra elle o de Syria, para reſguardar melhor a vida, depondo a Mageſtade de Rey entrou de diſfarce na batalha: Siſara, quando recebeo a rota de Barac, pa[illegible] fugir melhor a morte, deixando as inſignias de Gene[illegible], ſe meteo na tropa dos apeados; de ſorte que os Senhores, quando nos perigos queré aſſegurar a vida, depoem o mageſtoſo, & ficão ſô no humano, como que encarece nelles mais a morte pello que tem de diuinos, do que pello que tem de homens: haſe a morte com noſco, como nós com as flores; não ha homem, que paſſeando por hũ prado, ou ſahindo a hũ jardim, não tope com os olhos naquella flor, que ſobre as outras ſe leuanta, & não eſtenda logo a mão, & a corte, ou porque ſe ſofre tão mal a ſoberba, que ainda em repreſentação aborrece, ou porque ſe leuanta tão mal a deſigualdade, que ainda entre Hore[illegible]

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

não pecara, teve ocasião na grandeza, porque não pecara Adão, se não quisera ser muito grande; vamos a nós agora; nos outros homens tem a mortalidade causa, porque todos nascemos culpados, nos grandes tem a mortalidade causa, e juntamente ocasião, porque nascem culpados, e nascem grandes, pois quem duvida que de algum modo fica mais mortal aquele, em que a morte acha causa, e ocasião de mortalidade, do que aquele em que a morte acha somente causa? e comparando entre si a causa com a ocasião, mais arriscada anda a vida pela ocasião, do que pela causa, mais é para recear a morte pelo estado soberano, do que pela natureza culpada: Acab,[ccxvii] quando vinha contra ele o de Síria,[ccxviii] para resguardar melhor a vida, depondo a Majestade de Rei entrou de disfarce na batalha: Sisara,[ccxix] quando recebeu a rota de Barac, para fugir melhor à morte, deixando as insígnias de General, se meteu na tropa dos apeados;[ccxx] de sorte que os Senhores, quando nos perigos querem assegurar a vida, depõem o majestoso, e ficam só no humano, como que encarece neles mais a morte pelo que têm de divinos, do que pelo que têm de homens: há-se a morte conosco, como nós com as flores; não há homem, que passeando por um prado, ou saindo a um jardim, não tope com os olhos naquela flor, que sobre as outras[ccxxi] se levanta, e não estenda logo a mão, e a corte, ou porque se sofre tão mal a soberba, que ainda em representação aborrece, ou porque se levanta tão mal a desigualdade, que ainda entre flores não

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

he ſofriuel: a flores compara Dauid os homens: *ſic flos agri, ſic florebit*: & a morte como tão amiga de abater ſoberbas, anda com a mira nas eminencias, & aſſi corta vidas, como nos cortamos flores.

Com toda eſta igualdade, que a morte guarda no golpe, comette grandes deſigualdades no tempo, he deſigual, porque não faz diſtinção de peſſoas, he deſigual, porque não faz differença de idades, a hũ tira a vida nos annos maduros da velhice, a outros nos annos verdes da mocidade, como a morte em matar não ſegue a deſigualdade da natureza em produzir, da meſma maneira na[illegible] guarda com os annos, o que a natureza obſerua com o anno: no anno ha primauera para brotarem as flores, & ha outono para ſe colherem os fruros, nos annos o meſmo verão da vida he o inuerno da morte: eſpada, & ſetras atribuio á morte Dauid: *Gladium ſuum vibrauit, arcum ſuum tetendit, & in eo parauit vaſa mortis*: E a que fim eſta differença, de armas na morte? porque ſe arma contra toda a differença de annos: *gladius vicinos, arcus remotos petit, ſic nullus eximitur*, diſſe o inſigne expoſitor dos Pſalmos de minha Religião ſagrada; a eſpada he arma que ſerue para o perto, a ſetta he arma que ſerue para o longe, no juizo de noſſa cegueira as idades tem ſeus longes, & ſeus pertos, a velhice parecenos que anda muito perto da ſepultura, a mocidade pello contrario, parecenos que eſta muito longe do tumulo, pois que faz a morte? armaſe de eſpa

da-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

é sofrível: a flores compara Davi os homens: *sicut flos agri, sic*[ccxxii] *efflorebit:*[ccxxiii] e a morte como tão amiga de abater soberbas, anda com a mira nas eminências, e assi[ccxxiv] corta vidas, como nós cortamos flores.

33 Com toda esta igualdade, que a morte guarda no golpe, comete grandes desigualdades no tempo, é desigual, porque não faz distinção de pessoas, é desigual, porque não faz diferença de idades, a um tira a vida nos anos maduros[ccxxv] da velhice, a outros[ccxxvi] nos anos verdes da mocidade, como a morte em matar não segue a desigualdade da natureza em produzir, da mesma maneira[ccxxvii] não guarda com os anos, o que a natureza observa com o ano: no ano há primavera para brotarem as flores, e há outono para[ccxxviii] se colherem os frutos,[ccxxix] nos anos o mesmo verão da vida é o inverno da morte: espada, e setas atribuiu à morte Davi: *Gladium suum vibravit, arcum suum tetendit,*[ccxxx] *et in eo*[ccxxxi] *paravit vasa mortis:*[ccxxxii] E a que fim esta diferença, de armas na morte? porque se arma contra toda a diferença de anos: *gladius vicinos, arcus*[ccxxxiii] *remotos petit, sic nullus eximitur,* disse o insigne expositor[ccxxxiv] dos salmos de minha Religião sagrada; a espada é arma que serve para o perto, a seta é arma que serve para o longe, no juízo de nossa cegueira as idades têm seus longes, e seus pertos, a velhice parece-nos que anda muito perto da sepultura, a mocidade pelo contrário, parece-nos que está muito longe do túmulo, pois que faz a morte? Arma-se de espa-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

da, & ſettas, ſettas para os longes da mocidade, eſpada para os pertos da velhice: ninguem ſe conſe nos annos, que para todos ha arma, ſe ſois velho, eſtais perto, & ha eſpada; ſe ſois moço eſtareis embora longe, mas ha ſettas: deſde as primeiras quatro vidas que ouue, ſe couſtumou a eſtas deſigualdades a morte: viuia Adam, viuia Eua, viuia Caim, & viuia Abel, os mais annos erão de Adam, os menos annos erão de Abel, ouue a morte de fazer a primeira experiencia de ſeu poder, & Abel foi o aluo de ſeus tiros, de ſorte que quando a morte quiz aprender a tirar vidas, fez o ensayo na menoridade, & primeiro que os velhos ſoube o mundo que erão mortais os moços, ſeria ſem razão deſte tyrano, mas não ha duuida que he deſengano a noſſas confianças.

E ja ſe a morte eſperara annos determinados para começar a tyrania de ſeu imperio, tiuera a vida ſeus annos, porem começa tanto ante tempo, ou tanto a todo o tempo mata, que nonhũ inſtante de ſeu fica à vida: paſſado o inſtante do naſcimento, não ha inſtante algum em que não poſſa morrer o homem, acaba de naſcer neſte inſtante preſente, & pode logo morrer no futuro, & ſe o primeiro inſtante he do naſcimento, & todos os inſtantes ſeguintes ſão da morte, entre o naſcer, & o morrer ſe reparte todo o tempo, viuemos ſi, mas à merce da morte viuemos, não ſão annos de vida os annos de noſſa vida, depoſitaos a morte como ſeus & peõ

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

da, e setas, setas para os longes da mocidade, espada para os pertos da velhice: ninguém se confie nos anos, que para todos há arma, se sois velho, estais perto, e há espada; se sois moço estareis embora longe, mas há setas: desde as primeiras quatro vidas que houve, se costumou a estas desigualdades a morte: vivia Adão, vivia Eva, vivia Caim, e vivia Abel, os mais anos eram de Adão, os menos anos eram de Abel, houve a morte de fazer a primeira experiência de seu poder, e Abel foi o alvo de seus tiros,[ccxxxv] de sorte que quando a morte quis aprender a tirar vidas, fez o ensaio na menor idade, e primeiro que os velhos soube o mundo que eram mortais os moços, seria sem-razão deste tirano, mas não há dúvida que é desengano a nossas confianças.

34 E já se a morte esperara anos determinados, para[ccxxxvi] começar a tirania de seu império, tivera a vida seus anos, porém começa tanto ante tempo, ou tanto a todo o tempo mata, que nenhum instante de seu fica à vida: passado o instante do nascimento, não há instante algum em que não possa morrer o homem,[ccxxxvii] acaba de nascer neste instante presente, e pode logo morrer no futuro, e se o primeiro instante é do nascimento, e todos os instantes seguintes são da morte, entre o nascer, e o morrer se reparte todo o tempo, vivemos si,[ccxxxviii] mas à mercê da morte vivemos, não são anos da vida os anos de nossa vida, deposita-os a morte como seus, e pede

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

quando que o depoſito: vidro ſe chama na eſcritu
ſagrada a natureza humana; aſſim entendem al-
guns aquillo de Iob, quando diſſe, que nem o ouro
mais fino, nem o vidro mais fino ſe podia compa-
rar com a ſabedoria diuina: *Non adequabitur ei aurum,*
vel vitrum: No ouro ſe ſignificão os Anjos, no vi-
dro ſe ſymboliſaõ os homẽs: lançai agora os olhos
a hũa tenda de vidros onde ſe puſerão alguns ha
muitos annos, & outros ha poucos dias, pergunto
qual delles vos parece que quebrara primeiro, o que
ſe pos ha annos, & eſtà ja tão cuberto de pò, que
não ſe vê ſua claridade, ou o que ſe pôs ainda ontẽ
tão fermoſo, & tranſparente? he certo que tanto riſco
corre hũ como o outro, & tão pouca ſegurança tem
eſte, como aquelle, porque ſaõ ambos da meſma
maſſa, tão fragil hũa, como a outra, pois toda eſta
machina eſpaçoza do mundo he hũa tenda, os ho-
mens ſaõ os vidros, huns mais chriſtalinos, outros
mais eſcuros, huns mais bem laurados, outros com
galanteria, huns grandes, outros pequenos, huns
eſtão muito altos, outros muito baixos, alguns entra-
rão neſta tenda ha nouenta annos, outros ſettenta,
outros ha quarenta, outros ha vinte, outros ontem,
& alguns hoje, entre tanta variedade, ond-ſerà ma-
yor o perigo! qual ſerà o primeiro que eſtale, & que-
bre! he verdade que tanto ſe pode temer os que en-
trarão hoje como os que ha nouenta annos entrarão,
& aquelle eſtalarà primeiro, a quem primeiro fizer

tiro

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

quando quer o depósito: vidro se chama na escritura sagrada à natureza humana; assim entendem alguns aquilo de Jó, quando disse, que nem o ouro mais fino, nem o vidro mais fino se podia comparar com a sabedoria divina: *Non adaequabitur*[ccxxxix] *ei aurum, vel vitrum:*[ccxl] No ouro se significam os Anjos, no vidro se simbolizam os homens: lançai agora os olhos a uma tenda de vidros[ccxli] onde se puseram alguns há muitos anos, e outros há poucos dias, pergunto qual deles vos parece que quebrará[ccxlii] primeiro, o que se pôs há anos, e está já tão coberto de pó, que não se vê sua claridade, ou o que se pôs ainda ontem tão fermoso, e transparente? é certo que tanto risco corre um como o outro, e tão pouca segurança tem este, como aquele, porque são ambos da mesma massa, tão frágil uma, como a outra, pois toda esta máquina espaçosa do mundo é uma tenda, os homens são os vidros, uns mais cristalinos, outros mais escuros, uns mais bem lavrados, outros com galanteria,[ccxliii] uns grandes, outros pequenos, uns estão muito altos, outros muito baixos, alguns entraram nesta tenda há noventa anos, outros setenta, outros há quarenta, outros há vinte, outros ontem, e alguns hoje, entre tanta variedade, onde será maior o perigo! qual será o primeiro que estale, e quebre! é verdade que tanto se pode temer os que emtraram hoje como os que há noventa anos entraram, e aquele estalará primeiro, a quem primeiro fizer

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

tiro a morte: Oh vida? Oh vidro?

Mas que sendo esta a fragilidade da vida viuamos com tanto descuido da morte? mas que sendo esta a certeza da morte, viuamos com tanto engano da vida? que não tendo a vida de seu hũ instante, gastemos os dias, os meses, & os annos como se não forão da morte? O resoluamonos ja algũ dia a ouuir a Deos, que tão amorosamente nos chama: *Conuertimini ad me in toto corde vestro*: & todo o thesouro da sabedoria diuina, para conseguir a conuersaõ de hũa alma, não ha remedio mais efficaz, que a lembrança da morte, por isso Christo deu a Judas por desesperado, & reprobo, quando na cea entre a pratica da morte, & sepultura de Christo, o vio sahir a concertar a venda: *Ad sepulturam dixit, neque hinc compunctus est*: esta memoria auiua hoje a Igreja, porque nam conseguira Deos a conuersaõ que nos pede?

Se temos fè, & cremos que não ha perdão de peccados sem arrependimento do peccador, necessariamente nos auemos de arrepender algũ dia, pois se ha de ser algũ dia, porque não sera hoje? se ha de ser depois, porque não sera logo? ou o peccado he bem, ou he mal, se he bem para que vos aueis de arrepender nunca? deixaiuos morrer em peccado, se he mal: & por isso determinais arrpenderuos despois, não he pouca cordura multiplicar o numero das culpas, para dobrar as causas do arrependimento? não he pouca consideraçaõ peccar mais para ter mais de que arre-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

tiro a morte: Oh vida? Oh vidro?

35 Mas que sendo esta a fragilidade da vida vivamos com tanto descuido da morte? mas que sendo esta a certeza da morte, vivamos com tanto engano da vida? que não tendo a vida de seu um instante, gastemos os dias, os meses, e os anos como se não foram da morte? Ó[ccxliv] resolvamo-nos já algum dia a ouvir a Deus, que tão amorosamente nos chama: *Convertimini ad me in toto corde vestro:* e todo o tesouro da sabedoria divina, para[ccxlv] conseguir a conversão de uma alma, não há remédio mais eficaz, que a lembrança da morte, por isso Cristo deu a Judas por desesperado, e réprobo, quando na ceia entre a prática da morte, e sepultura de Cristo, o viu sair a concertar a venda: *Ad sepulturam dixit, neque hinc compunctus est:*[ccxlvi] esta memória aviva hoje a Igreja, por que não conseguirá Deus a conversão que nos[ccxlvii] pede?

36 Se temos fé, e cremos que não há perdão de pecados, sem arrependimento do pecador, necessariamente nos havemos de arrepender algum dia, pois se há de ser algum dia, por que não será hoje? se há de ser depois,[ccxlviii] por que não será logo? ou o pecado é bem, ou é mal, se é bem para[ccxlix] que vos haveis de arrepender nunca? deixai-vos morrer em pecado, se é mal,[ccl] e por isso determinais arrepender-vos[ccli] despois,[cclii] não é pouca cordura multiplicar o número[ccliii] das culpas, para[ccliv] dobrar as causas[cclv] do arrependimento? não é pouca consideração pecar mais para[cclvi] ter mais de que arre-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

pender? que querais ſacrificar o melhor dos annos ao
mundo & que não vos pejeis de reſeruar as reliquias da
vida para Deos? que intenteis começar a viuer bẽ na-
quelles annos, onde muitos não chegarão, & outros
acabão de viuer? comprais hũa quinta, & deſejais
que ſeja boa, fazeis hũa galla, & procurais que não
ſeja mà, todas as voſſas couſas, ainda as de menos
ſubſtancia pretendeis que ſejão boas, & muito boas
& que ſegurança tendes de que a vida vos durara a-
thé eſſe tempo, para o qual guardais voſſa peniten-
cia? quem vos eſperou até hoje, não vos promette nẽ
o dia de amanhaã, quantos [illegible] naſcer o Sol, que o
não tornarão a ver poſto? & quantos o virão por,
que o não tornarão a ver naſcido? não podera ſer
cada qual de nos hũ deſtes? antes que ſe acabe eſta
hora não podera cada qual de nos acabar aqui a
vida? & ſe ſucedeſſe? Mas quero que viuais eſſes an-
nos que falſamente vos prometteis, & por onde vos
conſta, que então vos haueis de arrepender? ſe agora
vos parece tão arduo dar de mão aos vicios, que ſerà
deſpois quando com o coſtume eſtiuer a natureza
mais deprauada, & a graça mais diſtante; nunca viſ-
tes hũa auezinha que tendo o corpo todo liure, &
ſolto, eſta com tudo preza por hũa vnha? bate as a-
zas para voar, & não pode, arremeçaſe aos ares para
fogir, & não acaba, pois que te deté auezinha triſte,
não tens o corpo ſolto; não tens as azas liures? por-
que não voas? porque não foges? quem te prende,

quẽ

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

pender? que queirais sacrificar o melhor dos anos ao mundo e que não vos pejeis de reservar as relíquias da vida para[cclvii] Deus? que intenteis começar a viver bem naqueles anos, onde muitos não chegaram, e outros acabam de viver? comprais uma quinta, e desejais que seja boa, fazeis uma gala, e procurais que não seja má, todas as vossas cousas, ainda as de menos substância pretendeis[cclviii] que sejam boas, e muito boas e que segurança tendes de que a vida vos durará até esse tempo, para[cclix] o qual guardais vossa penitência? quem vos esperou até hoje, não vos promete nem o dia de amenhã,[cclx] quantos viram nascer o Sol, que o não tornaram a ver posto? e quantos o viram[cclxi] pôr, que o não tornaram a ver nascido? não pudera ser cada qual de nós um destes? antes que se acabe esta hora, não pudera cada qual de nós acabar aqui a vida? e se sucedesse? Mas quero que vivais esses anos que falsamente vos prometeis, e por onde vos consta, que então vos haveis de arrepender? se agora vos parece tão árduo dar de mão aos vícios, que será despois[cclxii] quando com o costume estiver a natureza mais depravada, e a graça mais distante; nunca vistes[cclxiii] uma avezinha que tendo o corpo todo livre, e solto, está com tudo[cclxiv] presa por uma unha? bate as asas para voar, e não pode, arremessa-se aos ares para fugir, e não acaba, pois que te detém avezinha triste, não tens o corpo solto; não tens as asas livres? por que não voas? por que não foges? quem te prende,

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

quem te enlaça? hũa vnha? Ah pec[illegible]s, a culpa he priſaõ da alma, ſe vos achais agora tão impedidos quando ſaõ os laços menos, como eſperais deſembaraçaruos quando forem mais os laços; ſe a muitos retarda hoje hũa ſô vnha preſa, como confiaõ ſoltarſe quando eſtiuer enlaçado todo o corpo? ahi não ha conuerſaõ de peccador, ſem vocação de Deos, ſe não acodis a Deos quando vos chama, quem vos aſſegurou, que vos hauia de acodir quando vos chamardes? Aquellas ſinco Virgens loucas do Euangelho não ſe preueniraõ quando Deos as buſcou, chamaraõ deſp[illegible] vez: *Domine, Domine*: & Deos naõ lhes acodio: *neſcio vos*: porque naõ temereis que diga Deos que vos não conhece, quando vos chamardes, pois vos o não quereis conhecer, quando elle vos chama?

E ſe he deſacerto de guardar a penitencia pa[illegible] o tempo futuro, reſeruala para a hora da morte, que ſerà? o arrependimento da hora da morte mais he arrependimento dos peccados, do que arrependimẽto do peccador: quem ſe arrepende na vida, como ſe arrepende em tempo que pôde peccar, elle he o que deixa os peccados, quem ſe arrepende na morte, como ſe arrepende quando jà naõ eſpera ter tempo pera offender, os peccados ſaõ os que propriamente o deixaõ a elle, & ſe o perdaõ ſegue o arrependimento, onde os peccados ſeraõ os arrependidos, como eſperaõ os peccadores ſer os perdoados, em todo o

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

quem te enlaça? uma unha?[cclxv] Ah pecadores, a culpa é prisão da alma, se vos achais agora tão impedidos[cclxvi] quando são os laços menos, como esperais desembaraçar-vos quando forem mais os laços; se a muitos retarda hoje uma só unha presa, como confiam soltar-se quando estiver enlaçado todo o corpo? aí não há conversão de pecador, sem vocação de Deus, se não acudis a Deus quando vos chama, quem vos assegurou, que vos havia de acudir quando vós chamardes? Aquelas cinco Virgens loucas do Evangelho não se preveniram quando Deus as buscou, chamaram depois[cclxvii] uma, e outra vez: *Domine, Domine:* e Deus não lhes acudiu: *nescio vos:*[cclxviii] por que não temereis que diga Deus que vos não conhece, quando vós chamardes, pois vós o não quereis conhecer, quando ele vos chama?

37 E se é desacerto de guardar[cclxix] a penitência para o tempo futuro,[cclxx] reservá-la para a hora da morte, que será? o arrependimento da hora da morte mais é arrependimento dos pecados, do que arrependimento do pecador: quem se arrepende na vida, como se arrepende em tempo que pode[cclxxi] pecar, ele é o que deixa os pecados, quem se arrepende na morte, como se arrepende quando já não espera ter tempo pera[cclxxii] ofender, os pecados são os que propriamente o deixam a ele, e se o perdão segue o arrependimento, onde os pecados serão os arrependidos, como esperam os pecadores ser os perdoados, em todo o

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

liuro das Eleyçoẽs de Deos, diz Bernardo, não ſe le que ſe ſaluaſſe outro peccador na hora da morte, ſenão o bom ladraõ, & que em 6872. annos não ſe ſaiba de certo que na hora da morte houueſſe mais que hum peccador arrependido verdadeiramente, & que eſperem tantos arrependerſe na hora da morte? ſe na bateria de hũa Cidade puſeſſe o General pena de morte a hum artilheiro, ſe naõ empregaſſe algũa bala na muralha fronteira, não procederia como homem ſem juizo aquelle, que deixando tanto eſpaço de parede em que lograr o tiro, & ſaluar a vida, foſſe por a mira na ponta vltima da mais leuantada torre, onde qualquer couſa que ſobreleue, ou deſuie, perde o golpe, & auentura tudo? pois que conſideraçam he a noſſa, que tendo o muro da vida para acertar eſte tiro em que nos vay naõ menos que huma eternidade de gloria, ou huma eternidade de pena, aceitamos taõ confiadamente ao vltimo ponto noſſa converſaõ? iſto he querer zombar de Deos; & de Deos, diz Paulo: não ſe zomba: *Deus non irridetur: quæcũque ſeminauerit homo hæc & metet*: ſemear peccados toda a vida, & eſperar colher frutos de graça na morte? *Deus non irridetur*: comprar o inferno a preço de tantas culpas; & no fim da vida querer a gloria? *Deus non irridetur*: deſprezar a Deos tantos annos por ſeruir a noſſos appetites, & na vltima hora buſcar a Deos como amigo: *Deus non irridetur*: naõ ſe zomba aſſi de Deos: *quæcumque ſeminauerit homo, hæc & metet*: quẽ ſe-

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

livro das Escrituras de Deus, diz Bernardo,[cclxxiii] não se lê
que se salvasse outro pecador na hora da morte, se-
não o bom ladrão, e que em 6872. anos não se
saiba de certo que na hora da morte houvesse mais
que um pecador arrependido verdadeiramente, e
que esperem tantos[cclxxiv] arrepender-se na hora da morte?
se na bateria de uma Cidade pusesse o General pena
de morte a um artilheiro, se não empregasse alguma
bala na muralha fronteira, não procederia como ho-
mem sem juízo aquele, que deixando tanto espaço
de parede em que lograr o tiro, e salvar a[cclxxv] vida, fosse
pôr a mira na ponta última da mais levantada torre,
onde qualquer cousa que sobreleve, ou desvie, perde
o golpe, e aventura[cclxxvi] tudo? pois que consideração é
a nossa,[cclxxvii] que tendo o muro da vida para acertar este[cclxxviii]
tiro em que nos vai não menos que uma eterni-
dade de glória, ou[cclxxix] uma eternidade de pena, aceita-
mos tão confiadamente ao último ponto[cclxxx] nossa con-
versão? isto é querer zombar de Deus; e de Deus,
diz Paulo: não se zomba: *Deus non irridetur: quaecum-*
que[cclxxxi] *seminaverit homo haec et metet:*[cclxxxii] semear pecados to-
da a vida, e esperar colher frutos de graça na morte?
Deus non irridetur: comprar o inferno a preço de tan-
tas culpas; e no fim da vida querer a glória? *Deus non*
irridetur: desprezar a Deus tantos anos por servir a
nossos apetites, e na última hora buscar a Deus
como amigo: *Deus non irridetur:* não se zomba assi[cclxxxiii]
de Deus: *quaecumque seminaverit*[cclxxxiv] *homo, haec et*[cclxxxv] *metet:* quem

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

semear offenças na vida, hade recolher tormentos na morte. Nem recorrais à grandeza da misericordia diuina, que essas confianças tem hoje a muitos no inferno: he verdade, que a misericordia de Deos he muito grande, & sem limite, nem condiçaõ alguma, mais isso he para quem faz della motiuo para se arrepender, & não para quem toma della occasião para peccar; antes naõ vi mayor indicio da Iustiça Diuina, do que a permissaõ de semelhantes esperanças na Diuina misericordia, & se não, diseime, com essas esperanças que fazem se não dilatar a penitencia, & multiplicar os peccados? Pois deixauos Deos esperar em sua misericordia para peccar, & naõ vos parece que he castigo seueriſſimo de sua justiça, na outra vida hase de medir a pena para a culpa, deixar aumentar as culpas, he querer aumentar as penas, & naõ julgais que he castigo da justiça diuina, diz Iremias que se parece com hũ arco: *tetendit arcum suum*: E porque se compara mais ao arco, que a outra arma? porque, *in arcu*, diz S. Hieron: *Quanto longius trahitur corda, tanto eo distractior exit sagitta*: no arco quanto mais ao largo se estira a corda, tanto com mais violencia se despede a setta: andai agora a retardar a penitencia de confiados na misericordia, & no fim vereis se foi justiça: a diuina justiça he arco, desde o primeiro peccado mortal, que commettemos, se embebeo nelle a serra de nosso supplicio, & se a corda se for estirando por vinte, por trinta, por sincoenta,

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

semear ofensas na vida, há de recolher tormentos na morte. Nem recorrais à grandeza da misericórdia divina, que estas confianças têm hoje a muitos no inferno: é verdade, que a misericórdia de Deus é muito grande, e sem limite, nem condição alguma, mas isto[cclxxxvi] é para[cclxxxvii] quem faz dela motivo para[cclxxxviii] se arrepender, e não para quem toma dela ocasião para[cclxxxix] pecar; antes não vi maior indício de[ccxc] Justiça Divina, do que a permissão de semelhantes esperanças na Divina misericórdia, e se não, dizei-me, com estas esperanças que fazeis, senão dilatar a penitência, e multiplicar os pecados? Pois deixa-vos[ccxci] Deus esperar em sua misericórdia para[ccxcii] pecar, e não vos parece que é castigo severíssimo de sua justiça, na outra vida há-se de medir a pena para a culpa, deixar aumentar[ccxciii] as culpas, é querer aumentar[ccxciv] as penas, e não[ccxcv] julgais que é castigo da justiça divina, diz Jeremias que se[ccxcvi] parece com um arco: *tetendit*[ccxcvii] *arcum suum:*[ccxcviii] E por que se compara mais ao arco, que a outra arma? Porque, *in arcu*, diz S. Jerônimo:[ccxcix] *Quanto*[ccc] *longius trahitur corda, tanto eo distractior exit sagitta:* no arco quanto mais ao largo se estira a corda, tanto com mais violência se despede a seta: andai agora a retardar a penitência de confiados na misericórdia, e no fim vereis se foi justiça: a divina justiça é arco, desde o primeiro pecado mortal, que cometemos, se embebeu nele a seta de nosso suplício, e se a corda se for estirando por vinte, por trinta, por cinqüenta,[ccci] por

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

ſeſſenta, & por mais annos, com que furia ſahirá nó cabo a ſetta?

Ora fieis, conhecida a vileza do mundo à viſta da baixeza de noſſo ſer: *Memento homo quia puluis es*; E reconhecida a importança de noſſa conuerſaõ à viſta da fragilidade de noſſas vidas: *& in pulucrem reuerteris*: não permittamos que em tanto dano de noſſas almas, ſe malogre o conſelho de Chriſto, & a vocação de Deos: Deos chamanos à ſua graça: *Conuertimini ad me*: & que mayor felicidade que viuer na graça de Deos? Chriſto aconſ[illegible]anos que deponhamos os affectos da terra: *Nolite theſaurizare in terra*: E que ha na terra que nos mereça juſtamente os affectos? a Deos pois com os coraçoens, ao Ceo com as anſias, alli tendes grandezas ſem vaidade, honras ſé baixos, priuança ſem receyo, deſpachos ſem dependencia, poſtos ſem desdouro, fama ſem enueja, proſperidade ſem perigo, fermoſura ſem eclipſe, & ſem mudança, amor ſem tormento, & ſem ruina, goſtos ſem pezar, deleites ſem ſede, riquezas ſem limitação, amizade ſem lizonja, Corte ſem voltas, & gloria ſem fim, *Quam mihi, & vobis præſtare dignetur Dominus Omnipotens, &c.*

L. 41629 1

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

setenta, e por mais anos, com que fúria saíra no cabo a seta?

38 Ora fiéis, conhecida a vileza do mundo à vista da baixeza de nosso ser: *Memento homo quia pulvis es;* E reconhecida a importância[cccii] de nossa conversão à vista da fragilidade de nossas vidas; *et in pulverem reverteris:* não permitamos que em tanto dano de nossas almas, se malogre o conselho de Cristo, e a vocação de Deus: Deus chama-nos à sua graça: *Convertimini*[ccciii] *ad me:* e que maior felicidade que viver na graça de Deus? Cristo aconselha-nos[ccciv] que deponhamos os afetos da terra: *Nolite thesaurizare in terra:* E que há na terra que nos mereça justamente os afetos? a Deus pois com os corações, ao Céu com as ânsias, ali tendes grandezas sem vaidade, honras sem baixos, privança sem receio, despachos sem dependência, postos sem desdouro, fama sem inveja, prosperidade sem perigo, fermosura[cccv] sem eclipse, e sem mudança, amor sem tormento, e sem ruína, gostos sem pesar, deleites sem sede, riquezas sem limitação, amizade sem lisonja, Corte sem voltas, e glória sem fim, *Quam mihi, et vobis praestare dignetur Dominus Omnipotens, etc.*

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

5 ESTUDO CRÍTICO DO “SERMÃO DO DIA DE CINZA”: UM CASO DE ESTRUTURA CORRELATIVA.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Entre os textos do período colonial brasileiro que precisam inadiavelmente de edições confiáveis estão os do padre Antônio de Sá. O inaciano, que viveu quase toda a vida no Brasil, fez aqui seus estudos, ordenou-se e pregou o Evangelho.

O "Sermão do Dia de Cinza" é o seu texto mais comentado e elogiado nos manuais de história literária, que costumam reproduzir-lhe trechos modelares, indicadores dos méritos artísticos do escritor místico.

Nesse sermão, pregado na Capela Real de Lisboa[5] por ocasião da Quaresma, Antônio de Sá procura persuadir o monarca português e a sua corte ao temor e à piedade de Deus. A questão fundamental que norteia toda a argumentação é a mortalidade do homem, sobretudo do nobre.

Em nossa análise, privilegiamos o levantamento analítico de elementos internos do sermão, sobretudo os ligados à disposição de paradigmas gramaticais ao longo do texto, isto é: procuramos mostrar a lógica que ordena esses termos no texto. O propósito fundamental é descrever no sermão as correlações especiais de determinados termos-chave, que são responsáveis por sua estrutura arborescente e decorativa.

É preciso advertir o leitor de que, para entendermos a correlação na prosa, servimo-nos dos pressupostos teóricos – relativos à correlação poética na poesia barroca – apresentados por Dámaso Alonso no ensaio "Táticas dos conjuntos semelhantes na expressão literária"[6]. Nesse ensaio, Dámaso Alonso adverte ainda que, apesar de operar com exemplos poéticos, tudo que diz tem aplicação imediata à prosa.[7]

5.1 Epígrafes, Exórdio e Partição.

O discurso religioso português seiscentista apresenta normalmente uma citação latina, em forma de epígrafe, retirada das Sagradas Escrituras cuja função é fornecer o tema (conceito predicável) e direcionar a argumentação a ser desenvolvida no sermão. Neste sermão, Antônio de Sá empregou três epígrafes – o que é, certamente, um

[5] A data da pregação do sermão é incerta. Notícias biográficas fornecidas por Serafim Leite (*História da Companhia de Jesus no Brasil*, t. IX, 1950, p. 106-107.) sugerem que a pregação ocorreu em algum momento entre 1662 e 1665.
[6] Cf. ALONSO, D. Táticas dos conjuntos semelhantes na expressão literária. In: LIMA, L. C. 2002, v.1, p. 317-340.
[7] Cf. ALONSO, D. Táticas dos conjuntos semelhantes na expressão literária. In: LIMA, L. C. 2002, v.1, p.336.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

artifício engenhoso, raro[8], porventura uma inovação retórica, se considerarmos que desempenham funções distintas.

As três citações constituem atos perlocutórios divinos, ou seja, são enunciados que exercem efeito sobre o ouvinte – amedrontar, persuadir, etc. –, dependendo, por isso, fundamentalmente, da situação da enunciação: na primeira, Deus exorta-nos ao arrependimento por meio de palavras do profeta Joel – "*Convertimini ad me in toto corde vestro*"[9]; na segunda, Cristo aconselha-nos ao desapego dos bens terrenos – "*Nolite thesaurizare vobis tesauros in terra*"[10]; e na terceira, a Igreja alerta-nos[11] de nossa mortalidade, retomando uma declaração de Deus por ocasião da expulsão de Adão e Eva do Paraíso – "*Memento homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris*"[12].

Apenas uma das citações latinas desempenha o papel de conceito predicável, a terceira delas; as outras duas a confirmam nessa função. O pregador evangélico elegeu por tema predicável o ameaçador aviso da Igreja – "*Memento homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris.*" O pregador dividiu esse aviso em duas seções e as vinculou às duas epígrafes de apoio. A primeira seção, que apresenta o ouvinte no tempo presente – "*Memento homo, quia pulvis es*" –, desencadeia a primeira parte da argumentação, nisso sendo abonada pelas palavras de Cristo, da segunda epígrafe – "*Nolite thesaurizare vobis tesauros in terra*". A segunda seção do conceito predicável, que situa o ouvinte no tempo futuro – "*et pulverem reverteris*" –, alimenta a segunda parte da argumentação, sendo afiançada pelo chamamento de Deus, presente na primeira das epígrafes – "*Convertimini ad me in toto corde vestro*". Com essa disposição dos temas latinos, o jesuíta indica que suas palavras se fundam na verdade, pois são palavras da Igreja fundadas em palavras de Cristo e de Deus.

No exórdio, há uma ambigüidade na apresentação dos destinatários do enunciado:

---

[8] Não encontramos nos sermões de Antônio Vieira artifício dessa natureza.
[9] *Jl 2, 12 ["Agora, portanto – oráculo de Iahweh –* retornai a mim de todo vosso coração*, com jejum, com lágrimas e gritos de luto."]*
[10] *Mt 6, 19 [*"Não ajunteis para vós tesouros na terra*, onde a traça e o caruncho os corroem e onde os ladrões arrombam e roubam".]*
[11] *As palavras "Memento homo" (= "Lembra-te, homem") são palavras com que a igreja exorta os cristãos a se lembrarem das palavras ditas por Deus a Adão, por ocasião de sua expulsão do paraíso.*
[12] *Gn 3, 19 ["Com o suor de teu rosto comerás teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado.* Pois tu és pó e ao pó tornarás.*"]*

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

> O Melhor da terra, e o melhor do Céu temos hoje cuidadosamente empenhado na mudança de nossas vidas, muito Alto, e muito Poderoso Rei, e Senhor Nosso (...)[13]

O orador aproveita os epítetos usuais no tratamento – "muito Alto, e muito Poderoso Rei, e Senhor Nosso" – para estabelecer uma indistinção entre os alocutórios divino e humano. A incerteza quanto aos destinatários coloca o padre falando com Deus e, ao mesmo tempo, com seu representante português na Terra, o Rei.

A divisão do tema em duas partes ou metades já aparece, em termos gerais, embora ainda como unidade, no primeiro parágrafo do sermão – "empenhada ultimamente a Igreja, intimando à nossa memória desenganos do que somos agora, e do que havemos de ser depois: *memento homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris*". No parágrafo 2, a citação já se apresenta dividida. A construção da partição associa as duas metades do conceito às duas epígrafes, segunda e primeira, respectivamente, por meio de paralelismo binário. A divisão binária prenuncia os dois momentos da argumentação, indicando a função organizadora que essa partição exerce no discurso:

> Homem, pelo que és [pó], lembra-te de ouvir a Cristo, e aborrecer ao mundo: *Nolite thesaurizare vobis tesauros in terra*; homem, [pelo] que hás de ser [pó], lembra-te de ouvir a Deus e reduzir-te a sua graça: *Convertimini ad me*[14]

O momento presente se associa à advertência de Cristo, ao passo que o momento futuro fica associado ao convite de Deus – através das palavras de seu profeta.

Uma vez constituída a causa da pregação, isto é, a posição do orador em relação à questão apresentada no tema,

> Estas razões ["pelo que és" e "pelo que hás de ser"] proporei com todo o desengano à razão para que ela se renda, e a vontade se persuada (...)[15]

vem a invocação:

---

[13] SÁ, 2006, p.29.
[14] SÁ, 2006, p.31.
[15] SÁ, 2006, p. 31.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

> Assisti com vossa graça a vosso ministro, eterno árbitro do mundo, hoje, se algum dia, disponde minhas palavras, animai minhas vozes, inflamai meus afetos, e movei aos que me ouvem.[16]

O pregador solicita, para si, o auxílio de Deus; e para os ouvintes a intervenção divina, para que eles se rendam à fé.

E tem início a argumentação.

5.2 Ordenação Correlativa e Desenvolvimento da Argumentação.

A organização da matéria no sermão obedece aos preceitos da eloqüência clássica. As divisões são bem marcadas: o exórdio ocupa os parágrafos 1 e 2. O desenvolvimento da argumentação estende-se do parágrafo 3 ao 37 e pode ser dividido em duas partes complementares: a primeira parte é formada pelos parágrafos 3 ao 26 – ela admite, por sua vez, uma subdivisão interna, cujo marco é o parágrafo 9 –; a segunda parte vai do parágrafo 27 ao 37. A peroração ocupa o parágrafo final, 38.

O primeiro aspecto notável desse sermão é a ordenação correlativa de suas partes. Se considerarmos os conceitos disseminados no texto, entre os parágrafos 10 e 24 – que aparecem nesta ordem: “grandezas de maior nome”, “glórias”, “honras”, “privança”, “despachos”, “postos”, “aplausos”, “prosperidade”, “fermosura”, “amor”, “gostos”, “deleites”, “riquezas”, “amizades” e “corte” –, notaremos que todos os elementos dessa série derivam de um termo comum, geral e mais abstrato, e que todos eles são recoletados, um a um, nos parágrafos 25 e 38, na mesma ordem em que estão disseminados. Exceção feita ao termo “glória”, que, por uma razão especial, teve seu lugar natural alterado no parágrafo 38.

A palavra essencial,

> aquela que reunir a idéia comum a todas as outras, que puder substituir-se a todas elas sem grande prejuízo de significação, é chamada em estilística o *termo identificador*. A este termo fundamental, que traduz a idéia pura, condensada, se referem todos os outros.[17]

---

[16] SÁ, 2006, p. 33.
[17] LAPA, 1973, p. 27.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

A idéia fundamental da série foi apresentada já no parágrafo 1 (“bens da terra”) e repetida ao longo do texto sob determinadas formas variantes: “cousas da terra”, “cousas do mundo”, “prendas do mundo” e “tesouros da terra”. Os “bens da terra” são os bens materiais e humanos, com o sentido que têm nas escrituras canônicas.

Segundo Dámaso Alonso, a “Retórica, desde a Idade Média, descobriu e descreveu a seu modo um artificiosíssimo procedimento de ordenação, de cujos nomes o mais generalizado foi o de ‘correlação poética’”[18]. Mas o próprio Dámaso Alonso, no mesmo ensaio citado, observa: “Todo o tempo operamos com exemplos poéticos: mas tudo que se disse tem aplicação imediata à prosa; aí está, se faltam exemplos próximos, a prosa dos séculos XVI e XVII.”[19]. No “Sermão do Dia de Cinza”, o sistema das ordenações equivale ao das “correlações” que o crítico literário detectou e descreveu na poesia de Gôngora.

Margarida Vieira Mendes retomou o conceito de “correlação poética” em sua obra *A oratória barroca de Vieira*, tal como formulado por Dámaso Alonso no estudo de nos serviu de base teórica. A autora, além de apontar a ocorrência de correlações na prosa barroca ibérica seiscentista, exemplificando com trechos de sermões de Vieira, cita teóricos que, sem usar o termo “correlação poética”, desenvolveram estudos relativos a esse aspecto comum à poesia e à prosa barrocas.[20]

A correlação é um encadeamento de conjuntos semelhantes, ligados a um conceito plurissignificativo ou imagem capaz de ordená-los em conjuntos semelhantes. Por exemplo:

§ 17 Que é a **prosperidade** [A_8]
senão um **temporal à popa** [B_8]
§ 18 Que é a **fermosura** [A_9]
senão uma **caveira bem encarnada** [B_9]
§ 19 Que é o **amor** [A_{10}]
senão um **inferno com fogo sem eternidade** [B_{10}][21]

[18] Cf. ALONSO, D. Táticas dos conjuntos semelhantes na expressão literária. In: LIMA, L. C. 2002, v.1, p.319-320.
[19] Cf. ALONSO, D. Táticas dos conjuntos semelhantes na expressão literária. In: LIMA, L. C. 2002, v.1, p.336.
[20] Cf. MENDES, 1984, p.463.
[21] SÁ, 2006, p. 49 e ss. As citações de trechos do “Sermão do Dia de Cinza” são quase sempre esquemáticas, a fim de destacar as correlações.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

constituem três conjuntos semelhantes entre si porque pertencem todos a um mesmo campo conceitual: o dos “bens da terra”.

Na amostra acima, ainda fragmentária, ou seja, parcial, apenas para a exemplificação inicial da idéia de “conjunto”, podemos dizer que A_8, A_9 e A_{10} são semelhantes entre si porque representam variações particularizadas do conceito fundamental “bens da terra”; B_8, B_9 e B_{10}, por seu turno, são semelhantes enquanto espécies antitéticas e integrantes, por um sistema de algum modo oposto ao primeiro conjunto, de A_8, A_9 e A_{10}, respectivamente. Assim, as díades “prosperidade” (= “temporal à popa”), “fermosura” (= “caveira bem encarnada”) e “amor” (= “inferno com fogo sem eternidade”) formam três conjuntos binários, análogos e opostos termo a termo: A_8, B_8; A_9, B_9 e A_{10}, B_{10}. A soma de todas as dualidades (entre os parágrafos 10 e 24) compõe o termo identificador, que representamos simplesmente por “AB”.

Vejamos de uma só vez o esquema geral do texto:

§ 1 **bens da terra** [AB]
§ 3 **cousas da terra** [AB]
§ 9 **cousas do mundo** [AB]

§ 10 Que são as **grandezas de maior nome** [A_1]
senão **grandezas de nome** [B_1]
§ 11 Que é a **glória** [A_2]
senão um **deixar de ser** [B_2]
§ 12 Que são as **honras** [A_3]
senão **aparatosas tramóias da fortuna** [B_3]
§ 13 Que é a **privança** [A_4]
senão **luz de Estrela** [B_4]
§ 14 Que são os **despachos** [A_5] senão
um **sim de patrocinados e um não de beneméritos** [B_5]
§ 15 Que são os **postos** [A_6]
senão **subidas cujos degraus se vencem a quedas** [B_6]
§ 16 Que são os **aplausos da fama** [A_7]
senão **reclamo de ódios** [B_7]
§ 17 Que é a **prosperidade** [A_8]
senão um **temporal à popa** [B_8]
§ 18 Que é a **fermosura** [A_9]
senão uma **caveira bem encarnada** [B_9]
§ 19 Que é o **amor** [A_{10}]
senão um **inferno com fogo sem eternidade** [B_{10}]
§ 20 Que são os **gostos** [A_{11}]
senão **ciladas dos pesares** [B_{11}]
§ 21 Que são os **deleites** [A_{12}]
senão **remansos enlodados** [B_{12}]
§ 22 Que são as **riquezas** [A_{13}]
senão **marés do oceano** [B_{13}]

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

§ 23 Que são as **amizades** [A_{14}]
senão **lisonjas da erva do sol** [B_{14}]
§ 24 Que é finalmente a **corte** [A_{15}]
senão uma **roda arrebatada** [B_{15}]

§ 25 Eis aqui o **mundo** [AB], eis aqui as melhores **prendas do mundo** [AB]: (...) que se desvele o soberbo por tais **grandezas** [A_1], o desvanecido por tal **glória** [A_2], o ambicioso por tais **honras** [A_3], o palaciano por tal **privança** [A_4], o requerente por tais **despachos** [A_5], o cortesão por tais **postos** [A_6], o presumido por tal **fama** [A_7], o invejoso por tal **prosperidade** [A_8], o divertido por tal **formosura** [A_9], o afeiçoado por tal **amor** [A_{10}], o delicioso por tais **gostos** [A_{11}], o lascivo por tais **deleites** [A_{12}], o cobiçoso por tais **riquezas** [A_{13}], e todos por tais **amizades** [A_{14}], por tal **corte** [A_{15}], e por tal **mundo** [AB] (...) **bens da terra** [AB].

§ 26 **tesouros da terra** [AB], **bens da terra** [AB]

§ 38 Ora fiéis, conhecida a vileza do **mundo** [AB] à vista da baixeza de nosso ser: (...); E reconhecida a importância de nossa conversão à vista da fragilidade de nossas vidas; [...]: não permitamos que em tanto dano de nossas almas, se malogre o conselho de Cristo, e a vocação de Deus: (...) a Deus pois com os corações, ao Céu com ânsias, ali tendes **grandezas** [A_1] sem vaidade [B_1], **honras** [A_3] sem baixos [B_3], **privança** [A_4] sem receio [B_4], **despachos** [A_5] sem dependência [B_5], **postos** [A_6] sem desdouro [B_6], **fama** [A_7] sem inveja [B_7], **prosperidade** [A_8] sem perigo [B_8], **fermosura** [A_9] sem eclipse, e sem mudança [B_9], **amor** [A_{10}] sem tormento, e sem ruína [B_{10}], **gostos** [A_{11}] sem pesar [B_{11}], **deleites** [A_{12}] sem sede [B_{12}], **riquezas** [A_{13}] sem limitação [B_{13}], **amizade** [A_{14}] sem lisonja [B_{14}], **Corte** [A_{15}] sem voltas [B_{15}], e **glória** [A_2] sem fim [B_2].

Nos parágrafos 1, 3 e 9 é apresentado o termo identificador; nos parágrafos 10 a 24 disseminam-se as particularizações do termo, que retorna no parágrafo 26. Antes, porém da retomada do termo identificador, o parágrafo 25 realiza a recolha das particularizações disseminadas nos parágrafos anteriores. Ao final do sermão, em seu último parágrafo, o de número 38, nova recolha – agora realizada de uma maneira diferente da anterior. Essa diferença específica do último parágrafo será analisada a seu tempo.

5.2.1 O Termo Identificador

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

A primeira parte do desenvolvimento estende-se do parágrafo 3 ao 26, com uma subdivisão interna, da qual a passagem do parágrafo 9 ao 10 é o ponto-chave. No início da argumentação, logo no parágrafo 3, o orador trata da condição presente de seu ouvinte, lembrando-lhe "a desestima das cousas da terra" aconselhada por Cristo:

> Atenta, pois, a Igreja a conseguir de nós a desestima das cousas da terra, que nos aconselha hoje a nossas vontades Cristo, nos traz à memória a terra de nosso ser, para que à vista do que somos [pó] possamos inferir o que é o mundo.[22]

As "cousas da terra" aí mencionadas são uma retomada do termo identificador – "bens da terra" – que já aparecera no parágrafo 1. A Igreja, caracterizada superlativamente no exórdio pela expressão "o melhor da terra", assume a tarefa de convencer-nos, com o conselho de Cristo, do desapego que merecem as "cousas da terra", lembrando-nos que somos "terra". Nesse jogo com os significantes, o termo identificador, "cousas da terra", forma um trocadilho com "terra de nosso ser", identificando a natureza corrupta e efêmera das "cousas" com o "ser do ouvinte". Assim fecha o orador o parágrafo 9 do sermão:

> Não há dúvida que para concluir o pouco valor das cousas do mundo, bastava considerá-las por comparação à nossa vileza, porém vivemos tão enganados com ele, que não quero deixar esta verdade pendente de uma conseqüência, discorramos brevemente por elas, e veremos a desestima que merecem.[23]

Com essas palavras, não apenas é retomado o termo identificador – agora sob a forma das "cousas do mundo" –, mas encaminha-se a argumentação para o desdobramento dele em numerosas particularizações.

Desse modo, abre-se a argumentação, como glosa da primeira metade do conceito predicável – *Memento homo quia pulvis es* – numa série de exemplos particulares dos "bens do mundo". Essa série ocupará os parágrafos 10 a 24, num esquema nítido: um exemplo em cada parágrafo. A primeira metade do conceito predicável será retomada, no sermão, no final da primeira parte da argumentação, no parágrafo 26.

---

[22] SÁ, 2006, p. 33.
[23] SÁ, 2006, p. 43.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

5.2.2 Disseminação

Chamamos "pluralidade de correlação"[24] (ou simplesmente "pluralidade") a cada conjunto dos elementos do esquema geral apresentado anteriormente: os primeiros elementos (designados pela letra "A", seguida de um número – A_1 ... A_{15}) constituem a primeira pluralidade, ou pluralidade básica; os elementos que se seguem a cada um dos anteriores (designados por "A") e que se lhes opõem (designados pela letra "B", seguida de um número – B_1 ... B_{15}) constituem a segunda pluralidade.

Nos parágrafos 10 a 24, em cada um dos itens em que os "bens da terra" se desdobram, o conceito aí apresentado é correlato aos demais de sua pluralidade. Por exemplo, o conceito relativo ao parágrafo 14, em que aparece o elemento designado por A_5, é correlato aos demais da pluralidade básica – A_1, A_2 ... A_{15} –, uma vez que desenvolve, singularizando-a, a idéia do termo identificador (AB).

Lembramos que este trabalho esteia-se nos pressupostos teóricos relativos à correlação poética na poesia barroca, que Dámaso Alonso apresenta no ensaio intitulado "Táticas dos conjuntos semelhantes na expressão literária"[25]. Servimo-nos dos conceitos do crítico para entender melhor a correlação na prosa, já que desconhecemos estudos semelhantes aplicados à oratória barroca. É certo que Margarida Vieira Mendes menciona e exemplifica o procedimento nos sermões do padre Antônio Vieira, mas nenhum caso particular da totalidade das correlações é por ela estudado. Além do mais, neste "Sermão do Dia de Cinza", do padre Antônio de Sá, a correlação é o princípio básico ordenador de toda a estrutura do discurso.

Sabemos que um signo pode suscitar uma infinidade de imagens através da expansão de seu campo semântico. Interessa-nos aqui destacar a capacidade que têm os signos, componentes da série paralelística designada por A_n, de conectarem-se à idéia matriz e motriz AB ("bens da terra"), geradora das partições e da configuração mais geral do discurso, segundo inumeráveis redes de relações e valências. Essa propriedade dos signos está na base das técnicas de correlação de pluralidades e de disseminação-recoleção.

---

[24] Cf. ALONSO, D. Táticas dos conjuntos semelhantes na expressão literária. In: LIMA, L. C. 2002, v.1, p.323.
[25] ALONSO, D. Táticas dos conjuntos semelhantes na expressão literária. In: LIMA, L. C. 2002, v.1, p.317-340.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Reexaminemos as pluralidades disseminadas entre os parágrafos 10 e 24:

§ 10 Que são as **grandezas de maior nome** [A_1]
senão **grandezas de nome** [B_1]
§ 11 Que é a **glória** [A_2]
senão um **deixar de ser** [B_2]
§ 12 Que são as **honras** [A_3]
senão **aparatosas tramóias da fortuna** [B_3]
§ 13 Que é a **privança** [A_4]
senão **luz de Estrela** [B_4]
§ 14 Que são os **despachos** [A_5] senão
um **sim de patrocinados e um não de beneméritos** [B_5]
§ 15 Que são os **postos** [A_6]
senão **subidas cujos degraus se vencem a quedas** [B_6]
§ 16 Que são os **aplausos da fama** [A_7]
senão **reclamo de ódios** [B_7]
§ 17 Que é a **prosperidade** [A_8]
senão um **temporal à popa** [B_8]
§ 18 Que é a **fermosura** [A_9]
senão uma **caveira bem encarnada** [B_9]
§ 19 Que é o **amor** [A_{10}]
senão um **inferno com fogo sem eternidade** [B_{10}]
§ 20 Que são os **gostos** [A_{11}]
senão **ciladas dos pesares** [B_{11}]
§ 21 Que são os **deleites** [A_{12}]
senão **remansos enlodados** [B_{12}]
§ 22 Que são as **riquezas** [A_{13}]
senão **marés do oceano** [B_{13}]
§ 23 Que são as **amizades** [A_{14}]
senão **lisonjas da erva do sol** [B_{14}]
§ 24 Que é finalmente a **corte** [A_{15}]
senão uma **roda arrebatada** [B_{15}][26]

Em cada parágrafo há uma proposição inicial, ilustrada veementemente com exemplos retirados da Bíblia ou da história antiga. Como se fossem pedrinhas de um mosaico, esses parágrafos são fragmentos que compõem uma imagem do mundo (ou seria da corte portuguesa?) na perspectiva de um jesuíta.

Quanto à ordenação, todas as proposições básicas obedecem a uma forte estruturação paradigmática nos vários níveis: rítmico, sintático, posicional e vocabular. Há em todas elas uma espécie de cesura, que destaca os dois membros de uma antítese. O primeiro membro é introduzido pelo advérbio de interrogação “que”; o segundo, pela conjunção adversativa “senão”.

[26] SÁ, 2006, p. 43 e ss.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

A construção bimembre da série proposicional é feita a partir da ambivalência, do jogo entre o parecer e o ser. O trecho subseqüente à primeira parte da proposição, sempre regido pelo advérbio "que", confirma a contínua transformação de um conceito A_n em sua imagem invertida B_n. A primeira metade da proposição apresenta o que o mundo parece ser; a segunda, o que ele de fato é – segundo o pensamento escolástico-jesuítico.

A divisão da idéia-tema (AB) em partes (A_n) é uma operação criadora, pois confere à idéia uma totalidade impensável sem as suas diversas particularizações. O todo só pode existir se divisível em partes discerníveis e organizáveis. Das quinze idéias em que se desdobra a idéia-tema, examinaremos apenas algumas, pois o mecanismo subjacente a toda a série é bastante paralelo.

O primeiro componente particularizado da totalidade abrangida pela idéia-tema aparece no parágrafo 10 e é constituído pelas "grandezas de maior nome", ou seja, concretamente, os títulos de nobreza:

> § 10 Que são as **grandezas de maior nome** [A_1]
> senão **grandezas de nome** [B_1][27]

A expressão "grandezas de maior nome", despojada do adjetivo "maior", perde a opulência e revela-se apenas uma "vaidade". Bastou omitir o adjetivo e repetir a construção para inverter o significado inicial e nulificar a majestade do título.

Essa proposição, apresentada no parágrafo 10, é amplificada por reiterações sintáticas, paralelismos e acumulações de toda ordem. O grande exemplo é aqui a figura de Davi, o jovem escolhido por Deus para ser rei dos judeus; mas outro personagem modelar também é citado, São Pedro, o pescador convertido a líder da igreja por Cristo. Os exemplos são de homens de origem humilde, nomeados por Deus seus representantes na Terra (Rei e Papa, respectivamente) por suas virtudes morais. Davi passa de pastor a rei, donde o pregador explorar o nome de "Davi rei" por oposição ao nome de "Davi pastor"; São Pedro se chamava antes Simão, e o pregador associa sua mudança de condição, de pescador a apóstolo e primeiro chefe da igreja, à mudança de nome, de Simão a Pedro.

---

[27] SÁ, 2006, p. 43.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Mas o assunto verdadeiramente colocado em discussão no parágrafo é de fundo ético: o orador se posiciona a favor do merecimento pelas ações (orientadas pelo espírito) e contra o benefício exclusivamente devido à herança sangüínea. Assim se vê como uma pregação servia para enviar uma mensagem moralizante e empenhada, reveladora da intervenção do jesuíta no governo português.

Ao retomar o assunto desse parágrafo, na primeira recolha, que é feita no parágrafo 25 do sermão, Antônio de Sá o vincula ao tipo psicológico, que chamaremos aqui de Arquétipo – e será representado pelas letras "AR":

> § 25 que se desvele **o soberbo** [AR_1]
> por tais **grandezas** [A_1][28]

O sermonista chama de "soberbo" àquele que perde o sono, desvela-se, ou seja, empenha-se para obter títulos, "grandezas" só no nome.

A segunda proposição desdobrada da idéia-tema, exposta no parágrafo 11, desempenha papel especial na globalidade do sermão, por isso citaremos todo o parágrafo:

> § 11 Que é a **glória** [A_2], senão um **deixar de ser** [B_2]? Entre Elias Profeta vivo, e Moisés Profeta morto, apareceu Cristo no Tabor[29], porque entre a vida, e a morte, entre o ser, e não-ser, se alterna neste mundo toda a glória.[30]

É esse o menor parágrafo do sermão e porventura o mais conciso e expressivo. Todo ele é estruturado a partir de conjuntos binários, que servem de alicerce à construção textual, favorecendo o reconhecimento pelo leitor da lógica construtiva dos parágrafos, das figuras de retórica empregadas e ainda da estrutura geral do sermão.

No monte Tabor aparece Cristo entre Moisés e Elias, todos envoltos em esplendor e beleza. Notar-se-á que Elias fora arrebatado vivo e levado ao Céu, circunstância aproveitada na argumentação. A imagem ilustra a verdadeira e única

---

[28] SÁ, 2006, p. 59.
[29] *Mt 17, 3 [E eis que lhes apareceram Moisés e Elias conversando com ele]; Mc 9, 4 [E lhes apareceram Elias com Moisés, conversando com Jesus.]; Lc 9, 30 [E eis que dois homens conversavam com ele: eram Moisés e Elias que, aparecendo envoltos em glórias, falavam de seu êxodo que se consumaria em Jerusalém]*.
[30] SÁ, 2006, p. 45.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

recompensa que um cristão deve desejar e buscar: em vida ou na morte, permanecer perto de Cristo.

O primeiro membro da premissa, "glória", opõe-se a "deixar de ser". A "glória" humana é a negação da essência divina, do "ser" aristotélico-escolástico. A confirmação da proposição inicial do parágrafo funda-se na tensão entre dois pólos: "vida" e "morte", "ser" e "não-ser". Esboça-se aqui algo que determinará a oposição básica da peroração do sermão: a oposição entre "cousas da terra" e "cousas do Céu" (essa expressão não ocorre textualmente no sermão).

Quando o termo "glória" reaparece na primeira recolha, que ocorre no parágrafo 25, ele ainda designa a "glória terrena", ou seja, a ilusão que representam a nobreza e os tesouros da terra:

> § 25 que se desvele [...] **o desvanecido** [AR_2]
> por tal **glória** [A_2][31]

E, sendo assim, o termo "glória", é associado pelo sermonista à figura arquetípica do "desvanecido" [AR_2], aquele que se orgulha da "glória" na dimensão humana, que se envaidece com os títulos de nobreza.

Quando o termo "glória" reaparece na segunda recolha, feita no parágrafo 38, ele é o único termo da série que teve sua posição alterada: ele passa à última colocação. A modificação só se justifica por um artifício retórico-expressivo, uma vez que o jogo entre as partes e o todo é sempre medido e proporcionado. Adiante, ao discutir a peroração, tornaremos a essa alteração posicional, que é essencial ao esquema global das correlações.

A terceira proposição desdobrada da idéia-tema aparece no parágrafo 12, que transcrevemos, para um estudo mais detalhado:

> §12 Que são as **honras** [A_3], senão **aparatosas tramóias da fortuna** [B_3], que na roda de sua inconstância se levanta hoje, pode despenhar à menhã? para emprego primeiro do raio se alteia entre as árvores o Cedro, para despique certo das tempestades se aparta da terra o monte: ao cume dos Tronos Reais subiram majestosamente soberanos para cair infamemente precipitados,

[31] SÁ, 2006, p. 59.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

> Valeriano[32] em um cativeiro, Creso[33] em uma fogueira, Dionísio[34] em uma escola,[35] Jugurta[36] em um cárcere, Vitélio[37] em um cadafalso, Bajazeto[38] em uma gaiola, e Aureliano[39] em um punhal.[40]

A questão colocada na premissa inicial é a dos perigos inerentes aos cargos privilegiados, e todo o restante do parágrafo a confirma. Um breve símile desenvolve a questão. O cedro, madeira nobre, por elevar-se acima das outras árvores, torna-se o alvo preferencial dos raios; o monte, por destacar-se da terra, é castigado pelas tempestades. Fenômeno semelhante se passa com os soberanos. Esquematicamente:

> para emprego primeiro do **raio** [E_1] se alteia entre as **árvores** [D_1] o **Cedro** [C_1]
>
> para despique certo das **tempestades** [E_2] se aparta da **terra** [D_2] o **monte** [C_2]
>
> ao cume dos **Tronos Reais** [D] **subiram** [C] majestosamente soberanos **para cair** [E] infamemente precipitados
> **Valeriano** [C_3] em um **cativeiro** [E_3]
> **Creso** [C_4] em uma **fogueira** [E_4]
> **Dionísio** [C_5] em uma **escola** [E_5]
> **Jugurta** [C_6] em um **cárcere** [E_6]
> **Vitélio** [C_7] em um **cadafalso** [E_7]
> **Bajazeto** [C_8] em uma **gaiola** [E_8]
> e **Aureliano** [C_9] em um **punhal** [E_9]

Eis um caso exemplar de redução da narrativa ao paradigma, segundo um molde numérico: o destacar-se do comum (D) atrai perigo (E) sobre o agente (C). A

---

[32] *Valeriano, imperador romano. Foi aprisionado por Sapor I, rei dos persas, em 260 d.C., e morreu no cativeiro. (Nota de João Luís de Campos, na edição de 1924.)*
[33] *Creso, quinto rei da Lídia. Foi vencido e destronado por Ciro, rei dos persas. Não chegou a ser queimado, como deixa supor o sermão. (Nota de João Luís de Campos, na edição de 1924)*
[34] *Dionísio II, o jovem, tirano de Siracusa (367-356), filho do célebre Dionísio, o antigo. (Nota de João Luís de Campos, na edição de 1924.)*
[35] Segundo uma tradição, Dionísio II arruinou-se com o luxo e prazeres e na velhice foi mestre-escola. Cf. *Encyclopedia e diccionario internacional.* Rio de Janeiro: W. M. Jackson, s.d. v.VI. p.3.627. (Nota de José Américo Miranda)
[36] *Jugurta, rei da Numíbia, antigo reino da África setentrional. Foi grande inimigo dos romanos. Preso pelo rei da Mauritânia, foi entregue a Sila, conduzido a Roma em triunfo e encerrado em uma prisão. (Nota de João Luís de Campos, na edição de 1924)*
[37] *Aulus Vitelius, imperador romano. Foi vencido por Vespasiano e decapitado (69 d.C.). (Nota de João Luís de Campos, na edição de 1924.)*
[38] Bajazeto I, Imperador otamano, que em 1402, foi vencido em Ancara, aprisionado por Tarmelão, chefe mongol, e morre na prisão.
[39] *Domício Aureliano, imperador romano de 270 a 275. (Nota de João Luís de Campos, na edição de 1924.)*
[40] SÁ, 2006, p. 45.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

ação nuclear D_n (“destacar-se”) e sua conseqüência correspondente E_n (“perigo”) são ilustradas por uma acumulação de agentes C_n contidos em três categorias: “árvore”, “terra” e “Tronos Reais”.

No extremo, a redução narrativa pode ser representada pela fórmula:

$E_1\ D_1\ C_1$

$E_2\ D_2\ C_2$

D C E
$C_3\ E_3$
$C_4\ E_4$
$C_5\ E_5$
$C_6\ E_6$
$C_7\ E_7$
$C_8\ E_8$
$C_9\ E_9$

O mesmo sistema que ordena no plano macrotextual as correlações e as pluralidades confere regularidade geométrica interna a parágrafos e frases, vinculando por meio de uma enorme quantidade de operações o símile, o paralelo, a acumulação, a repetição, a variação, a antítese e a inversão sintática.

Outro parágrafo notável por sua estruturação é o referente à “fermosura” feminina:

> §18 Que é a **fermosura** [A_9], senão uma **caveira bem encarnada** [B_9]? mudar-se-á com os anos, ou desaparecerá com a morte aquela exterior figura (...) [41]

A idéia defendida aqui é a da brevidade da beleza feminina, que acaba com a morte ou desaparece com o tempo. Novamente a imagem é estendida por meio de um símile. Inicialmente, o orador examina o significado dos nomes de três personagens bíblicas famosas por sua beleza: Tamar, Edissa e Dalila. Em seguida, a proposição inicial é retomada, aproximando a beleza das mulheres à das flores e à das árvores. Esquematicamente:

> **mudar-se-á com os anos** [C],
> ou **desaparecerá com a morte** [D]

[41] SÁ, 2006, p. 49.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

aquela **exterior figura** [E]
porque tem contra si dous forçosos contrários a que não pode fugir,
a morte [D], e **o tempo** [C]
ou se apresse **a morte** [D],
ou se dilate **a vida** [C],
nunca permanece a **fermosura** [E]

uma das **fermosuras** [E]
mais célebres nas divinas letras foi a de **Tamar**[42][E_1]**,**
a de **Susana**[43][E_2],
e a de **Edissa** [E_3], por outro nome **Ester**[44][E_3]:
E que quer dizer **Tamar** [E_1]?
que quer dizer **Susana** [E_2],
que quer dizer **Edissa** [E_3]?
Edissa [E_3]
quer dizer **murta** [F_3]
Susana [E_2]
quer dizer **lírio** [F_2]
Tamar [E_1]
quer dizer **palma** [F_1];
pois a maior beleza com nomes de **árvores** [F], e **flores** [F]?

toda a **graça** [E_1]
das **flores** [F]
é **breve** [D_1],
toda a **louçania** [E_1]
das **árvores** [F]
é **caduca** [C_1]
a **graça** [E_1]
das **flores** [F]
é de **poucas horas** [D_2],
a **louçania** [E_1]
das **árvores** [F]
é de **poucos meses** [C_2]
um verão veste as **árvores** [F],
um inverno as despoja [C_3],
a menhã abre as **flores** [F],
a tarde as murcha [D_3]

tal a **fermosura humana** [E],
ou **acaba** [D_1]
como as **flores** [F],
ou se **muda** [C_1]
como as **árvores** [F]

---

[42] *2Sm 13, 1 [Eis o que aconteceu depois disso: Absalão, filho de Davi, tinha uma irmã que era bela e se chamava Tamar, e Amnon, filho de Davi, se apaixonou por ela.]*
[43] *Dn 13, 2 [Ele havia desposado uma mulher chamada Susana, filha de Helcias, muito bela e temente a Deus.]*
[44] *Est 2, 7 [Ele criou Hadassa, que é Ester, filha de seu tio, pois ela não tinha pai nem mãe. A jovem tinha um corpo bonito e aspecto agradável; à morte de seu pai e de sua mãe, Mardoqueu a adotara como filha.]*

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

ao golpe da **morte** [D]
é **flor** [F],
que **acaba** [D_1],
ao **curso dos anos** [C_2]
é **árvore** [F],
que se **muda** [C_1]
não há remédio, ou **acabar** [D], ou **mudar** [C][45]

As letras “C” (“tempo”), “D” (“morte”), “E” (“fermosura”) e “F” (“flores” ou “árvores”) simbolizam conceitos genéricos, dos quais derivam os demais elementos da correlação: C_n, D_n, E_n e F_n, respectivamente. Ou seja:

C D E
D C
D C E

E E_1 E_2 E_3 E_3
E_1 E_2 E_3
E_3 F_3
E_2 F_2
E_1 F_1 F F

E_1 F D_1 E_1 F C_1
E_1 F D_2 E_1 F C_2
F C_3 F D_3

E D_1 F C_1 F
D F D_1 C_2 F C_1
D C

Num segundo trecho do mesmo parágrafo, Antônio de Sá utiliza metáforas cultas para designar as qualidades particulares das três mulheres das Escrituras. Tais atributos tornam-se universais, quando reunidos numa metáfora culta totalizante. Os predicativos que seduzem o interlocutor (identificado pelo pronome “vosso” ou “vossa”) passam a seduzir agora a coletividade (traduzida pelo pronome “nosso”):

aquelas que **vossa** [H_1] cegueira
chama **estrelas vivas** [I_1],
cedo se verão **eclipsadas** [J_1],
ou **desluzidas** [J_2]
aquela que **vossa** [H_1] lisonja

[45] SÁ, 2006, p. 49 e 51.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

intitula **animada neve** [I_2],
cedo se verá **desfeita** [J_3],
ou **sem alma** [J_4]
aquela que **vosso**[H_1] engano
imagina **partida rosa** [I_3],
cedo se verá **murcha** [J_5],
ou **descolorada** [J_6]
aquela finalmente, que **nosso** [H] afeto
aplaude **Céu com alma** [I],
cedo se verá **sem luz** [J_{1-2}],
sem cor [J_{5-6}],
sem ser [J_{3-4}],
sem fermosura [J].[46]

Esse trecho do parágrafo é encerrado por uma espécie de recolha, na qual cada termo "recoletor" engloba um conjunto binário. A palavra que fecha o parágrafo é a palavra-tema que o inicia, "fermosura". Retomada como locução adverbial "sem fermosura", ela aglomera todos os pares da série, além de sugerir ao leitor que a beleza feminina finda.

Esquematizando, em uma fórmula:

$H_1\ I_1\ J_1\ J_2$
$H_1\ I_2\ J_3\ J_4$
$H_1\ I_3\ J_5\ J_6$
$H\ \ I\ \ J_{1-2}\ \ J_{5-6}\ \ J_{3-4}\ \ J$

Assim: I_1 refere-se aos olhos; I_2, à pele branca da face; I_3, aos lábios; e I, finalmente, simboliza a idéia generalizante, isto é, a integração de todos os encantos femininos. A presença do pronome "nosso" antes da metáfora "Céu com alma" (I), cujos termos revelam certa intenção valorativa da expressão, reforça a tese da generalização.

A divisão, a enumeração e a redução são as operações responsáveis pela espacialização dos paradigmas textuais. Os exemplos modelares apresentados acima ilustram bem como tais técnicas se apresentam no plano microtextual, em parágrafos isolados.

Essas três técnicas – divisão, enumeração e redução – são as que realizam, no plano macrotextual, a construção irradiante e geométrica do texto.[47] No cânone do

[46] SÁ, 2006, p. 51 e 53.
[47] Cf. MENDES, 1984, p.465-473.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

sermão, a divisão (ou partição) é uma de suas partes obrigatórias, cuja função é justamente revelar a configuração macrotextual da matéria, anunciada por vezes na divisão do tema em cláusulas, da cláusula em proposições e da proposição em partes. A enumeração criteriosa distingue e ordena as partes da totalidade, compondo uma pluralidade. A redução – que coleta os elementos da enumeração – é a contrapartida da divisão.

Examinados esses parágrafos que abordam, cada um, uma faceta da idéia-tema, passemos ao parágrafo 24, último da série, que parece desempenhar um papel específico – papel esse relacionado à sua posição na série:

> §24 Que é finalmente a **Corte** [A_{15}], senão uma **roda arrebatada** [B_{15}], onde atados de seus desejos volteiam os Cortesãos, miseravelmente alegres? Oh roda de Lisboa, que de atados levas? que cuidados de montar arriba, que embaraços de cair abaixo? que pressas ao valer, que desares ao cair? que precipício nos apetites, que quedas na cobiça? que despenhos na inveja, que ruído às esperanças? que porfia aos favores, que queixa aos infortúnios? que tormento aos desenganos? rodam lisonjeiros, voltam ambiciosos, sobe aquele, baixa este, trabalham todos, ri-se o mundo, e anda a roda.[48]

O tema da "Corte", deixado estrategicamente para o fechamento da série, completa o círculo que se iniciara com "as grandezas de maior nome" (os títulos de nobreza). Quanto à organização textual, o parágrafo difere bastante dos anteriores. Há nele uma acumulação de censuras aos cortesãos, nas quais os temas longamente discutidos nos parágrafos precedentes já são, de certa maneira, recoletados. Mas tal procedimento "recoletivo" é matizado por uma falta de especificidade lexical, que não permite ordenar a serialização, ainda que seja assinalado por certas regularidades: as repreensões estão concentradas num trecho, indicadas pelo pronome interrogativo "que". Os sinais de interrogação, concentrados neste parágrafo, indicam o seu caráter de recriminação e, ao mesmo tempo, de espanto do padre diante dos vícios enumerados. Dito de outro modo: a recoleção ocorre no plano semântico, porque a "Corte", tema do parágrafo, abriga todos os cortesãos cujos vícios foram discriminados nos parágrafos 10 a 23.

[48] SÁ, 2006, p. 57 e 59.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

5.2.3 Primeira Recolha

Tudo indica que a acumulação "pré-recoletiva" ocorrida no parágrafo 24 é uma espécie de anúncio da primeira recolha – que ocorre no parágrafo 25. Já vimos que esse parágrafo associa, de modo sistemático, a cada vício um arquétipo. Tal expediente – o da repetição com reelaboração – é recurso de organização textual recorrente no "Sermão do Dia de Cinza".

Para terminar a descrição da série básica estudada no item anterior, cremos haver uma analogia entre o andamento da série e o de certo raciocínio lógico – o silogismo: uma cadeia de premissas arrematada por uma conclusão.

Não há qualquer dificuldade em identificar o parágrafo 25 como a conclusão das premissas. Em primeiro lugar, há indicações textuais de resumo ou desfecho – "eis aqui o mundo"; em segundo lugar, são retomadas, uma a uma, em procedimento de recolha, as quinze "cousas do mundo" (temas canônicos); por fim, essa recolha nomeia o agente que estava subentendido em cada ação:

> § 25 Eis aqui o **mundo** [AB], eis aqui as melhores **prendas do mundo** [AB]: (...) que se desvele o soberbo [AR_1] por tais **grandezas** [A_1], o desvanecido [AR_2] por tal **glória** [A_2], o ambicioso [AR_3] por tais **honras** [A_3], o palaciano [AR_4] por tal **privança** [A_4], o requerente [AR_5] por tais **despachos** [A_5], o cortesão [AR_6] por tais **postos** [A_6], o presumido [AR_7] por tal **fama** [A_7], o invejoso [AR_8] por tal **prosperidade** [A_8], o divertido [AR_9] por tal **formosura** [A_9], o afeiçoado [AR_{10}] por tal **amor** [A_{10}], o delicioso [AR_{11}] por tais **gostos** [A_{11}], o lascivo [AR_{12}] por tais **deleites** [A_{12}], o cobiçoso [AR_{13}] por tais **riquezas** [A_{13}], e todos [AR] por tais **amizades** [A_{14}], por tal **corte** [A_{15}], e por tal **mundo** [AB][49]

A estrutura desse parágrafo, pela colocação em seqüência dos símbolos indicadores de cada um de seus elementos, pode ser reduzida à seguinte fórmula:

> AB; AB; AR_1,A_1; AR_2,A_2; AR_3,A_3; AR_4,A_4; AR_5,A_5; AR_6,A_6; AR_7,A_7; AR_8,A_8; AR_9,A_9; AR_{10},A_{10}; AR_{11},A_{11}; AR_{12},A_{12}; AR_{13},A_{13}; AR,A_{14}; AR,A_{15}; AR,AB

[49] SÁ, 2006, p. 59.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Assim, cada conceito “A”, integrante do termo identificador “AB”, une-se a um arquétipo “AR” – formando pares sucessivos de arquétipos e conceitos. A partir do conceito “A_{14}”, o pronome “todos” (AR) agrupa, recoletando-os, os arquétipos anteriores. O último par é totalizante (AR,AB).

Quando consideramos todos os temas canônicos discutidos entre os parágrafos 10 e 24, convencemo-nos de que o propósito de toda essa máquina retórica é pôr em movimento uma censura à política da nobreza pelo viés da moral cristã.

5.3 Retorno do Termo Identificador

Ainda no parágrafo 25, depois de realizada a primeira recolha, reaparece a segunda epígrafe do sermão, com a advertência de Cristo: “*Nolite thesaurizare vobis thesauros in terra*” – não acumuleis tesouros da terra. Essa advertência já se achava, desde o exórdio do sermão, associada à primeira metade do tema latino: “*Memento homo, quia pulvis es*” – lembra-te, homem, que és pó. Os “tesouros da terra” são “pó”; eis, novamente retomado, o termo identificador – “os bens da terra”:

> (...) porque os bens da terra não têm mais de tesouros, do que aquilo, que nós lhe pomos de vontade, porque nós cegamente o queremos, por isso só eles parecem tesouros, não queiramos nós, que logo não sejam tesouros os bens da terra; a não querer nos admoesta Cristo: *nolite:* e para que a razão obrigue a vontade, insta o conhecimento dos nadas do mundo desde o conhecimento da vileza de nosso ser: *Memento homo quia pulvis es.*[50]

Com essas palavras, prepara o sermonista a passagem ou transição à segunda parte da argumentação, a qual, em relação à primeira parte, adquire feições de argumentação complementar.

Essa circularidade, com retomada no fim das coisas do início, dá forma à mensagem de toda a primeira parte da argumentação: o homem é pó, pois o foi no início e o será no final. Novamente se vê a arquitetura do sermão (espacialidade) como uma das formas de produção de sentido na prosa barroca.

---

[50] SÁ, 2006, p. 61.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

5.4 Argumentação Complementar

A segunda parte da argumentação sustenta-se na segunda seção do tema latino, ampliando-o. O parágrafo 27, que dá início ao segundo movimento argumentativo, começa assim:

> *Et in pulverem reverteris:* A segunda razão de nossa conversão a Deus funda a Igreja na fragilidade de nossas vidas, avisa-nos de que havemos de ser mortos, para que saibamos buscar a Deus como mortais; mas é muito para reparar, que se encomenda à memória este aviso: *memento* (...)[51]

As palavras iniciais são justamente as da segunda metade do conceito predicável, as que dizem respeito ao futuro – *et in pulverem reverteris*.

Há certa simetria entre a primeira e a segunda parte do desenvolvimento. Em ambas, o discurso começa por uma das seções do tema latino. Em ambas as partes, nos momentos iniciais, o discurso focaliza o monarca – o que é atestado com exemplos bíblicos –; mas logo a alocução é estendida à nobreza em geral. Por fim, há uma apreciação parcial referente ao tema latino discutido.

Contudo, apesar da semelhança estrutural, a segunda parte do desenvolvimento tem função relativamente secundária, sendo, também, menos intensamente correlativa. Antônio de Sá recupera conceitos e imagens já apresentados e trabalha-os com recursos expressivos variados a fim de tornar claros alguns aspectos complementares da primeira parte da pregação.

Para explicitar sentidos matriciais, o pregador, por vezes, passa de uma imagem a outra, como, por exemplo, neste trecho do parágrafo 33:

> (...) no ano há primavera para brotarem as flores, e há outono para se colherem os frutos, nos anos o mesmo verão da vida é o inverno da morte: espada, e setas atribuiu à morte Davi: [...] a espada é arma que serve para o perto, a seta é arma que serve para o longe, no juízo de nossa cegueira as idades têm seus longes, e seus pertos, a velhice parece-nos que anda muito perto da sepultura, a mocidade pelo contrário, parece-nos que está muito longe do túmulo, pois que faz a morte? Arma-se de espada, e setas, setas para os longes da mocidade, espada para os pertos da velhice: (...)[52]

[51] SÁ, 2006, p. 61 e 63.
[52] SÁ, 2006, p. 75.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

Para fundamentar a tese de que a morte é indiferente à idade de suas vítimas, o orador reapresenta parte de uma imagem do parágrafo 18:

> (...) toda a graça das flores é breve, toda a louçania das árvores é caduca, a graça das flores é de poucas horas, a louçania das árvores é de poucos meses, um verão veste as árvores, um inverno as despoja, a menhã abre as flores, a tarde as murcha, (...)[53]

Nessa passagem, as "flores" e as "árvores" representam, figuradamente, a beleza feminina – que se extingue pela morte ou muda com o tempo. O fato relevante na imagem é que ela é um símile eficaz para a brevidade da vida e a fugacidade da beleza. Nos dois trechos, note-se ainda o paralelismo binário, que reforça os laços entre as imagens.

Ainda no parágrafo 33, abre-se outra perspectiva sobre a imagem matricial, trazida do parágrafo 18. As "flores" e os "frutos" nada têm a ver semanticamente com os "pertos" e os "longes", que, apesar disso, lhes devem o lugar que ocupam no discurso. A vida breve das "flores" equivale, figuradamente, aos "pertos" da velhice; a vida longa dos "frutos" corresponde aos "longes" da mocidade.

A nova imagem preserva o paralelo entre certos termos-chave da imagem inicial, materializando a idéia de que a morte não faz distinções entre jovens e velhos e utiliza diferentes expedientes para atingir seu fim. O que são, por exemplo, no parágrafo 18, a "tarde" para as "flores" e o "inverno" para as "árvores", correspondem, no parágrafo 33, respectivamente, a "espada" para os "pertos" e as "setas" para os "longes".

Partindo de um tema, o orador migra para outro, que lhe é próximo por alguma razão, fazendo ramificar o discurso. Na descrição do modo pelo qual o discurso religioso inaciano se expande ou ramifica, Roland Barthes empregou o termo "arborescência".[54]

No início do parágrafo 34, outro aspecto da morte é focalizado: a sua localização incerta no "tempo", isto é, o desconhecimento da hora de sua própria morte por cada pessoa. É notável o emprego aliterado do "t", apoio consonântico da vogal tônica da palavra "tempo", e presente, ele próprio, na palavra "morte":

---

[53] SÁ, 2006, p. 51.
[54] Cf. BARTHES, 2005, p. 35-81.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

> E já se a mor**t**e esperara anos de**t**erminados, para começar a **t**irania de seu império, **t**ivera a vida seus anos, porém começa **t**an**t**o an**t**e **t**empo, ou **t**an**t**o a **t**odo o **t**empo ma**t**a, que nenhum ins**t**ante de seu fica à vida: passado o ins**t**an**t**e do nascimen**t**o, não há ins**t**an**t**e algum em que não possa morrer o homem (...) [55]

Antônio de Sá explora a sonoridade do "t" nas palavras "morte" e "tempo", fazendo a consoante ecoar em outras palavras ao longo da passagem, como a sinalizar que a morte pode acontecer a qualquer momento. Contudo, a letra é concentrada na parte central do trecho – "**t**an**t**o an**t**e **t**empo, ou **t**an**t**o a **t**odo o **t**empo ma**t**a" –, criando um ritmo que materializa e intensifica a tirania da morte. As repetições de palavras e as antíteses participam significativamente da construção da mensagem.

Esse tipo de aproximação (palavras com sonoridades semelhantes) permite ramificações significativas. Outro exemplo está nas expressões que fecham o parágrafo – "Oh vida? Oh vidro?" O sinal de interrogação equivale ao de exclamação, mas tal emprego era comum no seiscentos. O fato notável aqui é a transferência de sentidos ocasionada pela repetição de sons da palavra "vida" na palavra seguinte, "vidro". No discurso do pregador, a "vida" adquire a fragilidade do "vidro", que, por sua vez, é animado ou personificado pela proximidade da "vida". A interjeição "Oh" intensifica o processo.

Vista a fragilidade da vida e a incerteza do futuro, encaminha-se o orador para o fechamento do sermão, para a recolha final. Antes, porém, no parágrafo 35, retorna ele à primeira das epígrafes do sermão, às palavras de Deus – *Convertimini ad me in toto corde vestro* –, em procedimento idêntico e simétrico ao da primeira parte da argumentação, em que retornara às palavras de Cristo, da segunda epígrafe:

> Mas que sendo esta a fragilidade da vida vivamos com tanto descuido da morte? mas que sendo esta a certeza da morte, vivamos com tanto engano da vida? que não tendo a vida de seu um instante, gastemos os dias, os meses, e os anos como se não foram da morte? Ó resolvamo-nos já algum dia a ouvir a Deus, que tão amorosamente nos chama: *Convertimini ad me in toto corde vestro:* e todo o tesouro da sabedoria divina, para conseguir a conversão de uma alma, não há remédio mais eficaz, que a lembrança da morte (...)[56]

---

[55] SÁ, 2006, p. 77.
[56] SÁ, 2006, p. 81.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

5.5 A Última Recolha

Na peroração, Antônio de Sá finaliza a edificação geométrica do sermão. Inicialmente, o pregador recupera os três temas latinos, respeitando as posições e as funções que se lhes foram atribuídas na partição:

> Ora fiéis, conhecida a **vileza do mundo** [AB] à vista da baixeza de nosso ser: *Memento homo quia pulvis es*; E reconhecida a importância de nossa conversão à vista da fragilidade de nossas vidas; *et in pulverem reverteris* não permitamos que em tanto dano de nossas almas, se malogre o conselho de Cristo, e a vocação de Deus (...)[57]

Cada seção do tema latino – conceito predicável – é a síntese da parte da argumentação que lhe corresponde. A complementaridade da segunda parte do conceito predicável e, por extensão, da argumentação, em relação à primeira, é indicada pelo parentesco entre os verbos "conhecida" e "reconhecida". Os temas de apoio são retomados como atos perlocutórios – "conselho de Cristo" e "vocação de Deus":

Em seguida, os elementos que compõem a pluralidade básica são recolhidos, um a um:

> § 38 (...) a Deus pois com os corações, ao **Céu** [AB'] com ânsias, ali tendes **grandezas** [A_1] sem **vaidade** [B'_1], **honras** [A_3] sem **baixos** [B'_3], **privança** [A_4] sem **receio** [B'_4], **despachos** [A_5] sem **dependência** [B'_5], **postos** [A_6] sem **desdouro** [B'_6], **fama** [A_7] sem **inveja** [B'_7], **prosperidade** [A_8] sem **perigo** [B'_8], **fermosura** [A_9] sem **eclipse**, e sem **mudança** [B'_9], **amor** [A_{10}] sem **tormento**, e sem **ruína** [B'_{10}], **gostos** [A_{11}] sem **pesar** [B'_{11}], **deleites** [A_{12}] sem **sede** [B'_{12}], **riquezas** [A_{13}] sem **limitação** [B'_{13}], **amizade** [A_{14}] sem **lisonja** [B'_{14}], **Corte** [A_{15}] sem **voltas** [B'_{15}], e **glória** [A_2] sem **fim** [B'_2].[58]

Contudo, essa recolha apresenta certas particularidades. Na série básica, o segundo termo da díade é sempre uma perífrase (B_n); na peroração, uma palavra simples (B'_n):

> § 20 Que são os **gostos** [A_{11}] senão **ciladas dos pesares** [B_{11}][59]

[57] SÁ, 2006, p. 91.
[58] SÁ, 2006, p. 91.
[59] SÁ, 2006, p. 55.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

§ 38 ali tendes **gostos** [A_{11}] sem **pesar** [B'_{11}][60]

Há outras distinções fundamentais. Na série básica, a conjunção "senão" identifica os membros do conjunto binário – os conceitos B_n e A_n são contrários, mas de algum modo se equivalem. Aqui, a preposição "sem" indica ausência – o conceito B'_n não participa da idéia de A_n. Para distinguir essa diferença fundamental entre as díades da série básica e as da peroração, na peroração grafamos a letra que representa o segundo membro do par com aspas simples (B'_n).

Então dizemos que AB', com aspas simples, designa as "cousas do Céu", por oposição às "cousas da terra" (AB). Os termos B'_1, B'_2 ... B'_{15} são semelhantes entre si enquanto espécies antitéticas e ausentes de A_1, A_2 ... $A_{15,}$ respectivamente. Desse modo, a soma dos conjuntos semelhantes A_1,B'_1, A_2,B'_2 ... A_{15},B'_{15} gera um novo termo identificador – "cousas do Céu" (AB') –, com que designamos aqui os elementos componentes dessa última recolha.

O conceito AB', por constituir uma imagem invertida do termo identificador AB, explica a mudança na posição do termo "glória" na peroração. Quando ele ("glória") deixou a segunda posição para ocupar a última, o artifício reduz todas os pares a uma díade totalizante (AB'), intensificando a tensão entre os termos antitéticos "cousas da terra" e "cousas do Céu".

Na expressão "glória sem fim" (A_2,B'_2), a locução adjetiva "sem fim" equivale ao adjetivo "eterna". Podemos reconhecer facilmente na nova expressão ("glória eterna") um sentido preciso – "o Céu" ou sua representação "com a Santíssima Trindade, os anjos e os bem-aventurados"[61]. Assim, o par A_2,B'_2 não só preserva sua função na correlação, mas também aglomera todos os conjuntos da peroração. Em resumo, o conjunto binário A_2,B'_2 corresponde a AB' ("cousas do Céu").

Para terminar este estudo estrutural funcional dos paradigmas textuais, toda a globalidade do sermão pode representada por uma fórmula:

§ 1 AB
§ 3 AB
§ 9 AB

§ 10 A_1,B_1

[60] SÁ, 2006, p. 91.
[61] HOUAISS, 2001, verbete: *glória.*

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

§ 11 A_2,B_2
§ 12 A_3,B_3
§ 13 A_4,B_4
§ 14 A_5,B_5
§ 15 A_6,B_6
§ 16 A_7,B_7
§ 17 A_8,B_8
§ 18 A_9,B_9
§ 19 A_{10},B_{10}
§ 20 A_{11},B_{11}
§ 21 A_{12},B_{12}
§ 22 A_{13},B_{13}
§ 23 A_{14},B_{14}
§ 24 A_{15},B_{15}

§ 25 AB; AB; AR_1,A_1; AR_2,A_2; AR_3,A_3; AR_4,A_4; AR_5,A_5; AR_6,A_6; AR_7,A_7; AR_8,A_8; AR_9,A_9; AR_{10},A_{10}; AR_{11},A_{11}; AR_{12},A_{12}; AR_{13},A_{13}; AR,A_{14}; AR,A_{15}; AR,AB

§ 38 AB': A_1,B'_1; A_3,B'_3; A_4,B'_4; A_5,B'_5; A_6,B'_6; A_7,B'_7; A_8,B'_8; A_9,B'_9; A_{10},B'_{10}; A_{11},B'_{11}; A_{12},B'_{12}; A_{13},B'_{13}; A_{14},B'_{14}; A_{15},B'_{15}; A_2,B'_2 [AB']

Eis como se nos apresenta um sermão correlativo e disseminativo-recoletivo.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

6 CRONOLOGIA DO PADRE ANTÔNIO DE SÁ

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

1620: nasce no Rio de Janeiro, a 26 de junho de 1620[62].

1641: no dia 12 de junho, ingressa na Companhia de Jesus. Já estudava latim na Companhia de Jesus há três anos.

1657-1660: realiza, no Colégio da Bahia, os estudos necessários à obtenção do título de mestre em teologia.

1657: ordena-se padre e atua como pregador no Colégio da Bahia.

1658: São publicados em Lisboa *De Venerabili Patre Joane de Almeyda Oratio* (no fim da obra "Vida do Padre João de Almeida", escrita por Simão de Vasconcelos) e *Sermão pregado à Justiça na Santa Sé da Bahia na Primeira Oitava do Espírito Santo* na Oficina de Henrique Valente de Oliveira.[63]

1659: faz o 3º ano de provação.

1660: a 1 de janeiro, faz profissão solene. É prefeito de estudos e professor de Teologia Especulativa.

1661: viaja a Roma, acompanhando Simão de Vasconcelos.

1662-1665: encontra-se em Portugal. Prega na Capela Real com grande aceitação. Em novembro de 1662, reside no Colégio do Porto com o Padre Antônio Vieira, cujos passos queria seguir nas missões do Maranhão e Pará.

1665: É publicado em Coimbra o *Sermão pregado no Dia que Sua Majestade Faz Anos em 21 de agosto de 663* na Oficina de Tomé Carvalho, impressor desta Universidade. O padre Serafim Leite (*História da Companhia de Jesus no Brasil*. T. IX, p. 108) observa: "O padre Antônio de Sá, natural do Rio de janeiro, pregou este sermão em Lisboa na sua volta de Roma".

1666-1669: na Bahia, dado a ministérios em missões, até que veio ordem de El-Rei D. Pedro II para ir ocupar na Corte o cargo de Pregador de Sua Majestade.

1669: É publicado em Lisboa o *Sermão do Dia de Cinza* na Oficina de João da Costa, à custa de Miguel manescal, mercador de livros da Rua Nova.

1669-1670: desobriga-se temporariamente da ordem de El-Rei. Parte em missões no sertão baiano.

1671: no Rio de Janeiro, é Prefeito de Estudos.

---

[62] A data de nascimento do padre aguarda confirmação definitiva. Mas todos os bibliógrafos concordam quanto à data de falecimento: 01 de janeiro de 1678. Cf. BLAKE, 1883, t. I, p. 305-306; LEITE, 1950, t. IX, p.106-107, MACHADO, 1930, t. I, p. 372-374; SILVA, 1963, p. 262-263.

[63] A bibliografia do padre deve ser lida em Rubens Borba de Moraes (*Bibliografia Brasileira do Período Colonial*, 1969, p. 312-315.)

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

1671-1674: não há registros desse período. É possível que esteja em Portugal. Um dos seus sermões diz que foi pregado na freguesia de São Julião, em 1674. Se se trata da igreja deste nome em Lisboa, infere-se que tenha acedido à vontade de El-Rei D. Pedro II.

1672: É publicado em Coimbra o *Sermão pregado à Justiça na Santa Sé da Bahia na Primeira Oitava do Espírito Santo* na Impressão da Viúva de Manuel de Carvalho: Impressor da Universidade, à custa de João Antunes, mercador de livros.

1673: É publicado em Coimbra o *Sermão do Dia de Cinza* na Oficina de Rodrigo de Carvalho, impressor da Universidade.

1674: São publicados o *Sermão do Dia do Apóstolo São Tomé* (em Lisboa) por Antônio Rodrigues de Abreu, à custa de Martim Vaz Tagarro, mercador de livros (sermão pregado na Capela Real), o *Sermão na Primeira Sexta-Feira de Quaresma* (em Lisboa) na Oficina João da Costa, à custa de Manuel Craveiro da Silva, mercador de livros ao Remolares (sermão pregado na Freguesia de São Julião) e o *Sermão na Primeira Sexta-Feira de Quaresma* (em Coimbra) na Oficina de Manuel Rodrigues de Almeida, à custa de João Antunes, mercador deliros [sic] (sermão pregado na Freguesia de São Julião).

1675-1677: em fins de 1674, ou início do ano seguinte, é Vice-reitor no Colégio da Capitania do Espírito Santo naquele triênio.

1675: São publicados o *Sermão dos Passos* (em Lisboa) na Oficina de João da Costa, à custa de Miguel Manescal, mercador de livros na rua Nova, o *Sermão da Conceição da Virgem Maria Nossa Senhora* (em Coimbra) na Oficina de José Ferreira (sermão pregado na Igreja matriz do Recife, Pernambuco, em 1658.), o *Sermão da Quarta Dominga da Quaresma* (em Coimbra) na Oficina de José Ferreira (sermão pregado na Capela Real em 1660) e o *Sermão do Glorioso São José Esposo da Mãe de Deus* (em Coimbra) na Oficina de José Ferreira.

1677: adoece gravemente. Transfere-se para o Rio de Janeiro.

1678: falece no dia 1 de janeiro 1678.

1686: São publicados o *Sermão pregado à Justiça na Santa Sé da Bahia na Primeira Oitava do Espírito Santo* (em Coimbra) na Oficina de Manuel Rodrigues de Almeida, à custa de João Antunes, mercador de livros e o *Sermão do Dia do Apóstolo São Tomé* (em Coimbra) na Oficina de José Ferreira, impressor da Universidade (sermão pregado na Capela Real).

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

1689: É publicado em Coimbra o *Sermão dos Passos* na oficina de José Ferreira, impressor da Universidade, à custa de João Antunes, mercador de livros.

1692: É publicado em Coimbra o *Sermão do Glorioso São José Esposo da Mãe de Deus* na Oficina de João Antunes.

1721: É publicado em Coimbra o *Sermão do Dia do Apóstolo São Tomé* na oficina de João Antunes (sermão pregado na Capela Real). Serafim leite não cita essa edição.

1732: É publicado em Lisboa o *Sermão de Nossa Senhora das Maravilhas* na Oficina de M. Fernandes da Costa (sermão pregado da Sé da Bahia em 1660).

1735: É publicada em Lisboa a *Oração Fúnebre nas Exéquias da Sereníssima Rainha de Portugal D. Luiza Francisca de Gusmão* na Oficina de Miguel Rodrigues, impressor do Senhor Patriarca. (Serafim Leite nota que a edição é de Bernardo Gomes Brito).

1744: É publicado em Lisboa o *Sermão de Nossa Senhora das Maravilhas* na Regia Oficina Silviana, e da Academia Real (sermão pregado da Sé da Bahia em 1660).

1750: São publicados em Lisboa os *Sermões Vários* na Oficina de Miguel Rodrigues, impressor do Eminentíssimo Senhor Patriarca. Esse volume reúne todos os sermões do padre Antônio de Sá.

1924: É publicado no Rio de Janeiro a coletânea *Antônio de Sá*, volume XII da "Estante Clássica" da Revista de Língua Portuguesa, dirigida por Laudelino Freire. Rio de Janeiro, 1924, introdução e anotações de João Luís de Campos. O volume é uma coletânea de cinco sermões do padre, apresentados nesta ordem: a) *Sermão do Dia de Cinza.* Coimbra, 1673.; b) *Sermão à Justiça na Bahia.* Coimbra, 1686.; c) *Sermão dos Passos.* Coimbra, 1689.; d) *Sermão da Conceição da Virgem Maria, Nossa Senhora,* pregado na Igreja Matriz do Recife, Pernambuco, no ano de 1658. Coimbra, por José Ferreira, em 1675.; e) *Sermão de S. José*. Coimbra, 1675.

?: É publicado em Coimbra o *Sermão dos Passos* na Oficina de João Antunes, e à sua custa impresso. [s.d.]. Esta edição não é citada por Serafim Leite.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

7 REFERÊNCIAS

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44ª edição. São Paulo: Saraiva, 1999. 698 p.

ANTÔNIO de Sá. Rio de Janeiro: Mem de Sá, 1924. Volume XII. (Estante clássica: Revista de Língua Portuguesa).

ARISTÓTELES. *Arte poética e arte retórica*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959. 335p.

ÁVILA, Afonso. *O lúdico e as projeções do mundo barroco*. (2v). São Paulo: Editora Perspectiva, 1994. 3ª edição.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Iniciação em crítica textual*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: EDUSP, 1987. 156p.

BARRETO, Mário. *Fatos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

BARTHES, Roland. et al. *Análise estrutural da narrativa*. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1973. 285p. (Novas Perspectivas em Comunicação,1)

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 35-81.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

BIBLIA Sagrada iuxta Vulgatam Clementinam. Nova edição. Matriti: Biblioteca de Autores Cristianos, 1953.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883. 1/7v. p.305-306.

BUENO, Francisco da Silveira. *Estudos de filologia portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1954.
CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 216 p.

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. 4ª edição. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004. 164 p.

CARMELO, Antônio. O púlpito no Brasil. *Revista de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 1922. Setembro, nº 19. p. 217-242.

CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. Trad. Rubens Eduardo Ferreira

COUTINHO, Afrânio. *Do barroco: ensaios*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994. 412p.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley Cintra. *A nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DIAS, Augusto Epiphanio da Silva. *Sintaxe histórica portuguesa*. Lisboa, 1933.

ELIA, Sílvio. *Fundamentos histórico-lingüísticos do português no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. 157 p.

FIGUEIREDO, Candido de. *Problemas da linguagem*. 2ª edição. Lisboa: Livraria Clássica editora de A. M. Teixeira, 1921. Vol. 2. 333 p.

FRANÇA, Júnia Lessa. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 6ª edição.

FREIRE, Laudelino. Padre Antônio de Sá. In: *Clássicos brasileiros: Breves notas para a história da literatura filológica nacional*. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1923. p. 39-43.
GALVÃO, Ramiz. O púlpito no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1922. T. 92, Vol. 146.

GAMA, A. C. Chichorro da. *Breve dicionário de autores clássicos da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, 1921.

HANSEN, João Adolfo. Barroco, neobarroco e outras ruínas. *Teresa*. São Paulo: Ed. 34, 2001, nº 2.

HOUAISS, Antônio *et al*. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. São Paulo: Hucitec, 1983.

LAPA, Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. 7ª ed. Rio de janeiro: Livraria Acadêmica, 1973.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950. 10v.

LIMA, Luiz Costa Lima. *Teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v. I. 297-318.

LOPES, Hélio. Oratória sacra no Brasil. In: *Letras de Minas e outros ensaios*. São Paulo: Edusp, 1997. p. 421-443.

LOYOLA, Inácio de. *Exercícios espirituais*. 7ª edição. São Paulo: Loyola, 2002. 218 p.

MACEDO, Joaquim Manuel de. Antônio de Sá. In: *Ano biográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia e Litografia do Imperial Instituto Artístico, 1876. v. II. p. 373-374.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana*. História, Crítica e Cronologia. 2ª ed. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1930. 1/4v. 372-374.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana*. História, Crítica e Cronologia. 2ª ed. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 1930. 4/4v. 52-53.

MENDES, Margarida Vieira. *A oratória Barroca de Vieira*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989. 596 p.

MOISÉS, Massaud. *História da Literatura Brasileira I: Origens, Barroco, Arcadismo*. São Paulo: Cultrix, 2001. v. 1.

MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia Brasileira do Período Colonial: catálogo comentado das obras de autores nascidos no Brasil e publicadas antes de 1808*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.

MORAES, Rubens Borba de. *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e tecnologia do estado de são Paulo, 1979. 234p.

MOTTA, Arthur. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930. v. I.

Na ponta da língua. Org. Gladstone Chaves de Melo; [et al.] 2ª edição. Rio de Janeiro: Liceu Literário português, Lucerna, 2002.

NETO, Serafim da Silva. *Manual de Filologia Portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1977. p.115.

PAIVA, Dulce de Faria. *História da língua portuguesa*: século XV e meados do século XVI. v. II. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos)

PÉCORA, Alcir. *Teatro do Sacramento*. São Paulo: Editora da Universidade de são Paulo; Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1994. 286p.

PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 108-109.

PINTO, Rolando Morel. *História da língua portuguesa*: século XVIII. v. IV. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos)

RODRIGUES, João Carlos. *Biblioteca Brasiliense*. Parte I. Descobrimento da América: Brasil Colonial: 1492 – 1822. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1907. p. 555-557.

ROSA, Maria Carlota Amaral Paixão. *Pontuação e sintaxe em impressos portugueses renascentistas*. 1994. 2 v. Tese (Doutorado em Lingüística) – Faculdade de Letras, Universidade federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

SÁ, Antônio de. “Sermão do Dia de Cinza”. 3ª edição. In: SÁ, Antônio de. *Sermões Vários*. Lisboa: Oficina de Miguel Rodrigues, 1750.

SÁ, Antônio de. “Sermão do Dia de Cinza”. 4ª edição. In: *ANTÔNIO de Sá*. Rio de Janeiro: Mem de Sá, 1924. Volume XII. (Estante clássica: Revista de Língua Portuguesa).

SÁ, Antônio de. *Sermão do Dia de Cinza*. 1ª edição. Lisboa: Oficina de João da Costa, 1669.

SÁ, Antônio de. *Sermão do Dia de Cinza*. 2ª edição. Coimbra: Oficina de Rodrigo de Carvalho, 1673.

SÁ, Antônio de. *Sermão do Dia de Cinza*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006. [Apostila]

SARAIVA, Antônio José. *O discurso engenhoso: estudos sobre Vieira e outros autores barrocos*. São Paulo: Perspectiva, 1980. 146p. (coleção debates).

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez: applicaveis a Portugal e ao Brasil*. Lisboa: Na Imprensa Nacional, MDCCCLVIII. Tomo I, p. 262-263.

SPAGGIARI, Bárbara; PERUGI, Maurizio. *Fundamentos da Crítica Textual*: história, metodologia, exercícios. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. 408 p.

SPINA, Segismundo, CROLL, Morris W. *Introdução ao Maneirismo e à prosa barroca*. São Paulo: Ática, 1990.

SPINA, Segismundo. *A poesia de Gregório de Matos*. São Paulo: EDUSP, 1995. 234 p.

SPINA, Segismundo. *História da língua portuguesa*: segunda metade do século XVI e século XVII. v. III. São Paulo: Ática, 1987. (Série Fundamentos)

SPINA, Segismundo. *Introdução a edótica: crítica textual*. São Paulo: Ars Poetica, 1994.

TORRINA, Francisco. *Dicionário latino português*. Porto: Porto Editora, 1942.

TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica*: a retórica como crítica literária. São Paulo: Duas Cidades, 1988. 247 p. (Estante do estudante)

VERISSIMO, Jose. *História da Literatura Brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 4ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.

VERNEY, Luís Antônio. *Verdadeiro método de estudar*. 3ª edição. Lisboa: Sá da Costa, 1949. v. I. 278p. 17-134.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

VIEIRA, Antônio. *Sermões.* São Paulo: Hedra, 2001. t.1. p. 53-70.
WEHLING, Arno; WEHLING, Maria José C. M. *Formação do Brasil colonial*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

8 GLOSSÁRIO E DISCUSSÃO DE ALGUNS ASPECTOS LINGÜÍSTICOS

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

amenhã: a vogal final “a” é sempre dobrada e recebe o til sobre o último “a”, “amenhaã”. Simplificamos a forma, grafando a vogal final simples e com o til, mas preservamos o “e”. “Amenhã” é hoje forma antiquada e de caráter popular. Em uma ocorrência (§ 13), “amenhã” é possivelmente empregada em duas acepções (“amanhã pela manhã” e “época futura indeterminada”), que correspondem atualmente às formas “à manhã” e “amanhã”. Os significados de “à menhã” e “amenhã” eram indistintos, uma vez que não havia norma específica quanto à união ou separação vocabular. Tal mobilidade do significante permitiria o jogo com os significados que a especialização lexical (notadamente no setecentos) tende a limitar. Em **C**, em todas as ocorrências, “à manhã”, com a preposição “a” craseada e separada de “manhã”, que teve o “e” substituído por “a”.

apresse: em **A** é grafado com um “s” apenas, “aprese”. No trecho (§ 18), a forma mais indicada é “apresse”, do verbo “apressar” (adiantar, antecipar), por oposição a “dilate”, do verbo “dilatar” (adiar, alongar). A forma “aprese”, do verbo “apresar” (tomar como presa, aprisionar navio), não se harmoniza no contexto. Além disso, nossa correção esteia-se num fato ortográfico: no seiscentos, o emprego de “s” (intervocálico) e de “ss” é confuso. Atualizamos a grafia de **A**, seguindo o exemplo de **C**.

assi/**assim**: as grafias “assi” e “assim” oscilam em **A**; mas não em **C**, que grafa sempre “assim”. A forma arcaica e oral “assi” (séc. XII) e a nasalizada “assim” (séc. XV) concorreram por longo tempo, mas a forma nasalizada predominou na língua. A causa da nasalização do “assi” é controversa. A explicação mais aceita é que o “si” (> “sim”), por influência do antônimo “non” (> “não”), tenha nasalizado e, por efeito cascata, o “assi” (> “assim”), por analogia ao “sim”. Preservamos a oscilação de **A**.

até agora: em **A**, parece que a intenção era grafar “até agora”, mas, acidentalmente, os termos foram justapostos “ateagora”. Contudo, a grafia “ateagora” poderia ser intencional, uma vez que não havia normas estabelecidas quanto à união ou separação vocabular. Além disso, a forma justaposta “ateagora” deve ter originado a forma aglutinada “atégora”, que ocorre em autores clássicos seiscentistas como, por exemplo, Antônio Vieira e Eusébio de Matos. Atualizamos a grafia, separando

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

os termos. Em **C**, o termo foi grafado em sua forma aglutinada, "atégora". A forma "atégora" não consta do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro, 1999.) ou dos bons dicionários da língua portuguesa.

aventajar-vos: forma antiga e popular de "avantajar-vos". Em **A** e **C**, os pronomes enclíticos vêm unidos ao verbo sem interposição de hífen. **C** recupera a forma erudita, substituindo o "e" por "a" – "avantajar-vos". Preservamos a forma popular de **A** e adicionamos o hífen.

calificado: forma popular, em que o grupo "qu" – na dialetação do latim em português – é reduzido a "c" (duro) pela perda do som menos sonoro, "u", na forma latina *qualificāre*, e derivadas. Mantivemos a forma a fim de preservar as características da língua à época em que foi escrito. Em **C**, "qualificado".

cegue: em **A** "segue", em **C** "cegue". No contexto (§ 19) – por oposição a "fie" (do verbo "fiar"), "ter fé", "acreditar" – a forma "cegue" (do verbo "cegar"), "perder a visão" e, metaforicamente, "a razão" parece a mais apropriada. Se for "segue", deve ser do verbo "seguir", e não do "segar". Nesse caso, a passagem é entendida assim: "que me segue de um menino?" = "que me sucede (me vem) de um menino?". Optamos pela forma "cegue".

despois: uso informal e de caráter popular. A formação dessa palavra é controversa. Silveira Bueno diz ser uma "forma arcaica e clássica de "depois", propondo a seguinte explicação etimológica: "de + ex + post"; Morais fala em "modo castelhano". Corominas, comentando a forma "después", em espanhol, hesita em atribuir a combinação "de + ex + post" ao latim vulgar, melhor parece-lhe tratar-se de uma alteração do antigo "depues", posto que "depost" (de + post) já se encontra no latim africano e daí procedem: "después", em espanhol; "depois", em português; "depuis", em francês e "dopo", em italiano. Corominas propõe uma explicação: a alteração dever-se-ia à influência de "desde" e "desque", com os quais coincidiam muitos usos do antigo "depues". Seria esse possivelmente o "modo castelhano" de que fala Morais. Se a explicação de Corominas estiver correta, será mais um caso em que o contexto influencia a grafia e a pronúncia de uma palavra.

destrue: segundo João Luís de Campos, em nota que apôs a *Antônio de Sá* (1924, nota 7), alguns verbos em "-struir" e "-sumir" tiveram o "u" convertido em "o", ao

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

passo que outros, com o mesmo radical, conservaram-no. No primeiro grupo estão verbos como “destruir”, “construir” e “(con)sumir”; no segundo, verbos como “instruir”, “assumir”, “presumir” e “resumir”. As formas verbais “destrue” e “consume”, que aparecem em **A**, são recorrentes em autores clássicos portugueses como, por exemplo, Camões e Antônio Vieira. Em **C**, essas palavras foram grafadas “destroe” e “consume”. Preservamos as formas “destrue” e “consume”.

Egito: atualmente, em português, o “p” etimológico medial não se escreve, quando não é sonoro: a reforma ortográfica de 1943 o eliminou em palavras como “Egipto”; mas há casos em que a consoante reaparece como, por exemplo, “egípcio” e “egiptologia”, por ser pronunciado nessas formas. O mesmo se dá com as consoantes “b”, “d”, “g” e “p”, quando não se ligam a uma vogal: conservam-se apenas nas palavras que especialmente as têm na pronúncia.

Emprego da vogal “a” dobrada. Em **A**, a vogal “a” é sempre dobrada, quando nasal e final. Nesse caso, recebe o til sobre o último “a” como, por exemplo, “menhaã”. Em **C**, é simples e com til. No setecentos, alguns eruditos dobravam-na, mas Verney (*Verdadeiro Método de Estudar*, 1949, p. 50-51) a queria simples. Para legitimar sua opinião, diz que muitos portugueses doutos têm o mesmo entendimento e riem-se de Duarte Nunes de Leão, que na *Ortografia da Língua Portuguesa* (1576) queria que se dobrassem os “aa”, dizendo “menhãa”, “vãa” etc.

Emprego de “am” e “ao”. Em **A**, as terminações “am” e “ão” oscilam e são usadas indiferentemente como, por exemplo, “razam” e “razão”, “senam” e “senaõ”. O til incide ora sobre o “o” ora sobre o “a”. Mas nos plurais, o til é sempre substituído pelo “n” como, por exemplo, “razoens” e “distinçoens”. As terminações “am” e “ão” foram motivo de longuíssimas disputas no setecentos. Em **C**, o emprego das formas “am” e “ão” não oscila e em todas as ocorrências do “aõ”, o til está sobre o “o” como, por exemplo, “adoravaõ”, “lembraõ” e “ Amaõ” (nome próprio, “Amã”).

Emprego distintivo de “ei” e “e”. A redução do ditongo como, por exemplo, “cea”, “alheas”, etc. é uma característica da língua do século XVII. Ainda que palavras como essas fossem pronunciadas (no século XVII) com um “i” – “ceia”, “alheias” –, na escrita o “i” era comumente omitido. Em **A**, o ditongo “ei” é raro na escrita,

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

apresenta-se normalmente sob a forma reduzida “e”. Em **C**, alguns algumas dessas formas em “e” foram desdobradas em “ei”.

Emprego do “h”. Em **A**, o “h” é empregado irregularmente. Em **C**, seu emprego é semelhante ao atual. O “h” deve ser usado somente na composição de dígrafos com as consoantes “c”, “n” e “l”; na distinção de acepções diversas como, por exemplo, “ouve” (do verbo “ouvir”) de “houve” (do verbo “haver”) e no início de certas palavras, que o trazem etimologicamente. Atualizamos o emprego do “h”.

Emprego do “j” e “i”. Em **A**, o “j” inicial é representado “I” como, por exemplo, em “Ioam”; mas grafado “j”, quando medial como, por exemplo, “cujo”. Em **C**, o “j” e o “i” são distinguidos. Atualizamos o emprego do “j” e do “i”.

Emprego do “que” por “em que”. Neste trecho da edição príncipe (**A**) “O dia, que criou Deus a luz do Céu, fez nuvens que o pudessem escurecer” (parágrafo 19), a ausência da preposição “em” antes de “que” é estranha. Deve tratar-se de um erro, e nesse caso, a preposição “em”, introduzida na edição **C**, regulariza a sintaxe; mas a preposição pode estar subentendida em **A**, elíptica, antes do “que”. Seguimos a redação da edição príncipe (**A**).

Emprego do “s” (intervocálico), “ss” e “c” (sibilante). Em **A**, há grande confusão quanto ao emprego dessas letras. Em **C**, o emprego dessas consoantes é normatizado. Atualizamos a grafia quando necessário.

Emprego do “u/i”. Em **A** e **C**, o “u” é empregado pelo “i” em palavras como, por exemplo, “dous” e “cousas”. Preservamos essas formas antigas.

Emprego do “u/v”. Em **A**, o “u” e o “v” oscilam; mas em **C**, são diferenciados conforme sejam vogais ou consoantes. Atualizamos o emprego do “u” e do “v”.

Emprego do “y”. Em **A** e **C**, o “y” é freqüentemente usado por “i”. Atualizamos o emprego do “y”.

Emprego do “z/s”. Em **A**, há oscilação do “s” e do “z” em final de palavras como, por exemplo, “fes” e “fez”. Em **C**, os usos do “z” e do “s” parecem seguir orientação etimológica, pois não há oscilação. Na ortografia atual, o “s” quase sempre corresponde a um “s” originário, mas o “z”, além de corresponder a um “z” etimológico, pode ter quatro outras origens: a) um “c” intervocálico, é o caso do verbo “dizer”, do latim “dicere”, e “fazer”, de “facere”, b) um “qu”, “cozer”, de “coquere” c) um “ti”, seguido de vogal, “razão”, de “rationem” e d) um “ph”,

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

"gonzo", de "gomphum" (= cavilha, prego). Atualizamos o emprego do "s" e do "z".

Emprego do pronome "lhe" por "lhes". O pronome "lhe" podia ser invariável. Augusto Epifânio (*Sintaxe histórica portuguesa*. Lisboa: Clássica, 1959. p. 70) diz ser freqüente a forma "lhe" como plural, e Celso Ferreira Cunha e Carlos Durval, em nota à *Prosopopéia*, de Bento Teixeira (São Paulo: Melhoramentos, 1977, p. 176), observam que "em Camões não se observa um caso sequer de variabilidade". Nestas passagens do sermão "Nem nos embarace chamar Cristo tesouros aos bens da terra, não lhe chama assi porque o sejam" (parágrafo 26), e um pouco adiante, no mesmo parágrafo, "os bens da terra não têm mais de tesouros, do que aquilo, que nós lhe pomos de vontade" – o pronome "lhe" está por "lhes".

fermoso: até meados do século XVII, as formas "fermoso" (grafia antiga e dissimilada de "formoso") e "fremoso" (por metátese de "fermoso") eram as usuais. "Formoso" é palavra erudita que, no português medieval, já ocorria esporadicamente. Conservamos a grafia de **A**, "fermoso". **C** recuperou a forma erudita "formoso".

fermosura: *Houaiss* registra "fermoso", mas não "fermosura". Todavia, nós o encontramos no *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro, 1999, verbete: *fermosura*). Em **C**, "formosura". As recuperações de formas eruditas na edição **C** revelam um "desejo [setecentista] de aprimorar e disciplinar a língua portuguesa" (SPINA, 1987, p. 14). Conservamos a grafia de **A**, "fermosura".

menhã: a vogal final "a" é sempre dobrada e recebe o til sobre o último "a", "menhaã". forma hoje antiquada e de caráter oral, o mesmo que "manhã". Luís Antônio Verney (*Verdadeiro Método de Estudar*, 1949, p. 56-57; 73-74) cita a forma "menhã" sem discutir o uso do "e", porventura a grafia e a pronúncia fossem praticadas pelos eruditos no setecentos. **C** recuperou, por via erudita, a forma "manhã". Simplificamos a grafia de "menhaã" em **A**: "menhã".

Monarca: em **A** e **C** "Monarcha". O dígrafo helenizante "ch", aspirado com o "h", algumas vezes se devia pronunciar como se fosse um "k" como, por exemplo, "Monarcha". Segundo Verney (*Verdadeiro Método de Estudar*, 1949, p. 53-55),

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

seria erro grafar o "ch" onde se lê "k". (Há outras ocorrências do dígrafo helenizante "ch" nas edições **A** e **C** – "Monarchia", "machina", "Rachel" e "Sichem". Atualizamos todas as ocorrências.)

nuve: em **C** "nuvem". A nasalização da vogal final em "nuve" (> "nuvem") se deve, segundo propõe E. Williams, a um processo de assimilação da nasalidade da consoante inicial, que migrou para a vogal final (*Houaiss*, 2001, verbete: *nuvem*). Fenômeno semelhante pode ter ocorrido ao "si" (> "sim"); resta saber se a consoante "s", sibilante, pode exercer tal efeito na vogal "i", idêntico ao que "n", nasal, exerceu em "e". Respeitamos o emprego da ectlipse em **A**.

pretender: em **C**, "pertender" é recuperação erudita da grafia. Morais diz ser "pertender"[64] ("per" e "tendere": "caminhar por") melhor ortografia que "pretender" ("prae" e "tendere": "ir diante" e "pretextar"). A forma "pertender", por metátese, pode haver originado "pretender", o que tornaria a composição etimológica atribuída a "pretender" incorreta. A edição **A** parece haver respeitado a pronúncia, ao grafar "pretender". Talvez, no século XVII, já se pronunciasse "pretender" e só o código escrito, isto é, a língua escrita, tentasse conservar o "pertender" etimológico, recorrente em textos de autores da época como, por exemplo, Antônio Vieira, Eusébio e Gregório de Matos.

redentor: em **A** e **C** "redemptor". A queda do "p" converteu o "m" em "n", "redentor" (ver também o que foi dito em *Egito*). A grafia da palavra em **A** e **C** possivelmente está em consonância com sua pronúncia até o século XVIII. Atualizamos a forma, "redentor".

Regência do verbo "haver" (sem *de*). Em algumas construções como "haviam mandar esquecer" (parágrafo 3), a preposição "de" é omitida entre o verbo "haver" e o infinitivo; mas em outras ocorrências do verbo "haver", a preposição "de" aparece. Augusto Epiphanio da Silva Dias (*Sintaxe histórica portuguesa*. Lisboa, 1933, p. 248-249.) explica a ausência da preposição: "a) Com o verbo *ter*, e também *haver* (nos tempos simples) e o infinitivo precedido da preposição *de*, exprime-se que o praticar a ação é necessidade imposta pelas leis da natureza (ou da lógica), ou

[64] A 10ª edição do *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio de Morais Silva, que traz na folha de rosto os dizeres "[edição] corrigida e atualizada, segundo o acordo ortográfico Luso-Brasileiro de 1945", já não registra os vocábulos "pertender" e "pertenção". Parece que os lexicógrafos excluíram esses vocábulos.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

pelas circunstâncias, ou conveniências, ou pela lei moral. (...) *Obs. 3ª* No port. Arch. medio suprimia-se às vezes *de*, depois de *haver*".

si/**sim**: as grafias "si" e "sim" oscilam em **A**; **C** padronizou a grafia, adotando em todas as ocorrências "sim". A causa da nasalização do "si" é incerta, mas há duas teorias principais. A primeira explicação apóia-se no contexto: o "si" nasaliza-se por influência do antônimo "non" (> "não"), com o qual forma uma antítese. A segunda esteia-se na própria palavra, na qualidade sibilante do "s". A consoante sibilante "s" tem som agudo e contínuo (semelhante a uma fricção ou a um sibilo), produzido pela passagem da corrente expiratória por uma abertura apertada do canal bucal. Esse som se estenderia até a vogal posterior, "i", que o assimilaria, nasalizando-se. (NETO, 1977, p. 115)

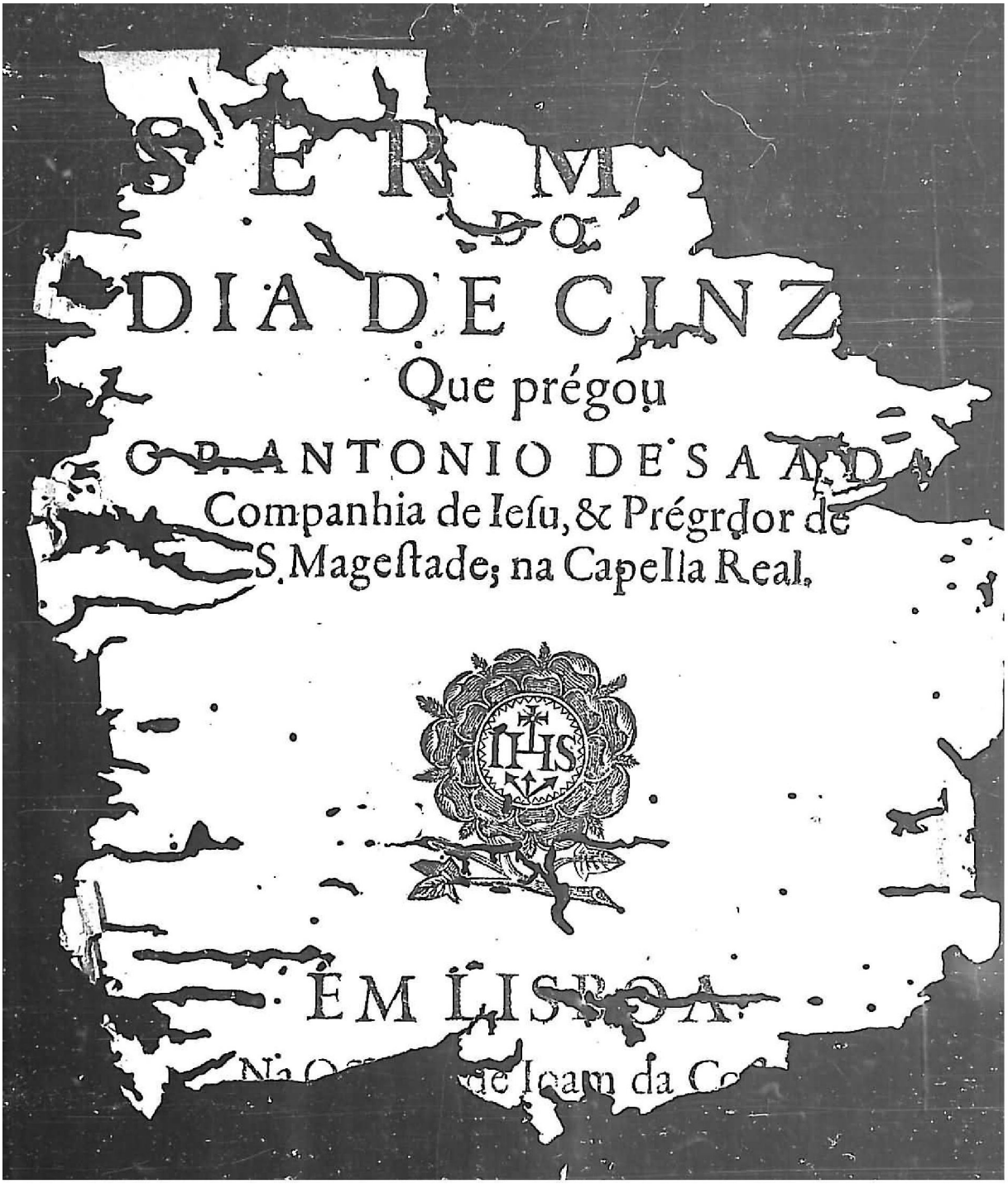
sobressalta: em **A** e **C** "sobresalta", com um "s". Atualmente, em português, a palavra "sobressalta" também pode ser grafada "sobre-salta", com hífen (*Houaiss*, 2001, verbete: *sobressaltar*). Atualizamos a grafia, adotando a forma mais usual, "sobressaltar".

Sossego: em **A**, "sossego"; em **C**, "socego". A grafia "socego" parece usual no século XVIII, como se depreende da etimologia que de "sossego" dá-nos *Houaiss* (2001, verbete: *sossego*). Seguimos a forma usual em português e presente em **A**, "sossego".

Viso-reinado: em **A** e **C**, "Visoreinado". O prefixo "vice-", do latim *vice*, ablativo de *vix*, figurava a princípio em locuções adverbiais (*vice versa, mutŭa vice*), mas tornou-se no baixo latim um verdadeiro prefixo como, por exemplo, *vicepraefecus* e *vicequaestor*. Na composição em vernáculo, esse elemento antepositivo é atestado já no século XIV, sob as formas "bis-" e "biz-", ocorrendo ainda "viz-" e "viso-", com as acepções de "em lugar de", "que substitui a" e "abaixo de". Atualmente, o prefixo "vice-" é seguido sempre de hífen. Preservamos o arcaísmo, mas introduzimos hífen: "Viso-reinado".

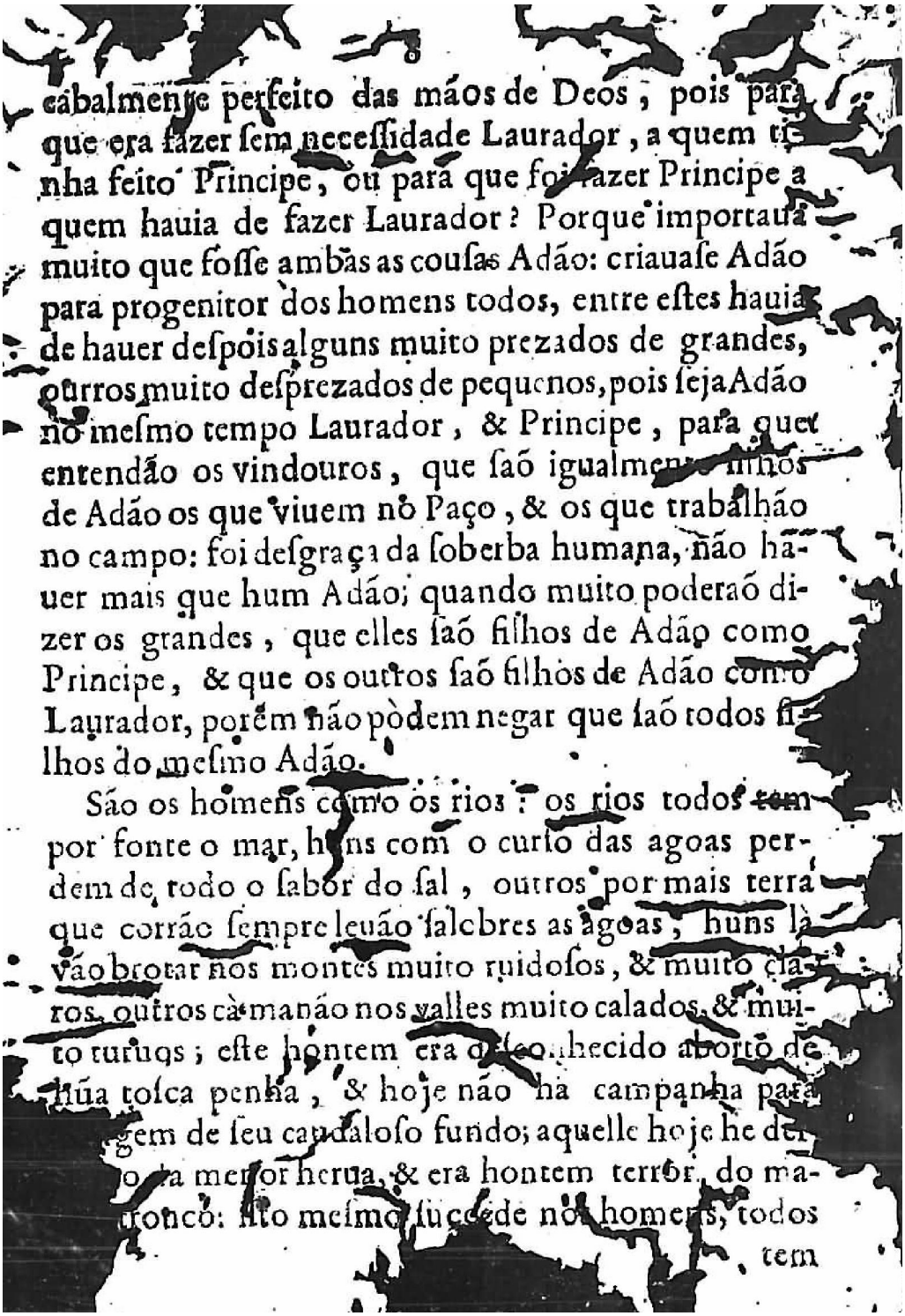
Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

ANEXO A – Folha de rosto do "Sermão do Dia de Cinza" (Estado A2, edição príncipe)


SERMÃO
DO
DIA DE CINZA
Que prégou
O P. ANTONIO DE SA A
Companhia de Iesu, & Prégrdor de
S. Mageſtade, na Capella Real.
IHS
EM LISBOA
Na O de Ioam da C

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

ANEXO B – Página do "Sermão do Dia de Cinza" que contém a palavra "desprezados" (Estado A2, linha 8) em substituição a "prezados" (Estado A1).

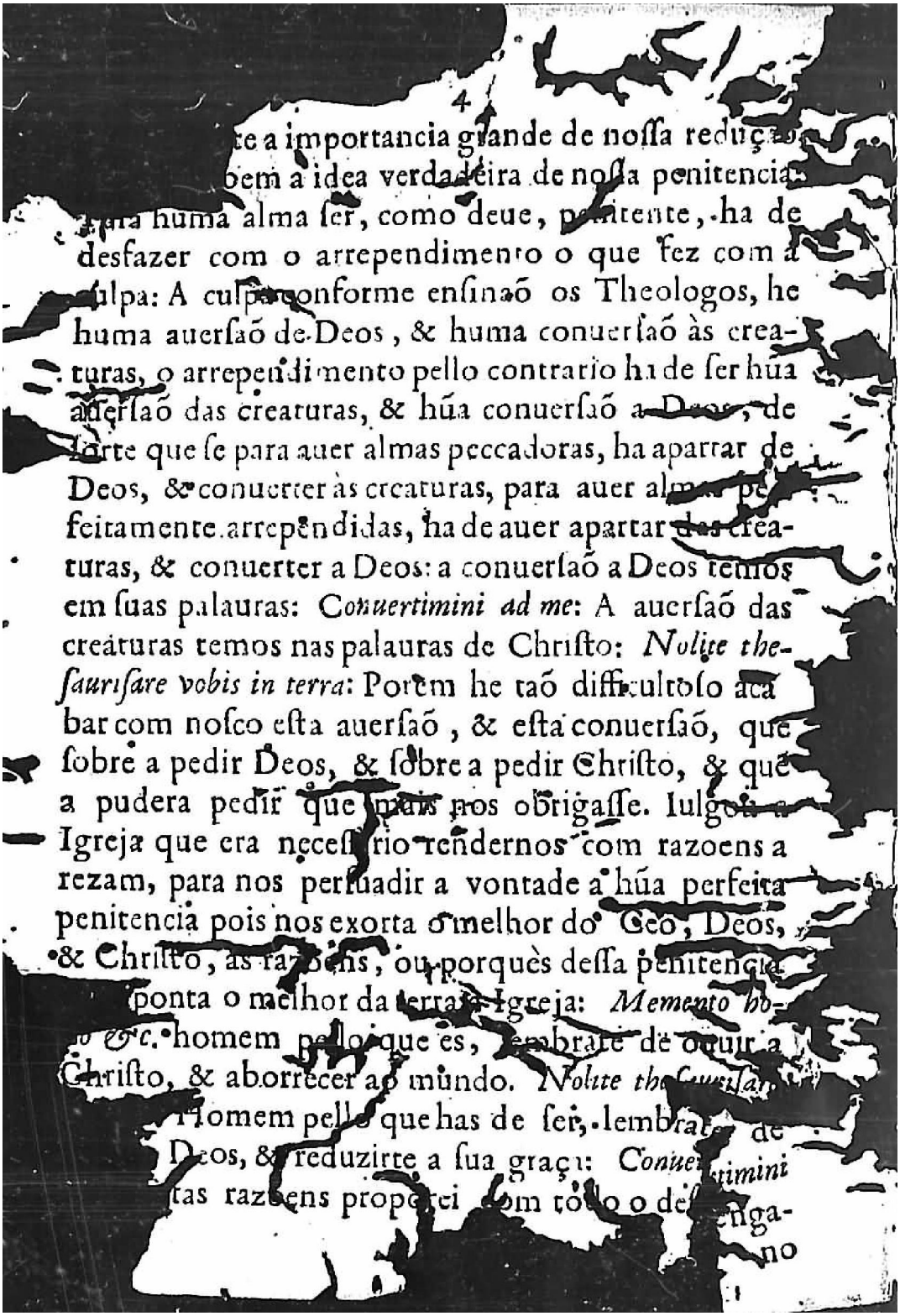


cabalmente perfeito das máos de Deos, pois para que era fazer ſem neceſſidade Laurador, a quem tinha feito Principe, ou para que foi fazer Principe a quem hauia de fazer Laurador? Porque importaua muito que foſſe ambas as couſas Adão: criauaſe Adão para progenitor dos homens todos, entre eſtes hauia de hauer deſpois alguns muito prezados de grandes, outros muito deſprezados de pequenos, pois ſeja Adão no meſmo tempo Laurador, & Principe, para que entendão os vindouros, que ſaõ igualmente filhos de Adão os que viuem no Paço, & os que trabalhão no campo: foi deſgraça da ſoberba humana, não hauer mais que hum Adão; quando muito poderaõ dizer os grandes, que elles ſaõ filhos de Adão como Principe, & que os outros ſaõ filhos de Adão como Laurador, porẽ não pòdem negar que ſaõ todos filhos do meſmo Adão.

São os homens como os rios: os rios todos tem por fonte o mar, huns com o curſo das agoas perdem de todo o ſabor do ſal, outros por mais terra que corrão ſempre leuão ſalebres as agoas, huns là vão brotar nos montes muito ruidoſos, & muito claros, outros cà manão nos valles muito calados, & muito turuos; eſte hontem era deſconhecido aborto de hũa toſca penha, & hoje não ha campanha para gem de ſeu caudaloſo fundo; aquelle hoje he de... o da meſor herua, & era hontem terror do matronco: iſto meſmo ſuccede nos homens, todos tem

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

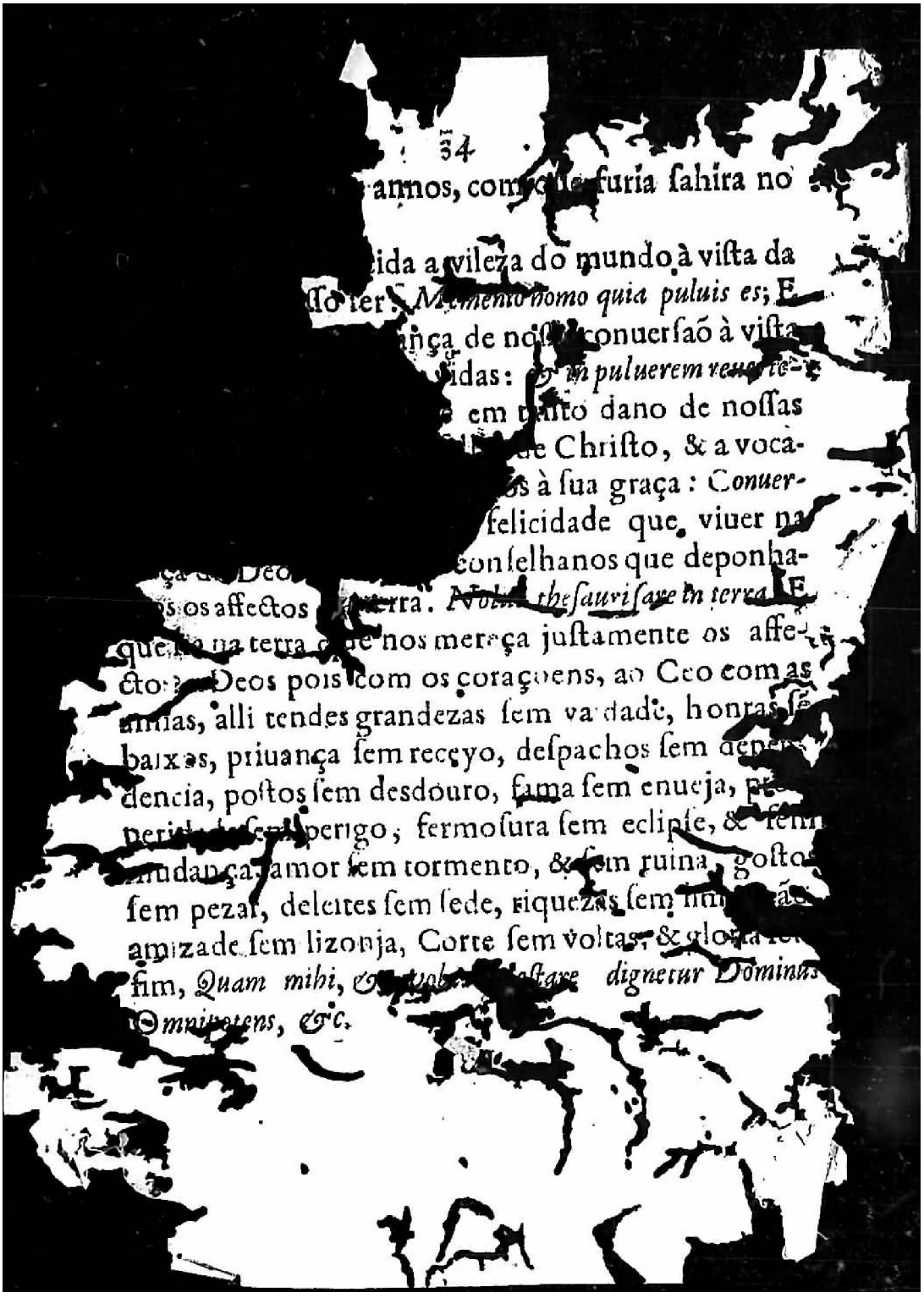
ANEXO C – Página danificada da edição A, estado A2.


4

te a importancia grande de noſſa reduçaõ
bem a idea verdadeira de noſſa penitencia:
ra huma alma ſer, como deue, penitente, ha de
desfazer com o arrependimento o que fez com a
culpa: A culpa conforme enſinaõ os Theologos, he
huma auerſaõ de Deos, & huma conuerſaõ às crea-
turas, o arrependimento pello contrario ha de ſer hũa
auerſaõ das creaturas, & hũa conuerſaõ a Deos, de
ſorte que ſe para auer almas peccadoras, ha apartar de
Deos, & conuerter às creaturas, para auer almas pe-
feitamente arrependidas, ha de auer apartar das crea-
turas, & conuerter a Deos: a conuerſaõ a Deos temos
em ſuas palauras: *Conuertimini ad me*: A auerſaõ das
creaturas temos nas palauras de Chriſto: *Nolite the-
ſaurizare vobis in terra*: Porem he taõ difficultoſo aca
bar com noſco eſta auerſaõ, & eſta conuerſaõ, que
ſobre a pedir Deos, & ſobre a pedir Chriſto, & que
a pudera pedir que mais nos obrigaſſe. Iulgou a
Igreja que era neceſſario tendernos com razoens a
rezam, para nos perſuadir a vontade a hũa perfeita
penitencia pois nos exorta o melhor do Ceo, Deos,
& Chriſto, as razoens, ou porquès deſſa penitencia
ponta o melhor da terra a Igreja: *Memento ho-
&c.* homem pello que es, lembrate de ouuir a
Chriſto, & aborrecer ao mundo. *Nolite the*
Homem pello que has de ſer, lembrate de
Deos, & reduzirte a ſua graça: *Conuertimini*
tas razoens propoſti com todo o deſ-
enga-
no

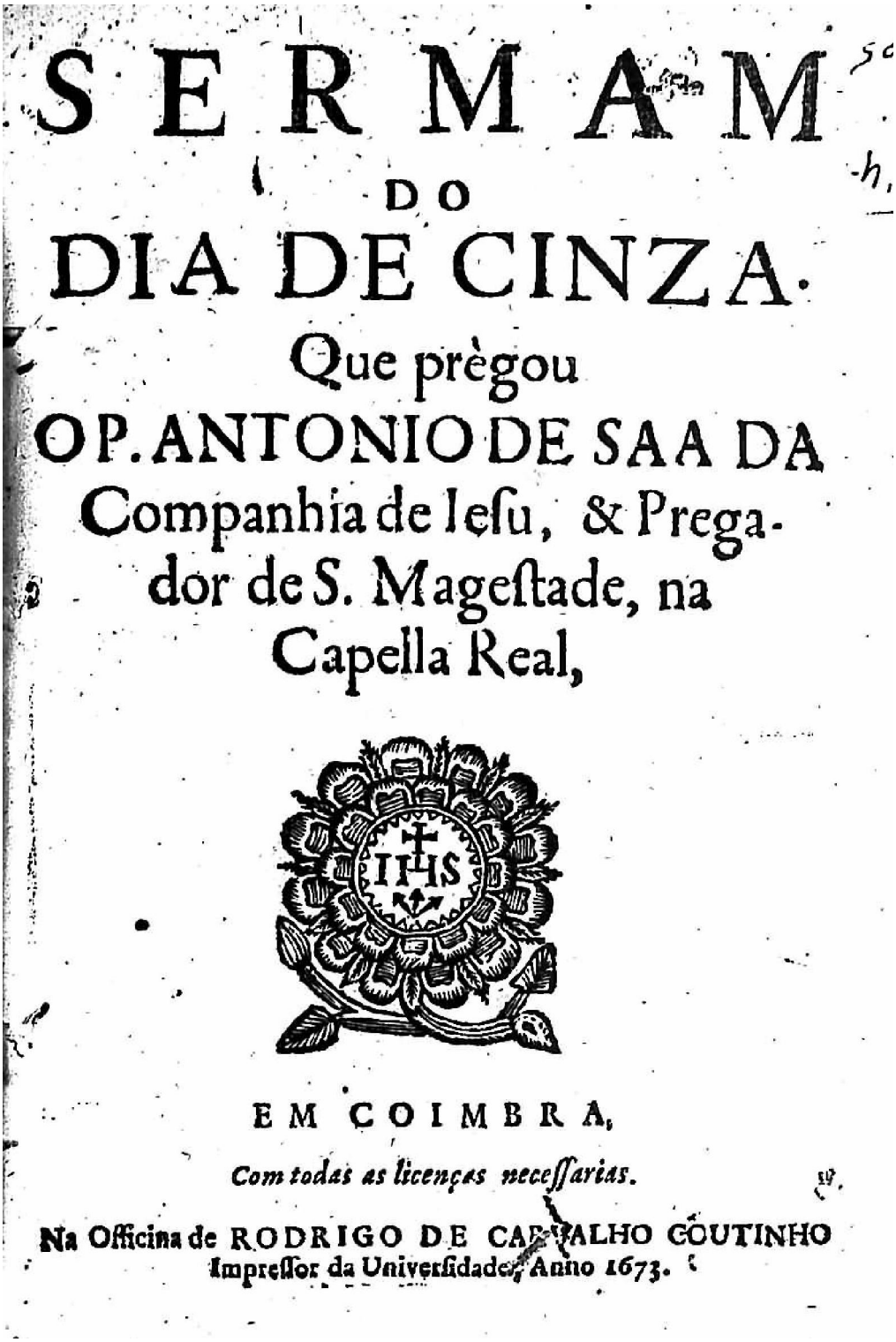
Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

ANEXO D – Outra página danificada da edição A, estado A2.



Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

ANEXO E – Folha de Rosto da edição B (1673).

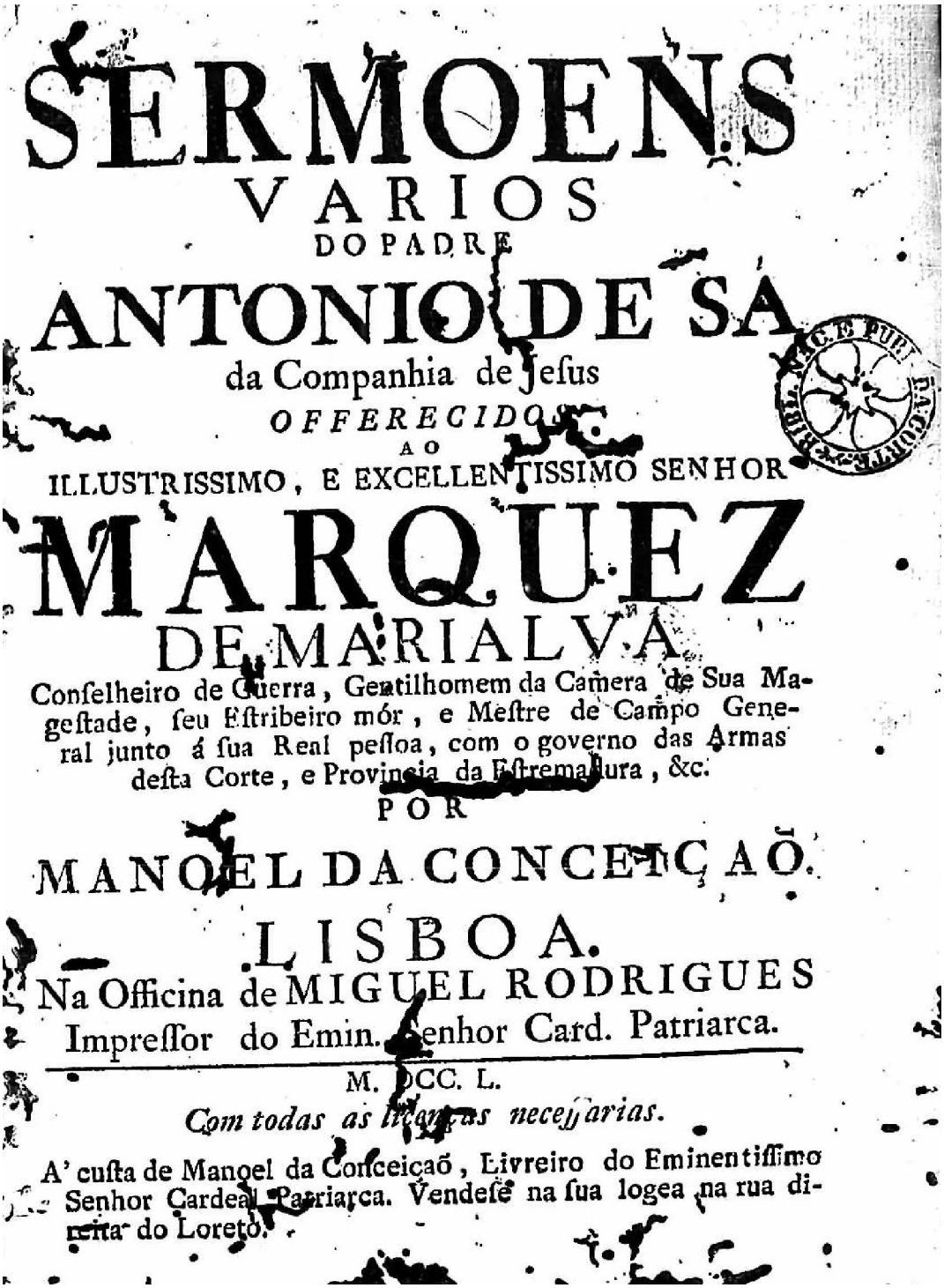


SERMAM
DO
DIA DE CINZA.
Que prègou
O P. ANTONIO DE SAA DA
Companhia de Iesu, & Prega-
dor de S. Mageſtade, na
Capella Real,

EM COIMBRA,
Com todas as licenças neceſſarias.
Na Officina de RODRIGO DE CARVALHO COUTINHO
Impreſſor da Univerſidade, Anno 1673.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

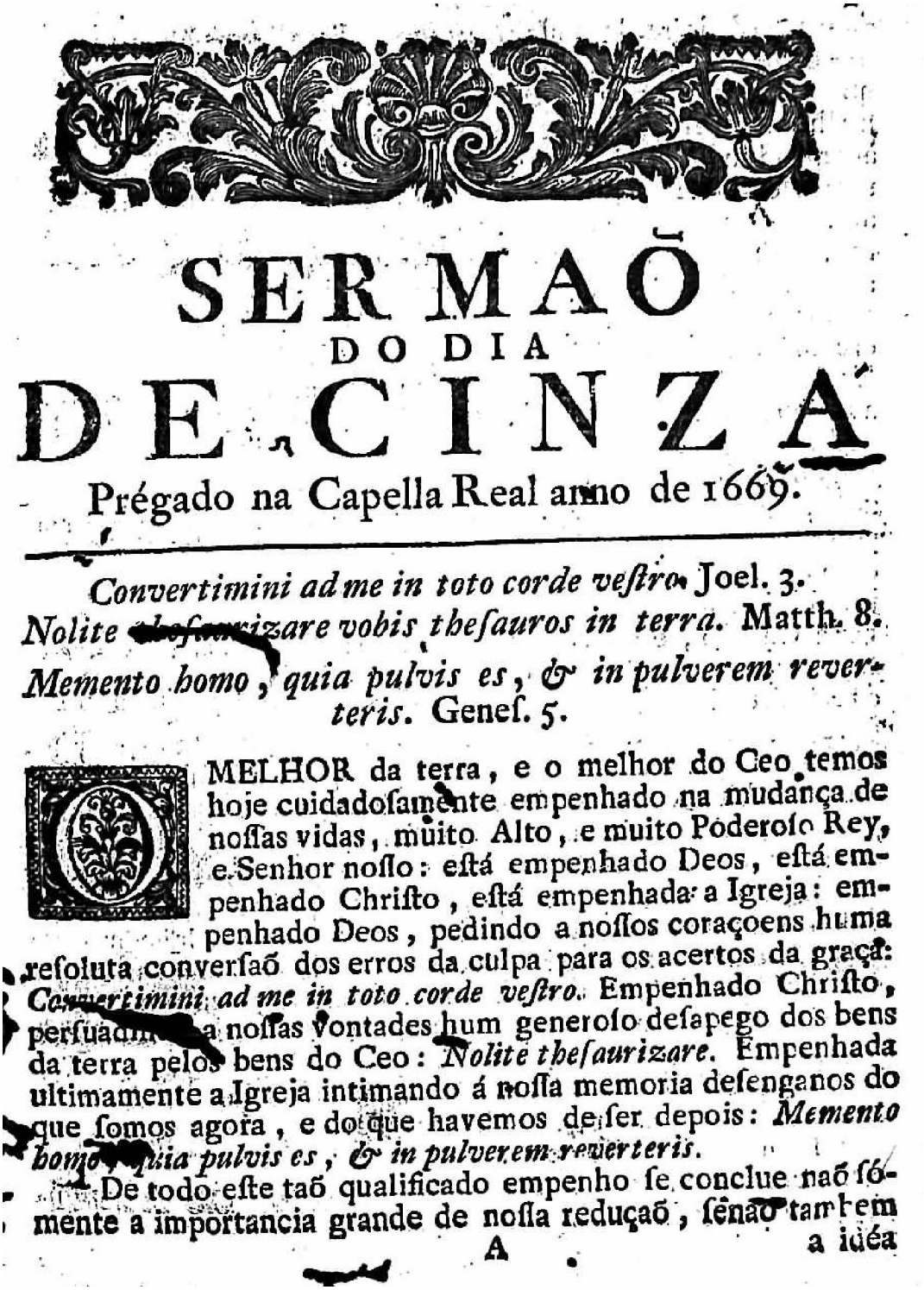
ANEXO F – Capa dos *Sermões Vários* (1750).



SERMOENS
VARIOS
DO PADRE
ANTONIO DE SA
da Companhia de Jeſus
OFFERECIDOS
AO
ILLUSTRISSIMO, E EXCELLENTISSIMO SENHOR
MARQUEZ
DE MARIALVA
Conſelheiro de Guerra, Gentilhomem da Camera de Sua Mageſtade, ſeu Eſtribeiro mór, e Meſtre de Campo General junto á ſua Real peſſoa, com o governo das Armas deſta Corte, e Provincia da Eſtremadura, &c.
POR
MANOEL DA CONCEIÇAÕ.
LISBOA.
Na Officina de MIGUEL RODRIGUES
Impreſſor do Emin. Senhor Card. Patriarca.
M. DCC. L.
Com todas as licenças neceſſarias.
A' cuſta de Manoel da Conceiçaõ, Livreiro do Eminentiſſimo Senhor Cardeal Patriarca. Vendeſe na ſua logea na rua direita do Loreto.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

ANEXO G – Primeira página do "Sermão do Dia de Cinza" nos *Sermões Vários* (1750).



SERMAÕ
DO DIA
DE CINZA
Prégado na Capella Real anno de 1669.

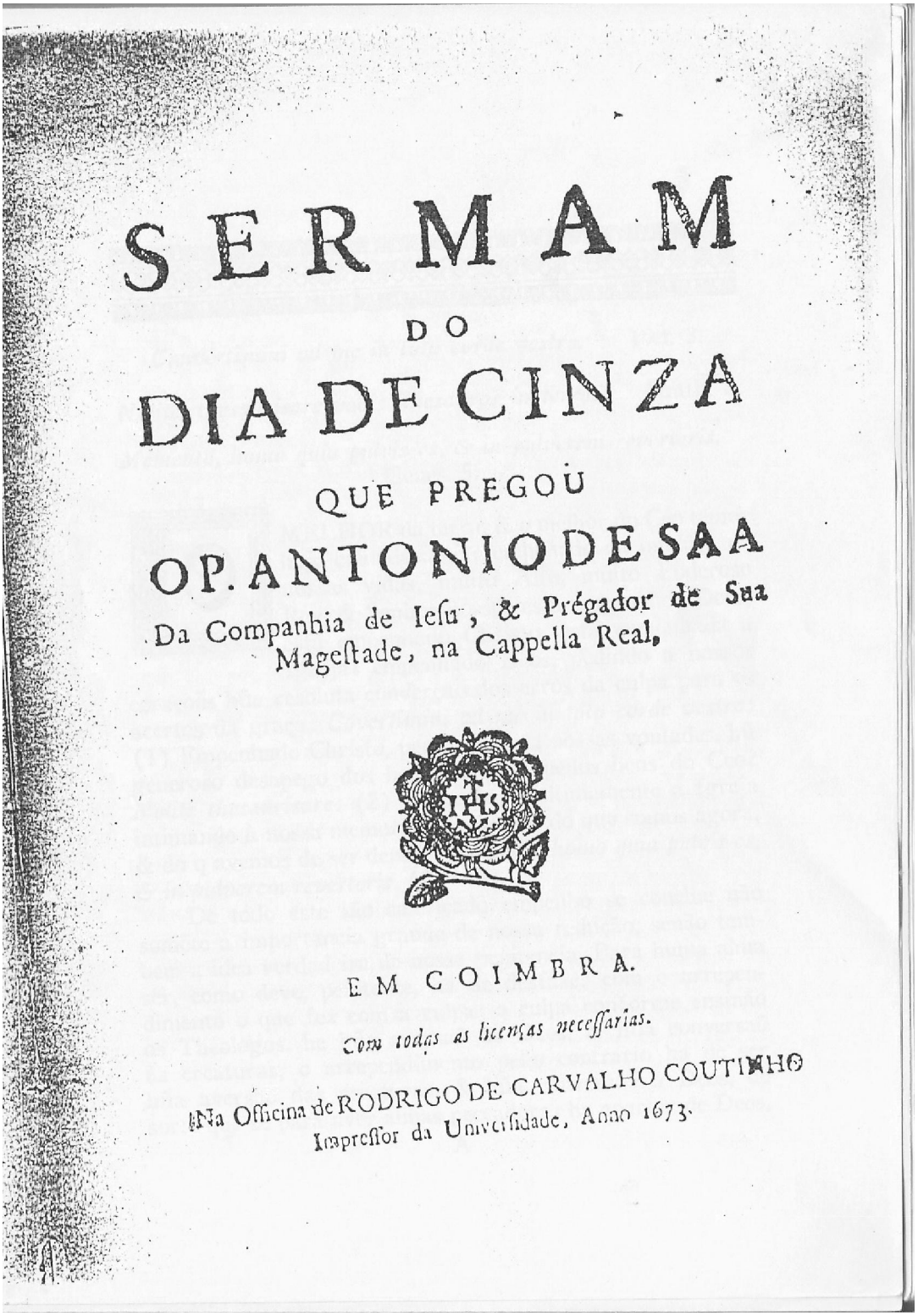
Convertimini ad me in toto corde veſtro. Joel. 3.
Nolite theſaurizare vobis theſauros in terra. Matth. 8.
Memento homo, quia pulvis es, & in pulverem reverteris. Geneſ. 5.

O MELHOR da terra, e o melhor do Ceo temos hoje cuidadoſamente empenhado na mudança de noſſas vidas, muito Alto, e muito Poderoſo Rey, e Senhor noſſo: eſtá empenhado Deos, eſtá empenhado Chriſto, eſtá empenhada a Igreja: empenhado Deos, pedindo a noſſos coraçoens huma reſoluta converſaõ dos erros da culpa para os acertos da graça: *Convertimini ad me in toto corde veſtro.* Empenhado Chriſto, perſuadindo a noſſas vontades hum generoſo deſapego dos bens da terra pelos bens do Ceo: *Nolite theſaurizare.* Empenhada ultimamente a Igreja intimando á noſſa memoria deſenganos do que ſomos agora, e do que havemos de ſer depois: *Memento homo, quia pulvis es, & in pulverem reverteris.*

De todo eſte taõ qualificado empenho ſe conclue naõ ſómente a importancia grande de noſſa reduçaõ, ſenaõ tambem a idéa

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

ANEXO H – Folha de Rosto da edição D (1924).



SERMAM

DO

DIA DE CINZA

QUE PREGOU

OP. ANTONIO DE SAA

Da Companhia de Iesu, & Prégador de Sua Mageſtade, na Cappella Real,

EM COIMBRA.

Com todas as licenças neceſſarias.

Na Officina de RODRIGO DE CARVALHO COUTINHO
Impreſſor da Univerſidade, Anno 1673.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

[i] *Jl 2, 12 [“Agora, portanto – oráculo de Iahweh* – retornai a mim de todo vosso coração*, com jejum, com lágrimas e gritos de luto.”]*
[ii] *thesaurizare*] *thesaurisare* **A B D**. *A palavra foi igualmente corrigida em todas as suas ocorrências.*
[iii] *Mt 6, 19 [“*Não ajunteis para vós tesouros na terra*, onde a traça e o caruncho os corroem e onde os ladrões arrombam e roubam”.]*
[iv] *Gn 3, 19 [“Com o suor de teu rosto comerás teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado*. Pois tu és pó e ao pó tornarás.*”] As palavras “Memento homo” (= “Lembra-te, homem”) são palavras com que a igreja exorta os cristãos a se lembrarem das palavras ditas por Deus a Adão, por ocasião de sua expulsão do paraíso.*
[v] e o melhor] e melhor **B**.
[vi] e muito] muito **D**.
[vii] despois] depois **B C D**. *Forma antiga, ainda hoje conservada na linguagem vulgar*.
[viii] calificado] qualificado **C**, caleficado **D**. *“Calificado” é forma popular, em que o grupo “qu” é reduzido a “c” duro pela perda do som menos sonoro, “u”, na forma latina* qualificāre*, e derivadas. A forma “qualificado” é recuperação erudita da grafia latina (séc. XVII), que influenciou a pronúncia.* (BARRETO, 1982, p. 311-312.)
[ix] aversão] conversão **D**.
[x] sobre a pedir Deus] sobre o pedir a Deus **D**.
[xi] e quem] quem **C**.
[xii] rezão] razão **C D**.
[xiii] Homem pelo que hás de ser] Homem que hás de ser **B D**.
[xiv] à razão para] a razão pera **D**.
[xv] pretende] pertende **C**.
[xvi] *“amor alheio”: amor do que não é nosso.* (Nota de José Américo Miranda)
[xvii] desestima] desastima **D**.
[xviii] para] por **C**. *Nesta passagem, “para” equivale a “por”*. (Nota de José Américo Miranda.)
[xix] de homens a homens] de homens **B D**.
[xx] é] de **B D**.
[xxi] *Viso-reinado: Vice-reinado.*
[xxii] *Gn 37, 6-7 [Ele lhes disse: “Ouvi o sonho que eu tive:* pareceu-me que estávamos atando feixes nos campos, e eis que o meu feixe se levantou e ficou de pé*, e vossos feixes o rodearam e se prostraram diante de meu feixe”.]*
[xxiii] reverentes] revertentes **B D**.
[xxiv] prostrados] postrados **D**.
[xxv] *No texto-base há um erro óbvio: no lugar de “paveias” está “pveias” (grafado “ pueas”).*
[xxvi] cuidadosa] cuidadasa **D**.
[xxvii] *volatilibus] volatíbilibus* **D**.
[xxviii] *Gn 1, 26 [Disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles* dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu*, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra”.]*
[xxix] *operaretur] oporaretur **D**. Gn 2: 15 [Iahweh Deus tomou o homem e* o colocou no jardim do Éden para o cultivar *e o guardar.]*
[xxx] para] pera **D**.
[xxxi] despois] depois **C**.
[xxxii] outros] ourros **A**.
[xxxiii] desprezados] prezados **A1**.
[xxxiv] que] quo **D**.
[xxxv] terra] terras **D**.
[xxxvi] turvos] turvo **D**.
[xxxvii] ontem] homem **D**.
[xxxviii]caudaloso] caudeloso **D**.
[xxxix] outros] outras **D**.
[xl] envilecidos] invelecidos **A B D,** invilecidos **C**.
[xli] razão] rezão **D**.
[xlii] deponhamos] deponhmos **D**.
[xliii] a] às **C**.
[xliv] levantara] levantava **D**.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

[xlv] *2Sm 7, 9 [Eu estive contigo por onde ias e destruí todos os teus inimigos diante de ti.* Eu te darei um grande nome *como o nome dos grandes da terra.]*
[xlvi] adverte] a adverte **B D**.
[xlvii] nome as] nome ar **B**, nomear **D**.
[xlviii] pastor] postor **D**.
[xlix] *et super*] *super* **D**.
[l] *aedificabo*] *edificabo* **A B D**.
[li] *Mt 16, 17-18 [Jesus respondeu-lhe: "*Bem-aventurado és tu, Simão*, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isso, e sim meu pai que está nos céus. Também eu te digo que* tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha igreja, *e as portas do hades nunca prevalecerão contra ela."]*
[lii] a quem] quem **B D**.
[liii] *Em **A**, este parágrafo termina por vírgula.*
[liv] *Mt 17, 3 [E eis que lhes apareceram Moisés e Elias conversando com ele.]; Mc 9, 4 [E lhes apareceram Elias com Moisés, conversando com Jesus.]; Lc 9, 0-31 [E eis que dois homens conversavam com ele: eram Moisés e Elias que, aparecendo envoltos em glórias, falavam de seu êxodo que se consumaria em Jerusalém.]*
[lv] e não-ser] e o não ser **D**.
[lvi] Em **A**, não há neste local novo parágrafo. No entanto, a estrutura do parágrafo 25 sugere-nos essa intervenção.
[lvii] pode] e pode **C**.
[lviii] despenhar] despenhar-se **C**.
[lix] à menhã] à manhã **C**. *"Menhã": forma antiga e informal, o mesmo que "manhã".* Houaiss *não registra "amenhã".*
[lx] para] pera **D**.
[lxi] infamemente] infamente **B D**.
[lxii] precipitados] precipitodos **D**.
[lxiii] *Valeriano, imperador romano. Foi aprisionado por Sapor I, rei dos persas, em 260 d.C., e morreu no cativeiro. (Nota de João Luís de Campos, na edição de 1924.)*
[lxiv] *Creso, quinto rei da Lídia. Foi vencido e destronado por Ciro, rei dos persas. Não chegou a ser queimado, como deixa supor o sermão. (Nota de João Luís de Campos, na edição de 1924.)*
[lxv] fogueira] fogeira **B D**.
[lxvi] *Dionísio II, o jovem, tirano de Siracusa (367-356), filho do célebre Dionísio, o antigo. (Nota de João Luís de Campos, na edição de 1924.)*
[lxvii] *Segundo certa tradição, Dionísio II arruinou-se com o luxo e os prazeres e na velhice foi mestre-escola. Cf.* Encyclopedia e diccionario internacional. *Rio de Janeiro: W. M. Jackson, s.d. v.VI. p.3.627. (Nota de José Américo Miranda.)*
[lxviii] Jugurta] Iugutta **D**. *Jugurta, rei da Numíbia, antigo reino da África setentrional. Foi grande inimigo dos romanos. Preso pelo rei da Mauritânia, foi entregue a Sila, conduzido a Roma em triunfo e encerrado em uma prisão. (Nota de João Luís de Campos, na edição de 1924.)*
[lxix] *Aulus Vitelius, imperador romano. Foi vencido por Vespasiano e decapitado (69 d.C.). (Nota de João Luís de Campos, na edição de 1924.)*
[lxx] *Bajazeto I, Imperador otamano que, em 1402, foi vencido em Ancara e aprisionado por Tarmelão, chefe mongol. Morreu na prisão.*
[lxxi] *Domício Aureliano, imperador romano de 270 a 275. (Nota de João Luís de Campos, na edição de 1924.)*
[lxxii] *Metáfora culta: "Estrela" por Ester – personagem bíblica, esposa de Assuero. O nome significa, em persa, "estrela", e era assim conhecida por sua extrema beleza. Ester, na verdade, chamava-se Hadassa, de "hadass", que significa murta, arbusto muito proveitoso.*
[lxxiii] *Sintaxe irregular: "o" refere-se a "Amã".*
[lxxiv] *Amã (segundo o que se depreende da leitura do Livro de Ester) é um príncipe persa, inimigo dos judeus. Era o favorito do rei Assuero, o que lhe proporcionava prestígio e regalias. Porém, Mardoqueu, judeu, primo de Ester, recusou-se a reverenciá-lo, atraindo-lhe a ira. Amã, então, persuade o rei a decretar o extermínio dos judeus dispersos pelo reino persa. Mas seus planos malogram, devido à astúcia de Ester; e ele acabou morrendo na forca que preparara para Mardoqueu.*
[lxxv] favorecido] fovorecido **D**.
[lxxvi] *Assuero: conhecido também como Xerxes I, rei persa (486-465 a.C.), filho de Dario I.*

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

[lxxvii] amenhã] à manhã **C D**. *A palavra tem aqui, possivelmente, estas acepções: a) amanhã pela manhã, e b) em época futura indeterminada.*
[lxxviii] de uma] de **D**.
[lxxix] *Est 3, 1 [Depois dessas coisas, o rei Assuero engrandeceu a Amã, filho de Amadates, do país de Agag. Exaltou-o em dignidade e lhe concedeu preeminência sobre todos os altos oficiais, seus colegas.]; Est 7, 10 [Amã foi, pois, enforcado na forca que ele preparara para Mardoqueu e aplacou-se a ira do rei.]*
[lxxx] sim] fim **D**.
[lxxxi] beneméritos] benemérito **D**.
[lxxxii] pretender] pertender **C**.
[lxxxiii] para] por **C**. *Também aqui, "para" equivale a "por".*
[lxxxiv] Salomão] Salamão **A**.
[lxxxv] *Stellio*] *Stelio* **A B D**.
[lxxxvi] *Pr 30, 24 e 28 [No mundo há quatro coisas pequenas, mais sábias do que os sábios:* …as lagartixas, que se deixam apanhar pela mão, mas entram nos palácios dos reis.*]*
[lxxxvii] *"generosidade": do latim* generosĭtas, ātis, *com os sentidos etimológicos de "nobreza", "boa raça (de animais)".*
[lxxxviii] sem] sim **A**.
[lxxxix] omnia] õnia **A**.
[xc] *Mt 4, 8-9 [Tornou o diabo a levá-lo, agora para um monte muito alto. E mostrou-lhe todos os reinos do mundo com o seu esplendor e disse-lhe: "*Tudo isto te darei, se, prostrado, me adorares.*"]*
[xci] meteu] mete **D**.
[xcii] *Mt 4, 9 ["…* se, prostrado, me adorares".*]*
[xciii] sem] em **D**.
[xciv] pretendeis] pertendeis **C**.
[xcv] aventajar-vos] avantajarvos **C**, aventejarvos **D**.
[xcvi] despois] depois **C**.
[xcvii] *"dão de mão": abandonam.*
[xcviii] trombeta] trombetas **C**.
[xcix] o] a **A C**. *É inadequado no contexto o emprego do pronome "a" (= nuvem) como objeto direto do verbo "deu". Melhor pareceu-nos "o" (= trovão) como complemento do verbo.*
[c] *"correr fortuna": correr perigo. (Nota de José Américo Miranda.)*
[ci] fermosura] formosura **C**.
[cii] a cousa] a caso **D**.
[ciii] fermosura] formosura **C**.
[civ] nomes] nomens **A**. *Possível forma alatinada de "nome".*
[cv] fermosuras] formosuras **C**.
[cvi] *2Sm 13, 1 [Eis o que aconteceu depois disso: Absalão, filho de Davi, tinha uma irmã que era bela e se chamava Tamar, e Amnon, filho de Davi, se apaixonou por ela.]*
[cvii] *Dn 13, 2 [Ele* (Joaquim) *havia desposado uma mulher chamada Susana, filha de Helcias, muito bela e temente a Deus.]*
[cviii] outro] ourro **A**.
[cix] *Est 2, 7 [Ele (Mardoqueu) criou Hadassa, que é Ester, filha de seu tio, pois ela não tinha pai nem mãe. A jovem tinha um corpo bonito e aspecto agradável; à morte de seu pai e de sua mãe, Mardoqueu a adotara como filha.]*
[cx] si] sim **C**.
[cxi] menhã] manhã **C**.
[cxii] fermosura] formosura **C**.
[cxiii] aquelas] aquela **B D**.
[cxiv] *"estrelas vivas": metáfora culta – referência aos olhos. (Nota de José Américo Miranda.)*
[cxv] *"animada neve": metáfora culta – referência à pele branca da face. (Nota de José Américo Miranda.)*
[cxvi] *"partida rosa": metáfora culta – referência aos lábios. (Nota de José Américo Miranda.)*
[cxvii] alma] a mà **D**. *"Céu com alma": metáfora culta – referência à formosura feminina em geral. As três metáforas anteriores integram-se nesta: o emprego do pronome "nosso" antes dela reforça a idéia de generalização.*
[cxviii] fermosura] formosura **C**.
[cxix] concerta] conserta **A B D**.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

[cxx] divertimento] devertimento **D**.
[cxxi] absência] ausência **C**.
[cxxii] expira] espira **A B C D**. *"já expira, já se queixa, já adora, já se indigna": nessas orações, "já" tem valor alternativo, "ora…, ora…".*
[cxxiii] enfim] em fim **A C**, emfim **B D**.
[cxxiv] despois] depois **C**.
[cxxv] e um] um **D**.
[cxxvi] *2Sm 13, 32 [Mas Jonadab, o filho de Sama, irmão de Davi, tomou a palavra e disse: "Não acredite o meu senhor que todos os jovens filhos do rei morreram, porque só Amnon está morto: Absalão prometeu fazer isso desde o dia em que Amnon ultrajou a sua irmã Tamar.]*
[cxxvii] *Gn 34, 26 [Passaram ao fio da espada Hemor e seu filho Siquém, tomaram Dina da casa de Siquém e partiram.]*
[cxxviii] Dalila] Dalida **A B C D**.
[cxxix] *Jz 16, 21 [Os filisteus o [Sansão] agarraram, vazaram-lhe os olhos e o levaram a Gaza, onde o acorrentaram com uma dupla corrente de bronze, e ele girava a mó no cárcere.]*
[cxxx] fingiram] fingirão **A B C D**
[cxxxi] *A atualização ortográfica depende de interpretação: a forma "puderam" está de acordo com o* usus scribendi*, já que o autor empregava (como os outros de seu tempo) o pretérito mais-que-perfeito no lugar do futuro do pretérito. Entretanto, o futuro do presente, "poderão", também é leitura aceitável. (Nota de José Américo Miranda).*
[cxxxii] a] às **C**.
[cxxxiii] cegue] segue **A B D**.
[cxxxiv] *Em **A** este parágrafo termina por vírgula.*
[cxxxv] que] em que **C**.
[cxxxvi] nuve] nuvem **C**.
[cxxxvii] *Em **A** este parágrafo termina por vírgula.*
[cxxxviii] sequioso] seguioso **A**.
[cxxxix] *Gn 19, 26 [Ora, a mulher de Ló olhou para trás e converteu-se numa estátua de sal.]*
[cxl] *Orígenes, filósofo cristão da escola de Alexandria. A sua produção intelectual é imensa: escreveu mais de dois mil trabalhos literários e estudos sobre o antigo testamento e o novo.* (Nota de João Luís de Campos, na edição de 1924.)
[cxli] para] pera **D**.
[cxlii] despois] depois **B C D**.
[cxliii] faz] fas **B D**.
[cxliv] água] agoa **A**, agora **B D**.
[cxlv] *Em **A** este parágrafo termina por dois-pontos. Em **B** e **D**, ele e o seguinte são contínuos, ficando a divisão assinalada apenas pelos símbolos indicadores de parágrafo, "¶" e "§", respectivamente.*
[cxlvi] marés] mares **B,** maré **D**.
[cxlvii] Jacó] Jocó **D**.
[cxlviii] a receber] areceber **D**.
[cxlix] *Gn 27, 15 [Rebeca* tomou as mais belas roupas de Esaú*, seu filho mais velho, que tinha em casa, e com elas revestiu Jacó, seu filho mais novo.]*
[cl] *Jeú: um dos generais que comandavam o exército de Jorão perante Ramot de Galaad, em 843. Foi ungido por um discípulo de Eliseu, assassinou Jorão, Ocozias de Judá, Jezabel, toda a família de Acab, e foi reconhecido rei de toda Israel. Morreu em 815, depois de um desastroso reinado de vinte e oito anos. (*Enciclopédia e dicionário internacional. *Rio de Janeiro: Jackson, s.d. v. X., p. 6081.)* (Nota de José Américo Miranda.*)*
[cli] ficaram] ficarão **A B C D**.
[clii] *"erva do Sol": trata-se do girassol, cuja corola acompanha o movimento do sol, seguindo-o no céu.* (Nota de José Américo Miranda.)
[cliii] como] coma **D**.
[cliv] *foedus*] *foebus* **B D**.
[clv] *1Sm 20, 16 [Jônatas* concluiu um pacto com a casa de Davi*: "Iahweh pedirá contas disso a Davi".]*
[clvi] fortuna] furtuna D.
[clvii] a casa] acasa **D**.
[clviii] *"corre fortuna": corre perigo.*

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

[clix] *Em **B** e **D** este parágrafo e o seguinte são contínuos, ficando a divisão assinalada apenas pelos símbolos indicadores de parágrafo, "¶" e "§", respectivamente.*
[clx] despenhos] desponhamos **D**.
[clxi] porfia] porfias **D**.
[clxii] *Em **B** e **D** este parágrafo e o seguinte são contínuos, ficando a divisão assinalada apenas pelos símbolos indicadores de parágrafo, "¶" e "§", respectivamente.*
[clxiii] o desvanecido] desvanecido **B D**.
[clxiv] fermosura] formosura **C**.
[clxv] tais] taies **D**.
[clxvi] se a] sea **C**.
[clxvii] imprudente] imprudonte **D**.
[clxviii] *Em **B** e **D** este parágrafo e o seguinte são contínuos, ficando a divisão assinalada apenas pelos símbolos indicadores de parágrafo, "¶" e "§", respectivamente.*
[clxix] *Nesta passagem, e um pouco adiante no mesmo parágrafo, "lhe" está por "lhes".*
[clxx] nossa] a nossa **D**.
[clxxi] *thesaurizate*] *thesaurisare* **A B D**.
[clxxii] de] da **C D**.
[clxxiii] cousas] causas **D**.
[clxxiv] a natureza] natureza **B D**.
[clxxv] morte] marte **D**.
[clxxvi] segar] cegar **B D**.
[clxxvii] segar] cegar **B D**.
[clxxviii] a aquele] áquele **C**.
[clxxix] junto] juntos **D**.
[clxxx] *1Sm 10, 1-2 [E este é o sinal de que Iahweh te ungiu como chefe da sua herança. Hoje,* quando me deixares, encontrarás dois homens perto do túmulo de Raquel, *na fronteira de Benjamim, em Selça, e eles te dirão 'Já encontraram as jumentas que foste procurar. O teu pai esqueceu o caso das jumentas, e está aflito por tua causa e diz: Que terá acontecido ao meu filho?']*
[clxxxi] encaminhar] incaminhar **D**.
[clxxxii] *Entenda-se: "é mandá-lo a desenganar, [por]que também há de morrer quem reina:"*
[clxxxiii] sega] cega **B D**.
[clxxxiv] segadora] cegadora **B D**.
[clxxxv] *"resolvam-se": estejam preparadas.*
[clxxxvi] *Entenda-se: "resolvam-se as searas humanas, [por]que altas, ou baixas, a todas há de alcançar o golpe."*
[clxxxvii] *"o Caldeu": referência obscura.*
[clxxxviii] nunca] munca **C**.
[clxxxix] *"sentimento": "pensamento, meditação"*
[cxc] Tertuliano] Tertaliano **D**. *Septímio Tertuliano, apologista cristão, de bastante erudição (160-240). (Nota de João Luís de Campos, na edição de 1924.)*
[cxci] "segurais": *"dar como certo", "assegurar, confirmar".*
[cxcii] a roda] aroda **A B**.
[cxciii] houveram] houverão **A B C D**. *O pretérito mais-que-perfeito está pelo futuro do pretérito do indicativo.*
[cxciv] *Em **A** este parágrafo termina por vírgula.*
[cxcv] de] do **C**.
[cxcvi] lança-o] lanção **D**.
[cxcvii] *Arripiens*] *Arrîpiens* **D**.
[cxcviii] *Ex 32, 20 [*Pegou o bezerro *que haviam feito,* queimou-o e triturou-o até reduzi-lo a pó miúdo, *que espalhou na água e fez os israelitas beberem.]*
[cxcix] ouro] auro **D**.
[cc] consumiu-se] consumiouse **A**, consumiose **B C D**.
[cci] adorações] odorações **D**.
[ccii] despois] depois **C**.
[cciii] *dixi*] *dixit* **D**.
[cciv] *Dii estis*] *Dyestis* **D**.
[ccv] *Sl 82 (81), 6 [Eu declarei: vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo...]*

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

[ccvi] *Sl 82 (81), 7 [...contudo, morrereis como qualquer homem, caireis como qualquer, ó príncipes.]*
[ccvii] repare] reparo **C**.
[ccviii] assi] assim **C**.
[ccix] assi] assim **C**.
[ccx] soberania] soberba **D**.
[ccxi] até agora] ateagora **A**, atégora **C**.
[ccxii] tendo] tende **D**.
[ccxiii] assi] assim **C**.
[ccxiv] criou] creou **C**.
[ccxv] despois] depois **C**.
[ccxvi] *sicut Dii*] *sicutDij* **A**, *sicut Dij* **B D**.
[ccxvii] *1Rs 22, 30 [O rei de Israel disse a Josafá: "Vou disfarçar-me para entrar no combate, mas quanto a ti, veste-te com tuas roupas!"]*
[ccxviii] *Entenda-se: o exército de Síria. (Nota de José Américo Miranda)*
[ccxix] *Jz 4, 15 [Iahweh encheu de pânico Sísara, com todos os seus carros e todo o seu exército, diante de Barac. Sísara desceu do seu carro e fugiu a pé.]*
[ccxx] apeados] a peados **D**.
[ccxxi] outras] otras **D**.
[ccxxii] *sic*] *sicut* **D**.
[ccxxiii] *efflorebit*] *florebit* **A B C D**. *Sl 103 (102), 15-16 [O homem!… seus dias são como a relva:* ele floresce como a flor do campo*; roça-lhe um vento e já desaparece, e ninguém mais reconhece o seu lugar.]*
[ccxxiv] assi] assim **C**.
[ccxxv] maduros] muduros **D**.
[ccxxvi] outros] outras **D**.
[ccxxvii] maneira] matéria **D**.
[ccxxviii] para] pera **D**.
[ccxxix] frutos] fructos **C**.
[ccxxx] *tetendit*] *tetendi* **B D**.
[ccxxxi] *in eo*] *ineo* **A B**.
[ccxxxii] *Sl 7, 13-14 [Se o homem não se corrige,* que afie sua espada, retese seu arco e o aponte, mas é para si que faz armas de morte e fabrica suas setas flamejantes.]
[ccxxxiii] *arcus*] *arous* **D**.
[ccxxxiv] *S. Atanásio, o Grande. (Nota de João Luís de Campos, na edição de 1924.)*
[ccxxxv] *Gn 4, 8 [Entretanto Caim disse a seu irmão Abel: "Saiamos." E, como estavam no campo, Caim se lançou sobre seu irmão Abel e o matou.]*
[ccxxxvi] para] pera **D**.
[ccxxxvii] o homem] homem **D**.
[ccxxxviii] si] sim **C**.
[ccxxxix] *adaequabitur*] *adequabitur* **A B D**.
[ccxl] *Jó 28, 17 [*Não a (= sabedoria) igualam o ouro, nem o vidro, *não se paga com vasos de ouro fino.]*
[ccxli] vidros] vidro **B D**.
[ccxlii] quebrará] quebrara **A B D**.
[ccxliii] galanteria] galantaria **B C D**.
[ccxliv] Ó] O **A B D**, Oh **C**.
[ccxlv] para] pera **D**.
[ccxlvi] *Mt 26, 24 ["Com efeito, o Filho do Homem vai, conforme está escrito a seu respeito, mas ai daquele homem por quem o Filho do Homem for entregue! Melhor seria para aquele homem não ter nascido!"]*
[ccxlvii] nos] nas **D**.
[ccxlviii] despois] depois **C D**.
[ccxlix] se é bem para] se bem pera **D**.
[ccl] se é mal] se mal **D**.
[ccli] arrepender-vos] arrpendervos **A**.
[cclii] despois] depois **C**.
[ccliii] o número] número **D**.
[ccliv] para] pera **D**.
[cclv] causas] cousas **D**.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

[cclvi] para] pera **D**.
[cclvii] para] pera **D**.
[cclviii] pretendeis] pertendeis **C**.
[cclix] para] pera **D**.
[cclx] amenhã] amenhaã **A B D**, a manhã **C**.
[cclxi] viram] virõ **B**.
[cclxii] despois] depois **B C D**.
[cclxiii] vistes] viste **D**.
[cclxiv] *"com tudo": emprego concessivo – "apesar de tudo". Rodrigues Lapa (*Estilística da língua portuguesa. *Rio de Janeiro, 1973, p. 200.) comenta que na língua arcaica e clássica a preposição "com" possuía sentido concessivo. E diz: "Na linguagem de D. Dinis, 'com todo esto' significa 'apesar de tudo isto'"; e observa que para o sentido concessivo da preposição valeu "a proximidade do pronome 'todo'". Mais: "A palavra 'contudo', hoje uma conjunção adversativa", foi originalmente uma expressão concessiva e escrevia-se separadamente: 'com tudo' (= apesar de tudo)".*
[cclxv] unha] vinha **D**.
[cclxvi] impedidos] impodidos **D**.
[cclxvii] despois] depois **B C D**.
[cclxviii] *Mt 25,11-12 [Finalmente, chegaram as outras virgens, dizendo: "*Senhor, senhor, *abre-nos!" Mas ele respondeu: "Em verdade vos digo:* não vos conheço!*"]*
[cclxix] de guardar] guardar **C**.
[cclxx] futuro] fu turo **A**.
[cclxxi] pode] pôde **A**, póde **B C D**.
[cclxxii] pera] para **C**.
[cclxxiii] *S. Bernardo, primeiro abade de Clairvaux, doutor da igreja, grande estudioso das sagradas escrituras e dos escritos teológicos. (Nota de João Luís de Campos, na edição de 1924.)*
[cclxxiv] tantos] tontos **D**.
[cclxxv] a] o **D**.
[cclxxvi] aventura] a ventura **D**.
[cclxxvii] a nossa] nossa **C**.
[cclxxviii] este] esse **D**.
[cclxxix] ou] on **B**.
[cclxxx] ponto] porto **D**.
[cclxxxi] *quaecumque*] *quaecũque* **A**.
[cclxxxii] *Gl 6, 7-8 [Não vos iludais;* de Deus não se zomba. O que o homem semear, isso colherá***:*** *quem semear na sua carne, da carne colherá corrupção; quem semear no espírito, do espírito colherá a vida eterna.]*
[cclxxxiii] assi] assim **C**.
[cclxxxiv] *seminaverit*] *seminaverît* **D**.
[cclxxxv] *et*] *etc* **D**.
[cclxxxvi] isto] isso **B C**.
[cclxxxvii] para] pera **D**.
[cclxxxviii] para] par **D**.
[cclxxxix] para] pera **D**.
[ccxc] de] da **B C**.
[ccxci] deixa-vos] dexaivos **D**.
[ccxcii] para] pera **D**.
[ccxciii] aumentar] augmentar **C**.
[ccxciv] aumentar] augmentar **C**.
[ccxcv] e não] não **D**.
[ccxcvi] se] ela se **C**.
[ccxcvii] *tetendit*] *tetendi* **D**.
[ccxcviii] *Lm 2, 4 [Como um inimigo* retesou seu arco, *firmou sua direita, massacrou, inimizado, todos os que encantavam os olhos. Sobre a tenda da filha de Sião, como um fogo, derramou o seu furor.]*
[ccxcix] S. Jerônimo] S. Hieron **A**, Jeronymo **C**. *S. Jerônimo, o mais erudito dos doutores da igreja. Fez uma admirável tradução da Bíblia, em língua latina. A sua obra é considerável. Viveu de 340 a 420. (Nota de João Luís de Campos, na edição de 1924.)*
[ccc] *Quanto*] *Quando* **D**.

Generated by Foxit PDF Creator © Foxit Software
http://www.foxitsoftware.com For evaluation only.

[ccci] cinqüenta] sincoenta **A B**, cincoenta **C D**.
[cccii] importância] importança **A B**.
[ccciii] *convertimini*] *convertîmini* **D**.
[ccciv] aconselha-nos] a conselhanos **B**.
[cccv] fermosura] formosura **C**.